



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Comunicação Social

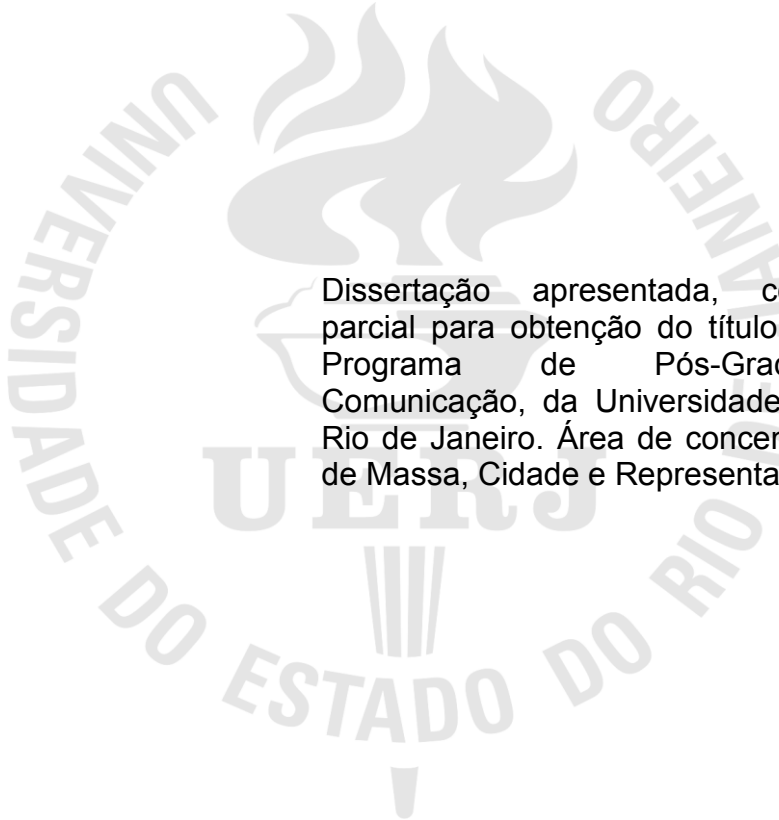
Mônica Nunes Neustadt

**Tantas histórias, tantas lembranças:  
o cotidiano dos idosos na Candelária, Morro da Mangueira**

Rio de Janeiro  
2014

Mônica Nunes Neustadt

**Tantas histórias, tantas lembranças:  
o cotidiano dos idosos da Candelária, Morro da Mangueira**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura de Massa, Cidade e Representação Social.

Orientador: Prof. Dr. João Luís de Araújo Maia

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N496 Neustadt, Mônica Nunes.  
Tantas histórias, tantas lembranças: o cotidiano dos idosos na  
Candelária, Morro da Mangueira / Mônica Nunes Neustadt. – 2014.  
125 f.

Orientador: João Luís de Araújo Maia.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social.

1. Idosos – Teses. 2. Mangueira (Rio de Janeiro, RJ) – Teses. 3.  
Memória – Teses. I. Maia, João Luís de Araújo. II. Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU (815.3)-053.88

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Mônica Nunes Neustadt

**Tantas histórias, tantas lembranças:  
o cotidiano dos idosos da Candelária, Morro da Mangueira**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura de Massa, Cidade e Representação Social.

Aprovada em: 26 de março de 2014.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. João Luís de Araújo Maia (Orientador)  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof. Dr. João Baptista Ferreira de Mello  
Faculdade de Geografia - UERJ

---

Prof. Dr. Mohammed Abajji  
Faculdade de Comunicação Social - UFRJ

Rio de Janeiro  
2014

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antonio Carlos e Terezinha, que nunca mediram esforços para me ajudar em todos os momentos de minha vida. Nesses últimos dois anos, souberam da importância deste trabalho e compreenderam as minhas ausências e a falta de atenção. Eles chegaram até a mudar a própria rotina para facilitar meus estudos e trazer mais tranquilidade ao meu dia a dia de pesquisadora. A vocês, eu dedico este trabalho, que tanto me fez crescer não só intelectualmente, mas também como pessoa.

Não posso deixar de dedicar também esta dissertação aos idosos da Candelária: Dona Adineva, Seu Mangueira, Macumba e Seu Rubinho, que me receberam com tanto carinho e me fizeram sentir em casa.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, a Deus, ao Mestre Jesus e à Santa Terezinha, que me ampararam, dando-me força, energia e tranquilidade em todos os momentos deste trabalho, principalmente nos mais difíceis.

Ao João Maia, meu orientador querido e conselheiro, que me acolheu com tanto carinho nesse mundo acadêmico e me ensinou a ser menos “dura” e mais poética no momento da escrita assim como na forma de olhar a vida.

À querida Kely Louzada, uma amiga que fiz dentro da Candelária. Foi meu anjo da guarda, o meu porto seguro dentro da comunidade. Divertida, engraçada, passional, não leva desaforo para casa, mas uma grande parceira. Sem ela, tudo teria sido bem mais difícil.

À Deise Louzada, prima de Kely e defensora dos idosos dentro da Candelária. Espontânea, extrovertida, receptiva e muito simpática. Desde o primeiro momento, acreditou neste trabalho.

Às professoras Cinthia SanMartin e Denise Siqueira, que me guiaram com sabedoria e suas leituras atentas durante a minha qualificação.

Aos amigos que acompanharam de perto essa trajetória e compreenderam minhas ausências e minha falta de tempo.

Aos professores João Baptista e Mohammed Abajji por aceitar o convite de participar de minha banca de defesa.

Aos funcionários e ao corpo docente do PPGCOM/UERJ, agradeço pela atenção e auxílio em todos os momentos solicitados.

Aos companheiros do CAC – Carla Helal, Cristiane Carvalho, Guto Lacerda –, aos estagiários e colaboradores que ajudaram em decupagens das entrevistas, filmagens e nas aventuras e andanças pela Candelária.

## RESUMO

NEUSTADT, M. N. *Tantas histórias, tantas lembranças*: o cotidiano dos idosos na Candelária, Morro da Mangueira. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

*Tantas histórias, tantas lembranças* analisa a relação entre os moradores mais antigos e a comunidade da Candelária, uma das localidades do Morro da Mangueira, no Rio de Janeiro. Além disso, busca resgatar lembranças, saber da história da região com base em relatos orais dos idosos, rememorar causos famosos e pitorescos, descobrir lugares de memória e acompanhar um pouco do dia a dia dos mais velhos, principalmente daqueles que participam do jogo de dominó. A presença da mulher é muito marcante dentro da comunidade, sendo, muitas vezes, a responsável pelo sustento da casa e pela educação dos filhos. Utiliza-se como suporte teórico autores como Peter Burke (2005), Néstor Garcia Canclini (2006) e Roger Chartier (2002), para tratar de algumas noções de culturas; Beatriz Sarlo (2007), Jacques Le Goff (2003), Maurice Halbwachs (1968) e Michael Pollak (1992), para falar sobre memória. Para a contextualização dos lugares, baseia-se na geografia humanista com Yi Fu Tuan (1983) e o arcabouço teórico de Milton Santos (2008). As narrativas analisadas neste trabalho foram coletadas durante seis meses de investigação por meio de uma pesquisa participante que envolveu filmagens para um documentário, bem como utilização de entrevistas em profundidade e a elaboração de diários de campo. Nesses relatos, percebe-se que, na favela, o tempo das relações é diferente, mais lento, sendo mais “saboreado” por seus habitantes. Tempo que se mescla com as tecnologias da comunicação levadas pelas novas gerações – não assimiladas pela maioria dos mais velhos –, as quais não ofuscam as relações afetuosas, que, como bem diz Milton Santos, transformam um espaço de convivência em um lugar. A origem de Minas Gerais permanece cristalizada, presente, viva em todos os momentos, sejam em festas comunitárias, nas comidas, na Folia de Reis. Tradições tentam ser preservadas pelos atores sociais, mas percebe-se que ocorreram algumas adaptações ao longo do tempo. Os idosos representam influências na cultura cotidiana, não como protagonistas, mas como referências cujas opiniões são consultadas e ouvidas por boa parte dessa comunidade tão peculiar chamada Candelária.

Palavras-chave: Comunicação. Idosos. Memória. Mangueira.

## ABSTRACT

NEUSTADT, M.N. *So many histories, so many memories: the daily life of elderly people in Candelária, Morro da Mangueira*. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

*So many histories, so many memories* examines the relationship between the old-established residents and the community from Candelária, one location from Morro da Mangueira, in Rio de Janeiro's North area. Besides that, it aims to recall memories, get to know the area's history from oral narratives from the elderly people, remember famous and quaint facts, find out memorable places and follow a little bit the daily life of the eldest ones, mostly the ones that join the domino board game. The women are really present in the community, being many times responsible for the financial support of the family and the parenting of the children too. As an academic support, authors like *Peter Burke (2005)*, *Néstor Garcia Canclini (2006)* and *Roger Chartier (2002)* were used to deal with some culture concepts. *Beatriz Sarlo (2007)*, *Jacques Le Goff (2003)*, *Maurice Halbwachs (1968)* and *Michael Pollak (1992)* regarding the memory topic itself. And for the places contextualization, it was based on the humanist geography from *Yi Fu Tuan (1983)* and the theoretical framework from *Milton Santos (2008)*. The narratives here analyzed were collected during six months of investigation through a participant study that included filming for a documentary, as well as the deep use of the interviews and the development of a field log. Through these narratives it is noticeable that in the slum the time of the relationships is different, slower, being more savored by its inhabitants. Time which is merged with the communication technology brought by the new generations; technology that is not assimilated by most of the elderly residents but that, at the same time, does not overshadow the tender relationships that, as *Milton Santos* says, convert a coexistence space into a place. The Minas Gerais origin remains crystallized, present, alive in all moments, like in the communal parties, the food, the *Folia de reis*. The social actors try to preserve traditions, but it is noticeable that some of these traditions have been through adjustments during the time. The elderly residents have influence in the daily culture, not as protagonists, but as a reference, having their opinions consulted and taken into consideration by most people in this so peculiar community called Candelária.

Keywords: Communication. Elderly. Memory. Mangueira.



## LISTA DE FOTOS

Foto 1 -	Time da Terceira Idade da parte baixa da Candelária.....	65
Foto 2 -	O troféu da vitória: Seu Mangureira segura a taça do torneio de 7 de setembro, abraçado com Macumba.....	66
Foto 3 -	Jogo de dominó dos idosos da Candelária. De frente, com a camisa do Fluminense, Seu Mangureira; à direita dele, Gilson; ao lado dele, Dona Adineva.....	80
Foto 4 -	Pintura representando o palhaço.....	92
Foto 5 -	Foliões da Sagrada Família na Festa do Arremate.....	93
Foto 6 -	Mesa de doces da Festa Junina da Candelária.....	98

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>METODOLOGIA</b> .....	13
2	<b>OS DIVERSOS TEMPOS NA CANDELÁRIA</b> .....	21
2.1	<b>“As pessoas têm uma imagem distorcida da comunidade”</b> .....	27
2.2	<b>De submissa a matriarca: a representação do feminino</b> .....	30
2.2.1	<b><u>“As mulheres da Mangueira não se deixam bagunçar”</u></b> .....	35
2.3	<b>Idosos da Candelária: conexão <i>off-line</i> com as novas tecnologias...</b>	40
3	<b>A MEMÓRIA DO LUGAR</b> .....	44
3.1	<b>A Candelária como lugar de memória</b> .....	51
3.1.1	<b><u>O cemitério dos cachorros</u></b> .....	52
3.1.2	<b><u>A fábrica de Cerâmica</u></b> .....	57
3.1.3	<b><u>O campo de futebol</u></b> .....	62
3.2	<b>Beco do Caetano, beco do tempero, beco das crianças: os lugares como construtores de histórias na comunidade</b> .....	67
3.3	<b>Candelária: A Zona Sul da Mangueira</b> .....	69
4	<b>TRADIÇÕES INVENTADAS OU PRESERVADAS? AS FESTAS COMUNITÁRIAS</b> .....	74
4.1	<b>Os idosos e o cotidiano da favela: o jogo de dominó</b> .....	77
4.2	<b>A Folia de Reis</b> .....	83
4.3	<b>A festa junina e tantas outras comemorações</b> .....	95
4.3.1	<b><u>A culinária morraica</u></b> .....	101
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
	<b>APÊNDICE A – Diários de Campo</b> .....	115
	<b>APÊNDICE B – A primeira conversa com os idosos</b> .....	116
	<b>APÊNDICE C – Festa dos sem mãe</b> .....	119
	<b>APÊNDICE D – Festa das Folias de Reis</b> .....	122

## INTRODUÇÃO

Uma mistura de sons, de estilos e de gostos musicais... Ao entrar pela primeira vez na Candelária, sublocalidade do complexo de favelas da Mangueira, na zona norte do Rio de Janeiro, percebeu-se uma diversidade e uma intensidade culturais que começavam pelo ambiente sonoro. Circulando pelos becos e vielas, era possível conhecer a comunidade por meio dos sons: eram músicas de louvor tocando nas alturas em uma igreja evangélica, o rádio ligado em uma emissora AM, informando as últimas notícias, o pagode “comendo” solto no aparelho de som em outra casa, o funk no celular de um jovem que andava de bicicleta e, claro, não poderia faltar o “coral” de cachorros que latiam insistente e constantemente.

Além do gosto musical eclético de seus habitantes, foi possível perceber um ritmo mais lento do tempo em relação à movimentação intensa da cidade. Na convivência diária, a rigidez e o imperativo do relógio não têm tanta importância; as pessoas param para conversar nas portas das casas, colocam cadeiras de plástico nas vielas, formando pequenos círculos, e se encontram em bares que ficam na entrada da favela.

Nesse dia a dia comunitário, há a presença de idosos que se reúnem, principalmente na Rua Graciete Matarazzo, mais conhecida como Rua de Baixo, onde se concentra boa parte do comércio da Candelária. Dona Adineva, Seu Mangueira, Seu Rubinho e Macumba se encontram para jogar dominó em uma mesa montada no cantinho direito da rua, quase em frente à loja de Deise, moradora simpática, falante e defensora ferrenha do pessoal da terceira idade. Durante as partidas, que, como eles mesmos dizem, são apenas brincadeira para passar o tempo, jovens também participam das rodadas.

O objetivo geral é investigar a relação entre o grupo pesquisado e a comunidade, conhecendo o cotidiano, o estilo de vida, percebendo se a atuação desses atores sociais pode ser uma resistência à aceleração imposta pela globalização.

Como objetivos específicos, pretende-se discutir os conceitos de cultura comunitária, memória e representação social; incrementar a bibliografia de Comunicação Social sobre cultura comunitária; aplicar os conhecimentos adquiridos com esta pesquisa nas aulas ministradas na graduação e no grupo de pesquisa

CAC, Comunicação, Arte e Cidade da UERJ/ PPGCOM, como uma das integrantes; participando também da elaboração de um documentário sobre os antigos moradores da favela, realizado pelo grupo de pesquisa, utilizar o acervo iconográfico do filme como complementação do trabalho.

Decidiu-se escolher os idosos como objeto de estudo, porque acredita-se que eles possam ajudar a compreender e a tentar resgatar as lembranças, as memórias, as tradições, nem que sejam por meio da oralidade, dessa região denominada de quintal da Quinta da Boavista, em função de sua proximidade com o parque público.

Este trabalho de pesquisa foi dividido em quatro capítulos, que serão detalhados a partir deste momento. No primeiro, inicia-se pela metodologia desenvolvida ao longo da investigação, que contou com dois procedimentos: o bibliográfico e o etnográfico. O bibliográfico teve por objetivo alcançar a fundamentação teórica em torno dos temas pertencentes ao quadro teórico-conceitual da dissertação, com base no levantamento de referências bibliográficas. Já o procedimento etnográfico contou com entrevistas abertas em profundidade com os mais antigos moradores e com representantes de gerações subsequentes que vivem na comunidade. A pesquisa foi realizada de abril a outubro de 2013, com participação em momentos diferentes de convivência cotidiana dentro da comunidade, como durante o jogo de dominó dos idosos no meio da Rua Graciete Matarazzo, em festas de aniversário, junina, em bate-papos de moradores nos becos, no comércio, com o objetivo de ouvir e tentar compreender as diversas representações de comunidade desses atores sociais.

No segundo capítulo, *Os diversos tempos na Candelária*, abordar-se-á o conceito de representação social, tendo como base os estudos de Sandra Pesavento, a questão das culturas pela concepção de autores como Néstor García Canclini e Peter Burke. Enfatizar-se-á também que, pelo olhar de moradores, pessoas que vivem no asfalto têm uma imagem distorcida de quem mora na favela. Além disso, a característica matriarcal da comunidade estará presente nesse item, na medida em que a mulher, em boa parte dos lares, é a provedora, a chefe de família.

Na terceira parte deste trabalho, *A memória do lugar*, será pesquisado o conceito de memória, utilizando o arcabouço teórico de Beatriz Sarlo e de Michel Pollak. Também será apresentada a Candelária como lugar de memórias, de lembranças, como o cemitério dos cachorros, a fábrica de cerâmica e o campo de

futebol: esses lugares como construtores de histórias e de “causos” famosos e pitorescos na comunidade.

O quarto capítulo, *Tradições inventadas ou preservadas? As festas comunitárias*, traz para o estudo os rituais que compõem o cotidiano da Candelária. Remete-se ao conceito de tradição inventada, cunhado por Eric Hobsbawn, e, ao mesmo tempo, apresentam-se iniciativas culturais que sofreram atualizações, mas que permanecem com características da origem de Minas Gerais, como a Folia de Reis, as festas e a culinária. A importância do jogo de dominó como um instrumento socializador entre as gerações, de troca de experiências entre os idosos e os jovens em um momento de lazer, também faz parte dessa etapa da pesquisa.

Como resultado, esta dissertação pretende poder fornecer dados que auxiliarão futuros trabalhos que abordem temas relacionados à memória, à tradição e às culturas comunitárias. Além disso, a pesquisa também poderá ser instrumento de consulta para estudos que se refiram à relação entre idosos e as gerações mais jovens em comunidades pobres.

Vale ressaltar que este estudo é apenas um pequeno recorte de um universo rico e fascinante desse lugar chamado Candelária. Muitos outros temas de interesse acadêmico estão ainda por ser trabalhados, tanto que um grande conteúdo pesquisado acabou tendo que ser guardado para investigações futuras.

## 1 METODOLOGIA

Começar uma pesquisa não é uma atitude simples; exige uma série de tomadas de decisões metodológicas que objetivam contemplar, ao mesmo tempo, os sonhos do pesquisador e as exigências acadêmicas da comunidade científica. Sensibilidade, percepção aguçada e disciplina são fatores importantes para a construção de uma investigação criteriosa.

Para tanto, neste trabalho, propõe-se uma leitura da sociedade contemporânea com base na favela da Mangueira, mais precisamente na região da Candelária, na zona norte do Rio de Janeiro. Para chegar até lá, basta seguir pela Rua Visconde de Niterói em direção à Quinta da Boavista. Passa-se pela estação de trem da Mangueira; mais à frente, do lado esquerdo, há o prédio da Alcoa – uma fábrica de alumínio desativada. Em seguida, outras construções abandonadas; mais abaixo, um pequeno conjunto habitacional construído na década de 90 pelo projeto Favela Bairro, implantado pelo ex-prefeito César Maia. Descendo um pouco mais a Rua Visconde de Niterói, ainda no lado esquerdo, chega-se a uma das entradas da Candelária. É fácil encontrar, porque há um campo de futebol, alguns bares com cadeiras de plástico colocadas na calçada e uma parede pintada de verde limão.

O objetivo dessa “apresentação” geográfica é ambientar o leitor quanto à localização da comunidade, considerada pelos moradores como a zona sul da Mangueira – conceito que será trabalhado durante a pesquisa – e como o quintal da Quinta da Boavista, tendo em vista sua proximidade com o espaço de lazer.

Nesta investigação, pretende-se tentar compreender a relação entre os mais antigos moradores e o restante da comunidade, buscando resgatar as lembranças dessa região, o início da ocupação da favela pelos trabalhadores da fábrica de cerâmica, os “causos” famosos e inesquecíveis que rondam, até hoje, o imaginário dos moradores, histórias engraçadas, e perceber o perfume do passado que, ao ser rememorado, impregna o ambiente de forma intensa.

É importante, neste momento, trabalhar um conceito caro nesta dissertação: a memória. De acordo com Halbwachs (2006), a memória deve ser entendida como um fenômeno construído de forma coletiva, no entanto passível de flutuações e mudanças constantes. Pollak (1992) corrobora com o pensamento de Halbwachs, identificando essas características também nas lembranças individuais. O autor, no

entanto, ressalta que, apesar dessas transformações incessantes, as memórias individual e coletiva possuem marcos ou pontos relativamente invariáveis e imutáveis. Ele traz como exemplo entrevistas longas que não seguem uma linha cronológica fixa, em que o entrevistado remete a um fato ou ponto específico em sua narrativa e o relembra várias vezes.

Já na perspectiva do autor argentino Ricardo Piglia (1990), a memória é uma “ex-tradição”, “estrábica”, na medida em que, na contemporaneidade, é constituída de vários elementos, como textos, falas e imagens, provenientes de inúmeros lugares e com diversas temporalidades. Na visão de Piglia, as frações que compõem o tecido da memória estão, frequentemente, relacionadas aos produtos mediáticos e às vivências cotidianas no seio familiar.

Retomando a investigação, entrelaçam-se dois procedimentos metodológicos de pesquisa: o bibliográfico e o etnográfico, o qual terá, como instrumento de coleta de dados, entrevistas abertas em profundidade e a pesquisa participante, a serem detalhados nos próximos parágrafos.

O procedimento bibliográfico tem como objetivo alcançar a fundamentação teórica em torno dos temas pertencentes ao quadro teórico-conceitual da dissertação, com base no levantamento de referências bibliográficas: artigos, dissertações, teses e livros. A busca foi possível por meio do sistema da Rede Sirius – Rede de Bibliotecas UERJ –, que possui um acervo de publicações catalogadas de forma on-line, facilitando a consulta e a localização de títulos de interesse, para planejamento de empréstimos e de leituras. É importante salientar que essa etapa metodológica percorre todo o cronograma de pesquisa, sendo organizada em fichamentos de livros e autores por assuntos de interesse.

Utilizou-se, como suporte teórico para o conceito de representações sociais, as contribuições desde Émile Durkheim, Marcel Mauss, passando pela escola dos *Annales*, até os dias atuais, com a colaboração de Sandra Pesavento (2008), Peter Burke (2005), Néstor Garcia Canclini (2006) e Roger Chartier (2002), para tratar de algumas noções de culturas; Beatriz Sarlo (2007), Jacques Le Goff (2003), Maurice Halbwachs (1968) e Michael Pollak (1992), para falar sobre memória. Para a contextualização dos lugares, usou-se a geografia humanista com Yi Fu Tuan (1983) e o arcabouço teórico de Milton Santos (2008).

O segundo procedimento metodológico é o etnográfico, para a captação de informações por meio de entrevistas abertas em profundidade com os mais antigos

moradores e com representantes de gerações subsequentes, como filhos e netos dessas pessoas que vivem na comunidade. A pesquisa foi realizada de abril a outubro de 2013, com participação em momentos diferentes de convivência cotidiana dentro da comunidade, como, por exemplo, durante o jogo de dominó dos idosos no meio da Rua Graciete Matarazzo – mais conhecida como a Rua de baixo –, em festas de aniversário, na festa junina, em bate-papos de moradores nos becos, no comércio, com o objetivo de ouvir e tentar compreender as diversas representações de comunidade desses atores sociais.

A investigação começou pelo grupo formado por quatro idosos que participam do jogo de dominó diariamente: Dona Adineva, Seu Rubinho, Seu Mangueira e Macumba<sup>1</sup> e pela Deise – conhecida como Branca, a “defensora” dos idosos –, que ajudaram a lembrar pessoas antigas na comunidade que poderiam contribuir para a construção desta pesquisa. Cabe ressaltar, porém, que Kely, nascida e criada dentro da Candelária e uma das fundadoras da Associação Meninas e Mulheres do Morro<sup>2</sup>, é a principal parceira nesta pesquisa. Apesar de não ser idosa, Kely conhece como poucos as histórias e cada pedacinho da comunidade. Seu auxílio constante e sua dedicação serão citados posteriormente nesta metodologia.

Para ter êxito nesta empreitada, considerou-se importante a contribuição de Janice Caiafa (2007), que, no ensaio “A pesquisa etnográfica”, apresenta esse tipo de metodologia por meio de uma abordagem com base no viés antropológico até as discussões mais recentes. Caiafa (2007, p.12) defende que, em um primeiro momento da investigação, é necessário um envolvimento entre o pesquisador e seu objeto e que, no momento da escritura, é preciso transmitir essa vivência ao leitor: “O texto etnográfico precisa levar toda aquela experiência intensa, de uma convivência especial e de alteridade para aqueles que não a viveram e que vão tomar conhecimento dela, participar dela também de alguma forma.”.

Esse “mergulho” dentro da comunidade é enfatizado pelos estudos culturais britânicos, nos quais o interesse recai nos valores e sentidos vividos, deslocando o conceito de cultura de uma visão elitizada para as práticas e relações que

---

<sup>1</sup> Macumba é o apelido do comerciante José Roberto Ludovice de Menezes. Quando criança, ele dava palpites e acertava resultados de jogos de futebol, de finais de campeonatos. Daí surgiu o apelido.

<sup>2</sup> A Associação Meninas e Mulheres do Morro surgiu em 1995 com o objetivo de desenvolver ações voltadas para a arte e educação, leitura, cultura e cidadania.



constituíam a vida cotidiana, em que o papel do indivíduo estava em primeiro plano. É importante ressaltar o caráter interdisciplinar do campo de estudos em que diversas áreas do saber se interseccionam na análise de aspectos culturais da sociedade contemporânea.

Segundo a autora Ana Carolina Escosteguy (1999), o estudo etnográfico enfatiza a importância dos modos pelos quais os sujeitos definem, por si mesmos, as condições em que vivem.

Com a extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas –, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas. (ESCOSTEGUY, 1999P.143).

É fundamental trazer também a contribuição de Clifford Geertz (1989), ao conceituar a etnografia como uma descrição densa. Para se compreender melhor essa afirmativa, Geertz detalha a dificuldade de se realizar a pesquisa de campo, na medida em que é necessário interpretar o código socialmente estabelecido pelo grupo que, normalmente, não é “dado”. Para exemplificar essa questão, ele traz alguns significados de uma simples piscadela de olhos. Dependendo do contexto, ela pode representar um tique nervoso, um código de comunicação entre pessoas ou um sinal de “paquera”. Portanto, cabe ao investigador superar a descrição superficial dos fatos e tentar identificar como a piscadela é criada, percebida e interpretada pelo grupo pesquisado. Vale ressaltar que, muitas vezes, essa interpretação é completamente distinta daquela do grupo pertencente ao investigador.

Dessa forma, o pesquisador, além de utilizar ferramentas técnicas como um caderno de anotações, um gravador ou uma câmera, precisa ter uma percepção aguçada para “interpretar” o grupo. Não é uma atitude simples, uma vez que ele precisa conviver com inúmeras estruturas conceituais complexas que se relacionam, se sobrepõem e, ao mesmo tempo, são estranhas, implícitas ao investigador, o qual necessita apreender esses códigos e depois apresentá-los em sua pesquisa. “Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas

e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.” (GEERTZ, 1989, p.20).

Para a sorte desta pesquisadora, o autor apresenta uma “pista” para ajudar nessa tarefa: tentar buscar a importância de determinada ação e o que o grupo quer transmitir com a sua realização, independentemente de sua característica. Enfim, para “traduzir” as “entrelinhas” das atitudes dos sujeitos, é necessária, efetivamente, uma imersão, uma convivência, para identificar os significados de atos, gestos, vocabulário, signos e símbolos do grupo pesquisado.

Cabe aqui abrir parênteses quanto à dificuldade para entrar no campo de pesquisa: a Candelária. A região faz parte da favela da Mangueira, ocupada pela polícia em 20 de junho de 2011<sup>3</sup> para coibir a ação de chefes do tráfico de entorpecentes na comunidade. Em novembro<sup>4</sup> do mesmo ano, houve a implantação da Unidade de Polícia Pacificadora na Candelária, o que viabilizou a chegada de serviços como um novo sistema de coleta de lixo. Por esse motivo, em função de problemas internos que não cabe aqui serem esmiuçados, o primeiro contato com a localidade foi no dia 22 de fevereiro de 2013, retornando somente em 16 de abril.

Além do clima de insegurança dentro da comunidade, houve a necessidade de explicar, aos idosos e seus familiares, o objetivo da pesquisa dentro da Candelária. Antes de iniciar o trabalho de campo, conversou-se com alguns moradores, visto que alguns deles ficaram temerosos de que a investigação estivesse relacionada à questão da violência ou à implantação da UPP. Durante o bate-papo com eles, deixou-se bem claro que o propósito era resgatar lembranças, saber da história da Candelária com base nas narrativas orais dos moradores, rememorar “causos” famosos e pitorescos, descobrir lugares de memória e, ao mesmo tempo, acompanhar um pouco do cotidiano deles em vários momentos dentro da comunidade.

Portanto, somando-se às dificuldades de chegar ao objeto de estudo, o que provocou ansiedade e preocupação quanto ao exíguo prazo de realização do trabalho de campo, outros questionamentos e aflições surgiram ao longo da pesquisa. Neste caso especificamente, houve a necessidade de associar as

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/após-ocupação-é-clima-de-tranquilidade-na-mangueira-1.31328>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/mangueira-sistema-de-coleta-de-lixo-e-alegria-no-primeiro-dia-de-upp-1.373207>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

habilidades de jornalista às demandas da pesquisadora. Vale ressaltar, contudo, que a pesquisa de campo concedeu a oportunidade de conhecer e vivenciar um mundo diferente, fascinante, intenso e, de modo simultâneo, tão próximo geograficamente.

Nesse trabalho, contou-se com a colaboração constante e imprescindível de Kely, nascida e criada na comunidade. A presidente da Associação Meninas e Mulheres do Morro sugeriu nomes de entrevistados, lembrou histórias antigas, levou para conhecer a Candelária, seus caminhos, seus becos “famosos”, suas construções que aproveitam as “brechas” dos espaços, apresentou personalidades da comunidade, suas gírias, seus costumes e seus sons tão intensos e peculiares.

É fundamental ter em mente que, durante uma pesquisa etnográfica, mais do que saber perguntar, é imprescindível saber ouvir, ter sensibilidade pela história de vida do outro e fazer com que ele apresente os caminhos que se devem percorrer. É uma construção conjunta, não é um conceito dado, que se tem pronto e se quer comprová-lo. Corrobora-se, então, com o pensamento de Maffesoli (1985., p.202): “A irresponsabilidade do intelectual reside em *responder* pelos outros, talvez mesmo em *responder em lugar dos outros*. O intelectual tem é de escutá-los.”.

Evidentemente, tem-se um trabalho de pesquisa a realizar, por esse motivo que se está ali. Para tanto, foram elaboradas perguntas para as entrevistas abertas em profundidade com o intuito de servirem apenas como um pré-roteiro, um parâmetro, mas que, muitas vezes, foi deixado de lado, tendo em vista que a condução da pesquisa é dada pelo objeto. Para facilitar o trabalho de observação, com a autorização dos entrevistados, utilizou-se um gravador e câmeras para registrar as conversas.

Ancorou-se, novamente, no pensamento de Maffesoli (1985), ao salientar que, na elaboração de um trabalho etnográfico, o pesquisador não pode abandonar um “conhecimento” empírico cotidiano, ou seja, o “saber-fazer”, “saber-dizer” e “saber-viver”. Todos, de tão diversas e múltiplas implicações, devem ser observados de forma plena pelo investigador. É essa integração entre o pesquisador e o objeto – neste caso, os moradores mais antigos e os jovens – que vai ajudar a trilhar e construir o caminho da pesquisa.

Cabe aqui trazer a contribuição de Boaventura de Souza Santos (2002), ao trabalhar o conceito da “sociologia das ausências”, em que propõe a ampliação do mundo e do presente, transformando ausências em presenças. Isso significa dizer que, ao expandir o tempo presente, é possível conhecer e valorizar a inesgotável

experiência social que está em curso no mundo atual. Santos critica intensamente a razão metonímica em que produz a não existência daquilo que não cabe na sua totalidade e no seu tempo linear. Sua proposta é exatamente fazer com que as experiências produzidas como ausentes sejam libertadas dessas relações de produção e se tornem presentes, sendo, assim, alternativa às experiências hegemônicas.

Santos ainda afirma que há cinco modos de produção da não existência na racionalidade ocidental, mas o que interessa, neste momento, é a *monocultura do saber* e do *rigor científico* como sendo a única forma de conhecimento reconhecido. O autor discorda dessa visão e sugere, em seu lugar, a *ecologia de saberes*. Nela, a ideia central é de que não há ignorância total e nem saber total, ou seja, “toda a ignorância é ignorante de certo saber e todo o saber é a superação de uma ignorância particular.” (SANTOS, 1995, p.25). Ao contrário da rigidez científica em relação às fontes de conhecimento, ele defende a ideia de que saberes populares, indígenas, camponeses e urbanos são práticas valiosas e importantes para a construção de conhecimento no campo das Ciências Sociais.

Retomando o trabalho de campo realizado na Candelária, durante as entrevistas em profundidade anotaram-se, em um bloco, alguns itens considerados interessantes para serem explorados na dissertação. A utilização do diário de campo como instrumento de auxílio no trabalho etnográfico é uma ferramenta usada desde os primórdios da Antropologia, conforme relata Isabel Travancas (2005, p.101).

Assim, o caderno funcionará como um registro descritivo de tudo que ele vir e presenciar, seja em uma aldeia de índios bororo, seja em uma redação de um grande jornal. Na “pré-história” da Antropologia, o caderno de campo tinha inúmeras funções. O gravador hoje exerce uma que anteriormente era exclusiva do caderno; registrar entrevistas, eventos, conversas, músicas, liberando, em muitos aspectos, o olhar do pesquisador para o que está acontecendo ao redor.

Utilizou-se um caderno – anotando tópicos importantes da entrevista –, o gravador e câmeras. Ao chegar a casa, escreveu-se um diário de campo em que se tentou passar para o papel, mais precisamente para a tela do computador, as impressões sobre o dia. São tantas informações que pululam, sons, sensações, signos, cheiro, que precisam ser logo registrados detalhadamente para não se correr o risco de esquecer nenhuma nuance.

Baseou-se, dessa forma, no pensamento de Peruzzo (2005) para conduzir o trabalho por meio da pesquisa participante, que, conforme foi citado, insere o investigador no ambiente de ocorrência do fenômeno e de sua situação pesquisada. E, mais do que essa questão, Peruzzo salienta que esse método exige do estudioso maturidade intelectual, associada à capacidade de distanciamento. Essa atitude, porém, não significa que ele não possa emitir opiniões em momentos solicitados pelo grupo pesquisado.

É importante destacar que se participou também da elaboração de um documentário sobre as lembranças, os rastros de memória deixados pelos antigos moradores da Candelária às novas gerações da comunidade, realizado pelo grupo de pesquisa CAC, Comunicação, Arte e Cidade da UERJ/PPGCOM. O trabalho vai desde roteirização, produção, marcação de locações, realização de entrevistas com os personagens sugeridos por Kely até o acompanhamento da fase de edição do material, o que constituiu uma oportunidade riquíssima de imersão no universo desses atores sociais.

## 2 OS DIVERSOS TEMPOS NA CANDELÁRIA

O tempo que passa lentamente num lugar cheio de marcas de construções que não acabam jamais. Moradores conversam de forma descontraída e sem pressa na porta de casa em uma tarde de verão, jovens circulam de bicicleta em ziguezague com cortes de cabelo à moda antiga de Neymar<sup>5</sup>, meninos e meninas leem histórias e montam quebra-cabeças em um espaço dedicado às crianças da comunidade, marmanjos sentados em cadeiras de plástico em um bar bebericam e jogam conversa fora. Uma varanda de uma das casas vira salão de beleza, onde a jovem manicure, com o auxílio de uma pequena luminária de mesa, pinta e enfeita as unhas de vaidosas moradoras. E os sons? São muitos e para todos os gostos e gêneros musicais. Basta dar uma rápida “circulada” para ouvir funk, pagode, gospel, samba e muito mais. Muito prazer! Você chegou à região mais verde e rosa da cidade. Descobriu? Exatamente o que pensou. Bem-vindo à Mangueira, mais precisamente na entrada do bairro da Candelária.

Essa é apenas uma imagem formada por um caleidoscópio colorido e fascinante que se pretende tentar compreender dessa comunidade cheia de gostos, jeitos, perfumes, histórias do cotidiano, que, passadas de geração em geração pelos moradores mais antigos, desenham uma representação desse lugar chamado Candelária. Pode-se utilizar o estudo de Hobsbawn (1984) ao trabalhar a transmissão de informações presente na comunidade. Ele utiliza o conceito de tradições inventadas para nomear o conjunto de práticas, rituais ou simbólicas, regulado por normas aceitas pelo grupo, tendo como objetivo desenvolver, na cultura, determinados valores de comportamento, por meio de uma relação com o passado, feita pela repetição constante dessas práticas. Na visão do historiador, a tradição possui como característica: a invariabilidade, ou seja, um conjunto de práticas fixas, as quais, sendo sempre repetidas de uma mesma maneira, levariam ao passado real ou imaginário.

---

<sup>5</sup> Neymar é jogador do Barcelona e da Seleção Brasileira de futebol. É conhecido por sua preocupação com o visual e visto como referência de tendências, principalmente para os jovens, como o corte de cabelo moicano, de origem indígena. O estilo caracteriza-se por uma “crista” no meio da cabeça, e as laterais do cabelo são raspadas. Atualmente, Neymar já mudou seu visual.

Vale ressaltar, no entanto, que não é de hoje que essas histórias miúdas do dia a dia, que se pretende conhecer na Candelária, começaram a ter espaço e importância no meio acadêmico. Desde o início do século XX, no momento em que Marcel Mauss realizou um trabalho de observação em tribos primitivas australianas que praticavam manifestações religiosas, essa perspectiva foi incluída. O estudo desses ritos facilitou a compreensão de como eram estruturados outros tipos de sociedade. Mauss percebeu que esses grupos formavam sua vida social para além do indivíduo, reconhecendo que a sociedade é organizada pela associação entre homens.

A partir desse momento, surgiu o conceito de representações nos campos da Antropologia e da Etnologia, o que contribuiu imensamente para a construção do novo olhar da História, conforme destaca Sandra Pesavento (2008, p.24):

A introdução desse conceito-chave no âmbito das ciências humanas foi fundamental para a recuperação das dimensões da cultura realizadas nos anos 80 pelos historiadores, pela atenção que dava ao processo de construção mental da realidade, produtor de coesão social e de legitimidade a uma ordem instituída, por meio de ideias, imagens e práticas dotadas de significados que os homens elaboravam para si. Da mesma forma Mauss e Durkheim foram, em certa medida, introdutores da aproximação do campo da história com o de uma Antropologia Cultural.

Esse contexto, é importante lembrar os propósitos de renovação dos estudos históricos dos precursores da escola dos *Annales* que possibilitaram mudanças e inovações no discurso. Os fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre (1920) propuseram, por exemplo, a ruptura de conceitos positivistas do século XIX e a “socialização” da História a outros campos das Ciências Sociais.

Apresenta-se imediatamente como uma escola militante, à margem, que clama por socorro às Ciências Sociais para desestabilizar a história historicizante hegemônica; [...] Essa escola recusa todo o dogma, toda a filosofia ou teoria da história, daí a grande plasticidade e mobilidade e a capacidade de integração no maior campo de pesquisa possível. (DOSSE, 2003, p.26)

Com a amplitude da reflexão da História para diferentes territórios, a perspectiva francesa alavancou a integração com outros campos de estudo, como a Linguística, a Antropologia e, principalmente, a Sociologia, por meio da influência de Émile Durkheim. Pela visão dos *Annales*, a orientação das pesquisas se modifica, os historiadores utilizam instrumentos de análise da Etnografia, possibilitando um novo olhar para as margens, ao avesso dos valores estabelecidos, em que o reprimido torna-se portador

de sentido. A curiosidade dos pesquisadores volta-se para outros grupos anteriormente excluídos da perspectiva acadêmico-científica, como os loucos, as feiticeiras e os transgressores. (DOSSE, 2003, p.248)

A Nova História concentra-se na busca das tradições, ao valorizar o tempo que se repete, nas voltas e reviravoltas dos indivíduos, abandonando os movimentos voluntaristas de mudança em direção à memória cotidiana das pessoas comuns. (DOSSE, 2003, p.249) A preocupação com os estudos da história econômica, social, globalizante é deixada para trás, colocando-se, em seu lugar, um viés cultural, simbólico, em que a importância encontra-se nas histórias miúdas, na sociedade fragmentada, em situações banais, sendo interessantes instrumentos para se tentar compreender o dia a dia de um determinado grupo social.

Neste momento, é importante fazer uma pausa para ressaltar que não apenas a escola francesa, mas também historiadores marxistas ingleses se interessaram pela história social, tanto que, nos anos de 1960 e 1970, eles deixaram de lado os relatos históricos de lideranças e instituições políticas e voltaram-se para a pesquisa da vida cotidiana, como, por exemplo, de operários, mulheres e de grupos étnicos (HUNT, 1992).

Portanto, a escola dos *Annales* e a vertente neomarxista (PESAVENTO, 2008) possibilitaram a impulsão dessa nova corrente de estudos denominada de História Cultural voltada para situações banais do dia a dia que não eram reconhecidas anteriormente como objeto de pesquisa.

A partir da década de 60, os pesquisadores dos Estudos Culturais defendiam que a cultura caracterizava-se por uma rede de práticas e relações que formavam a vida cotidiana, em que o papel do indivíduo encontrava-se em primeiro plano. Segundo Escosteguy (2001), a preocupação voltava-se para os produtos da cultura popular e dos *mass media*, que expressavam os rumos da cultura na contemporaneidade.

Percebe-se que a cultura popular ganhou destaque na investigação, deixando para trás a dicotomia e a hierarquização entre práticas promovidas pelas culturas alta e baixa ou superior e inferior, o que possibilitou o reconhecimento e a valorização da história oral e da memória popular.

Mas vale a pena voltar um pouco na História e lembrar que o termo cultura tinha uma definição bem mais restrita. Ancora-se, pois, na visão de Burke (2005), em que o vocábulo referia-se especificamente às artes e às ciências.



Posteriormente, ele foi utilizado para descrever seus equivalentes populares, como música folclórica e medicina popular. Somente tempos depois que o termo cultura ampliou suas utilizações. “Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)”. (BURKE, 2005, p.43)

É importante destacar ainda que, entre as décadas de 1960 e 1990, com a aproximação da História Cultural em direção à Antropologia, a palavra cultura “ganhou” um “s”, ou seja, houve uma expansão de seu sentido. Remete-se aqui novamente a Burke (2005), que fez um levantamento muito interessante sobre títulos de livros publicados nos anos 90, que revelam exatamente essa multiplicidade cultural.

[..] “A cultura do jogo”, “a cultura do seguro de vida”, “a cultura do amor”, “a cultura do puritanismo”, “a cultura do absolutismo”, “a cultura do protesto”, “a cultura do segredo” e “a cultura da polidez”. Até mesmo a “cultura da arma” encontrou seu historiador. “Estamos a caminho da História Cultural de tudo: sonhos, comida, emoções, viagem, memória, gesto, humor, exames e assim por diante.” (BURKE, 2005, p.46).

Baseia-se neste universo tão rico de culturas múltiplas e híbridas (Canclini, 2006), ao pesquisar, investigar e – por que não dizer – mergulhar nesse mundo comunitário da Candelária. Um bar, uma pelada na quadra de futebol, a Folia de Reis<sup>6</sup>, o jogo de dominó dos idosos, as festas de aniversário e as juninas, os encontros casuais de moradores nos becos e tantas outras formas de vivenciar experiências (MAFFESOLI, 2007) e o cotidiano são instrumentos de investigação.

Neste instante, é importante trazer a contribuição do geógrafo humanista Yi Fu Tuan (1983), em relação às ideias de espaço e lugar. Apesar de não possuírem o mesmo significado, constantemente verifica-se, em textos, a substituição de uma palavra pela outra. Segundo Tuan, o espaço possui uma perspectiva abstrata; em contrapartida, o lugar é um ponto de significados construído por meio da experiência e do afeto. O primeiro, contudo, pode transformar-se no segundo no momento em que há um vínculo entre os atores sociais em um específico período de tempo, em um ponto físico determinado, proporcionando um sentimento de pertencimento.

---

<sup>6</sup> A Folia de Reis é uma festa religiosa de origem portuguesa que chegou ao Brasil no século XVIII. É realizada no período natalino, quando um grupo de cantores e instrumentistas percorre as casas, entoando versos sobre a visita dos reis Magos ao menino Jesus. Essa tradição proveniente de Minas Gerais foi incorporada à Candelária. Trabalhar-se-á o tema em outro tópico da dissertação.

Um desses lugares de encontro dentro da Candelária é o bar, principalmente para quem permanece a maior parte do tempo dentro da comunidade e não tem o hábito de interagir e de circular por outras partes<sup>7</sup> do morro. “Ainda é e continuará sendo porque é o ponto principal do pessoal que não vai a baile, pessoal que não vai jogar futebol lá do outro lado, que não tem outro tipo de opção, já é um bom ponto de encontro.”; “Os bares. Tem o Fusquinha, tem esses outros aqui também que as pessoas fazem encontro, todos esses agora [referindo-se aos estabelecimentos que ficam na entrada da Candelária]. A gente chama pelo nome do dono. Um é da Quita, o outro é da Rose”; “Sempre tem aquela turminha, né? Uma turminha que para aqui, a outra turminha lá da frente. Cada barzinho que tem, tem um grupinho certo”<sup>8</sup>.

Mas se engana quem pensa que os bares são os únicos lugares de confraternização dentro da comunidade. Os moradores promovem uma ressignificação dos espaços dentro da favela, em que a relação entre o público e o privado se mistura, se embaralha e se entrelaça. A dicotomia entre a casa e a rua não faz parte do cotidiano da Candelária. São duas situações integradas que compõem o espaço, que, por meio da apropriação realizada pelos atores sociais, transforma-o em territórios.

Segundo Haesbaert (2004, p.1), o conceito de território nasce etimologicamente com uma dupla conotação material e simbólica, sendo a primeira relacionada a terra-*territorium* e a *terreo-terror* (terror), uma referência à dominação jurídico-política da terra, como também à inspiração do terror, do medo, principalmente para aqueles que ficam impedidos de entrar. Os sujeitos, porém, que têm o privilégio de usufruir de determinado território apresentam uma relação de identificação positiva e de “apropriação”. Portanto, todo o território é, ao mesmo tempo, funcional, simbólico e mítico, “pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados” (HAESBAERT, 2004, p.1).

---

<sup>7</sup> O Morro da Mangueira é dividido em várias localidades, como Candelária – considerada pelos moradores como a primeira área habitada na favela –, Buraco Quente, Olaria, Pedra, Telégrafo, entre outros. A própria comunidade, entretanto, não sabe e nem se preocupa em identificar com precisão os limites geográficos de cada parte da favela.

<sup>8</sup> Trecho de entrevista de Seu Rubinho, de 64 anos e, há 44, morador da Candelária, realizada em julho de 2013.

Essa significação simbólica carregada de marcas do “vivido” (Lefebvre, 1986), do valor de uso, encontra-se na Candelária durante a apropriação da rua como um território de comemoração. “Aqui a gente não tem casa de festa, a nossa casa de festa é na rua. Então as festas são feitas na rua ou na porta dos bares”<sup>9</sup>.

Remete-se aqui também a De Certeau (1984), ao trabalhar o conceito de espaço como um “lugar praticado”, em que a rua planejada, tratando-se especificamente da Candelária, para a circulação de pedestres, bicicletas e motos é transformada em espaço de confraternização pelos moradores.

Há gente, contudo, que prefere se reunir na casa de amigos. O grupo de Jefferson, fundador da *Candenews*<sup>10</sup> e da primeira *lan house* da comunidade, já sabe: depois de uma semana de trabalho, é sagrado. Cada um contribui com um pouquinho para a confraternização, em que o objetivo é colocar a conversa em dia, sem pressa, em ritmo lento (SANTOS, 2008), aproveitando o momento. Para Santos, esse espaço compartilhado no cotidiano pode ser visto como uma forma de resistência à globalização, na medida em que mantém preservados os valores internos de um determinado grupo social. “Hoje já tem uma cultura... [...] Toda sexta-feira, quando acabam as atividades, a gente compra umas cervejas, uns salgadinhos e fica batendo papo, conversando... [...] até meia noite”<sup>11</sup>.

Percebe-se, no relato de Jefferson, que, após uma semana de trabalho, “conectado”, ele retorna às suas raízes, encontra os amigos para colocar o papo em dia, sem a correria do cotidiano. O fundador da *Candenews* se apropria do novo, mas, ao mesmo tempo, mantém a herança cultural de se reunir com os amigos da Candelária e de partilhar assuntos da comunidade. É esse “enraizamento dinâmico” (MAFFESOLI, 2007, p.116)) no qual o indivíduo por meio das reminiscências se descobre, se inventa, participa de um “self” mais amplo, o da comunidade.

---

<sup>9</sup> Trecho da entrevista de Deise, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013.

<sup>10</sup> *Candenews* era um serviço de envio de mensagens via SMS, em que os donos de celulares cadastrados, moradores da Candelária, recebiam informações de utilidade pública, recados e notícias locais. O serviço acabou depois que a empresa telefônica descobriu a realização da atividade ilegal.

<sup>11</sup> Trecho de entrevista concedida a João Maia por Jefferson, o fundador da *Candenews*, em maio de 2004.

O sociólogo francês ressalta, porém, que esse comportamento não tem qualquer relação com um saber teórico, mas sim se refere a uma vivência prática em que a experiência do indivíduo se enraíza na coletividade.

## 2.1. “As pessoas têm uma imagem distorcida da comunidade”<sup>12</sup>

Uma cidade, seja uma grande metrópole ou uma cidadezinha do interior, pode ser identificada não só por seus pontos turísticos, construções históricas, centros comerciais, mas também pelas vivências do cotidiano de moradores, visitantes, passantes, que convivem, compartilham esses espaços, dando-lhes significados múltiplos. É a dimensão do sensível que invade as representações que se formam das paisagens e do povo. (MAIA; BIANCHI, 2012, p.132)

As representações de uma cidade relacionam-se às maneiras como as sensibilidades são formadas no deambular pelas ruas e nas formas como os atores sociais dividem a urbe, negociam seus espaços e criam diversas possibilidades de encontros, seja em um bar, no meio de uma calçada lotada de gente, em uma festa. “Desta forma, as trajetórias dentro de uma cidade se transfiguram e se re-significam diante dos nossos olhos e dos nossos relatos. As percepções sensíveis dos sujeitos traduzem o vivido em ocupação do lugar, assim, dão dimensão ao simbólico nos seus mundos” (MAIA; BIANCHI, 2012, p.133).

Segundo Pesavento (2008), a incorporação da dimensão simbólica para a análise das formas de organização social começou a ser estudada desde o início do século XX pela Antropologia Cultural. Nessa perspectiva, já se percebia que os sujeitos criavam formas cifradas de representar o mundo, produzindo palavras e imagens que diziam e mostravam além do que era apresentado em registros materiais.

Nesse instante, é fundamental trazer o conceito de representação cunhado pela autora. De acordo com Pesavento (2008, p. 40):

---

<sup>12</sup> Trecho da entrevista de Tuca, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013.

A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. Há uma exposição, uma reapresentação de algo ou alguém que se coloca no lugar de um outro, distante no tempo e/ou no espaço. Aquilo/aquele que se expõe – o representante – guarda relações de semelhança, significado e atributos que remetem ao oculto – o representado.

Além de não ser uma cópia fidedigna da realidade, a representação também possui uma carga simbólica, carregando sentidos ocultos que, construídos histórica e socialmente, se “enraízam” no inconsciente coletivo de uma forma tão intensa que se apresentam como naturais, sem necessidade de reflexão. Ancora-se, desse modo, novamente no pensamento da historiadora para se remeter à Candelária, sublocalidade da Mangueira, nosso objeto de estudo.

As pessoas têm uma imagem distorcida da comunidade. Eu vejo que quando aparece na mídia, pessoas falando, xingando palavrão, brigando, que nem no caso de Salve Jorge. Foi mostrado um lado legal, lado de comunidade, mas, às vezes, as pessoas olham pra gente, achando que todo mundo que mora aqui xinga palavrão. Que nem eu vivi uma experiência na escola do meu filho, quando eu falei que eu morava na Mangueira, ela [coordenadora] perguntou se ele se relacionava bem com os outros. Nem todo mundo que mora aqui convive com o lado ruim da coisa. A maioria trabalha, mais de 90 por cento da população aqui trabalha, paga imposto; eu faço questão de pagar a minha luz, eu faço questão de pagar as minhas contas em dia, como qualquer pessoa que mora ali, na Rua Visconde de Niterói.<sup>13</sup>

Percebe-se no relato de Tuca a constatação na prática da teoria apresentada em parágrafos anteriores. Significa dizer que a construção de uma representação, ao ser repetida inúmeras vezes, seja nos meios de comunicação ou por atores sociais, simplesmente replica um determinado estereótipo que, nesse contexto, refere-se à representação do morador da favela fora das dimensões territoriais.

Nesse ponto, um novo conceito é fundamental para elencar a abordagem teórica: o de imaginário. De acordo com Pesavento (2008, p. 43), ele é formado por um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, proporcionando sentido ao mundo.

Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social.

---

<sup>13</sup> Trecho da entrevista de Tuca, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013.

Portanto, na narrativa de Tuca, moradora da Candelária, percebe-se sua indignação quanto à representação coletiva da imagem do favelado associada à falta de postura, ao mau comportamento e ao não cumprimento de obrigações “oficiais”, como o pagamento de contas de prestadoras de serviços e de impostos.

Durante a conversa em seu bar, que fica na Rua Graciete Matarazzo, chamada pelos moradores de Rua de baixo, Tuca, com seu jeito tranquilo, modo de falar manso e sorriso largo, se posiciona de forma incisiva quando o assunto é comunidade.

Eu penso que quem vive em comunidade, até o nome já diz, né? Em comum unidade, a gente tem assim os mesmos pobremas [sic], a gente vivencia as mesmas dificuldades, né? [...] Quando as pessoas falam assim, ah, você veio de comunidade, elas acham que você mora num lugar onde o esgoto passa na sua porta, você não tem um saneamento básico, que você mora num barraco caindo aos pedaços, e não é assim. Apesar de eu morar na comunidade, eu conquistei o meu espaço aqui. Eu tenho água encanada, mesmas coisas que pessoas que moram na rua têm [referindo-se a quem vive fora da comunidade].<sup>14</sup>

Percebe-se pela narrativa de Tuca que há uma tensão entre os imaginários da cidade e do lugar, na medida em que, segundo ela, quem mora fora da Candelária possui uma representação simbólica que não condiz com a realidade. Nascida e criada dentro da comunidade, a comerciante, conhecida por seus salgados gostosos e que “cheiram” longe, não percebe diferenças entre a estrutura oferecida dentro da comunidade e as ofertadas aos moradores do asfalto, sendo a Candelária uma parte integrada à cidade.

Cabe aqui fazer uma pequena pausa para trazer o conceito de comunidade por um viés teórico. A ideia já foi trabalhada por vários autores, como Weber (1973), que se sustentava na orientação da ação social, surgindo daí o desenvolvimento de definições de comunidade, levando em consideração o formato “ideal” de grupamento defendido por muitos pensadores. A Sociologia clássica também deu sua contribuição, conforme relembra João Maia (2005, p.36).

Na sociologia clássica, a ideia de comunidade pode ser apreendida a partir de uma pluralidade de princípios de coesão; ela se relaciona com o modelo ortodoxo em oposições dialéticas entre próximo e distante em determinado território ou sentimentos e interesses presentes nas ações dos indivíduos na metrópole moderna.

---

<sup>14</sup> Trecho da entrevista de Tuca, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013.

Não se pode, entretanto, esquecer também que a comunidade pode ser construída com base em laços emocionais característicos da contemporaneidade. Nesse momento, há uma “plasticidade” do conceito, em que a comunidade é o resultado de um processo de integração, cujo fundamento do grupo é um sentimento de pertencimento experimentado pelos participantes. Sua motivação se baseia em ligações emocionais ou afetivas.

Essas ligações são encontradas dentro da Candelária em vários momentos, não só em festas juninas comunitárias dos idosos e das crianças, em almoços de confraternização, mas também em momentos de dificuldades em que os moradores se reúnem para ajudar um vizinho com problemas de saúde ou financeiros.

Nessa “família” Candelariense, há também a participação efetiva das mulheres como pequenas empresárias – como o caso de Tuca –, que estão à frente de bares e lojinhas, como lideranças em projetos sociais, sem contar que, em muitos lares, elas são as responsáveis pelo sustento da família. Essa perspectiva matriarcal hoje tão presente na comunidade é uma conquista um tanto quanto recente. No próximo subitem da dissertação, tratar-se-á da representação do feminino dentro da Candelária, mas, antes, precisa-se recorrer à História para tentar compreender um pouco da trajetória de construção da imagem da mulher como submissa e de que forma ela conseguiu conquistar seu próprio espaço dentro da sociedade.

## **2.2 De submissa à matriarca: a representação do Gênero feminino**

Cabe aqui voltar na História e relembrar que a mulher era representada como um ser inferior, submisso ao homem – imagem presente desde os escritos do livro sagrado. Os padres e os clérigos da Idade Média defendiam a criação de Eva feita de uma parte do corpo de Adão, representando-a como frágil e subordinada perante o masculino.

Segundo Le Goff (2003), a desigualdade original da mulher surge com a criação dos corpos, sendo o ser humano dividido em duas partes: a superior (a razão e o espírito) relacionada ao lado masculino, e a parte inferior (o corpo, a carne), ao lado feminino.

Na visão da Igreja Católica, Adão e Eva viveram no Jardim do Éden, puderam comer o fruto da árvore da vida, ou seja, a imortalidade, mas eram proibidos de ingerir o fruto do bem e do mal, representado pela maçã. Eva foi a responsável pela transgressão do interdito e, a partir desse momento, a naturalidade da nudez transformou-se em vergonha e causou a perda do paraíso. A saída do Jardim do Éden representava o distanciamento do Divino: tornar-se mortal e conhecer a dor.

Ela, porém, não era a única representação do feminino na Idade Média. A Igreja apresentou um novo padrão comportamental, tendo Maria, mãe de Jesus, como modelo perfeito de esposa, mãe, mulher e virgem. Havia um incentivo por parte da instituição para que as jovens seguissem a vida religiosa, se mantivessem virgens e se tornassem esposas de Jesus.

Vale ressaltar que esses pensamentos foram divulgados no período medieval principalmente por clérigos, os quais faziam questão de apresentar a mulher como um perigo carnal e espiritual que necessitava ser evitado. Sem contar que, além de “perigosa”, ela estava sempre à sombra do homem, considerado seu dono. Quando criança, estava sob a custódia do pai e, quando adulta, sob a guarda do esposo.

Ao fazer um breve estudo sobre o papel da mulher dentro da sociedade medieval, percebem-se constantemente pensamentos de teóricos que valoram a condição do feminino sob um viés de inferioridade e de imperfeição corpórea diante do masculino. Em Atenas, apenas corpos jovens masculinos eram expostos despidos como uma representação do desafio dos homens em relação aos deuses. (SENNETT, 1994, p.38)

Esse “vigor” masculino estava relacionado ao calor corporal que já podia ser verificado durante a gestação, ou seja, “fetos bem aquecidos no útero, desde o início da gravidez, deveriam tornar-se machos. De fetos carentes de aquecimento nasceriam fêmeas”. (SENNETT, 1994, p. 38). Daí a ausência de corpos femininos despidos, expostos, em função de sua fragilidade e frieza, características incompatíveis com o masculino encorpado.

No entanto, segundo Nascimento, é importante questionar a validade desse discurso, que não necessariamente retratava a representação da imagem do feminino pela sociedade medieval.

Embora essas construções teóricas tenham influenciado de alguma maneira os comportamentos sociais, não se pode incorporá-las à construção histórica sem levar em consideração a existência de outras fontes. A



condição feminina era algo que preocupava mais os teóricos e eclesiásticos que a sociedade laica em geral. (NASCIMENTO, 1997, p.86).

Portanto, o conhecimento da realidade do feminino na Idade Média era construído pelo olhar masculino. De acordo com Duby (1993), há um atraso nas pesquisas sobre o assunto nesse período em virtude da falta de documentação, e os conteúdos disponíveis, em sua maior parte, foram alterados e distorcidos pelos homens.

Trazendo a questão para a nossa realidade histórica, como foi representada a mulher no Brasil colonial? Fundamenta-se, para tanto, no pensamento de Mary Del Priore (2011, p.28) para tentar responder essa pergunta, ao afirmar que, nesse período, a mulher também vivia sob o controle da Igreja, era considerada perigosa por sua beleza, sexualidade e associada a um instrumento do pecado e das forças diabólicas.

Interessante ressaltar também que médicos portugueses bebiam da fonte da tradição medieval, insistindo em enfatizar a função apenas reprodutiva feminina, em que o prazer nem sequer era ventilado. Sendo assim, a mulher teria um comportamento passivo ao ímpeto sexual do marido.

Acreditava-se, ainda, que o útero se alimentava de sangue e “pneuma” e que o espírito vital, emitido pelo homem, encarregado da fecundação, chegava-lhe através de uma grande artéria que descia do coração ao longo da coluna vertebral. No processo de fecundação, a fêmea era um elemento passivo. Comparada por alguns médicos à galinha, tinha por exclusiva função portar os “ovos”. (DEL PRIORE, 2011, p.34)

Se para a mulher o prazer sexual era proibido, para o homem, ele era obrigatório! Se para a esposa cabia à fidelidade, a preservação do matrimônio, ao marido, as escapadelas. Relacionamentos extraconjugais eram considerados naturais e comuns, com a presença constante de amantes “teúdas e manteúdas”. (DEL PRIORE, 2011, p.64)

É importante salientar que existia um alto nível de violência nas relações conjugais, não só na forma de surras e açoites, como também na violência do abandono, do desprezo e do malquerer. Os casamentos eram constituídos mediante interesses econômicos e políticos, não levando em consideração o sentimento e a afinidade sexual. (DEL PRIORE, 2011, p.65).

Vale acrescentar que a proposta desta parte da dissertação não é traçar uma linha histórica da evolução da imagem do feminino até a atualidade, mas tentar compreender como a construção da representação da mulher como submissa desde a Idade Média e no Brasil colonial ainda possui rastros, vestígios na sociedade brasileira.

Para tentar perceber esses sinais, remete-se ao final do século XIX e o início do seguinte, momento em que a burguesia pretendia transformar as cidades em metrópoles modernizadas, higienizadas, tendo como parâmetro o paradigma parisiense. Além de uma reurbanização dos espaços, havia uma cobrança na modificação da postura das camadas populares, sendo a mulher uma peça fundamental nesse processo. “Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem, considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos”. (SOIHET, 2004, p.362)

Para garantir o sucesso da instalação do regime capitalista, os grupos interessados utilizaram a ciência como justificativa para atribuir razões biológicas como responsáveis pelas características femininas, como a fragilidade, o recolhimento, a predominância das capacidades afetivas sobre as intelectuais e a maternidade. Dessa forma, percebe-se a construção de um estereótipo de submissão, de recato, impetrado à mulher brasileira.

Todavia, ainda de acordo com Soihet (2004), esses “padrões” estabelecidos para formatar o comportamento feminino não possuíam aplicabilidade em relação às mulheres das classes populares, desde a forma de ocupar o espaço urbano até a maneira de se comunicar. Como essas últimas tinham, muitas vezes, a responsabilidade pelo sustento da família, necessitavam de liberdade para circular e permanecer pelas ruas em busca de atividades informais.

A presença do homem como o mantenedor das despesas da casa e responsável pela proteção da família era uma situação típica das relações burguesas. À mulher, cabia cuidar da educação das crianças, da administração do lar e dos afazeres domésticos. Porém, apesar de essas atribuições femininas fazerem parte do universo das classes pobres, elas não eram as principais preocupações da mulher, principalmente no final do século XIX e início do seguinte,

na medida em que necessitava buscar trabalho fora de casa para garantir o sustento dos filhos.

Mesmo sem exercer os papéis de chefe de família e de mantenedor do lar, previstos pelos padrões culturais da época, o homem das classes populares sofria influências do pensamento vigente. Segundo Chaulhoub (1986), o surgimento da violência contra a mulher ocorreu pela incapacidade do homem de exercer o poder ilimitado, o que seria mais um símbolo de fraqueza e impotência do que de força e poder.

Ao contrário, porém, do estereótipo do marido dominador e da mulher submissa comum na família burguesa, em que a esposa sofria calada às agressões do companheiro, nas camadas populares o comportamento feminino era negador de tal atitude, havendo reação das mulheres quanto à violência praticada pelos maridos. Na visão de Soihet (2004), o trabalho e o compartilhamento das despesas do domicílio contribuíram para o surgimento da autoestima feminina. “Isso lhes possibilitou reivindicar uma relação mais simétrica, ao contrário dos estereótipos vigentes acerca da relação homem/mulher que previam a subordinação feminina e a aceitação passiva dos percalços provenientes da vida em comum” (SOIHET, 2004, p.377).

Portanto, em uma sociedade que defendia a inferioridade feminina e a obediência ao esposo, a reação e a desconstrução desses paradigmas surgiram com a autonomia das mulheres pobres na virada do século XX. A oportunidade de trabalho permitiu essa mudança, a partir do momento em que ela encontrou um caminho de sustento, mesmo que de forma autônoma, como prestadora de serviços – lavadeira, passadeira ou doceira.

Percebe-se que a perspectiva de submissão impetrada ao feminino desde a Idade Média aos poucos vai se modificando. A imagem do masculino como ser soberano, superior, começa a ser arranhada quando a mulher assume o papel de provedora nas classes populares. Há um maior respeito pela figura do feminino dentro do seio familiar em que a liderança é matriarcal.

No próximo subitem deste trabalho, traz-se para a discussão o feminino nos séculos XX e XXI, tendo como objeto de estudo mulheres que vivem na favela da Candelária.

### 2.2.1 “As mulheres da Mangueira não se deixam bagunçar”<sup>15</sup>

Segundo relatos de moradores, a Candelária é a parte mais antiga do Complexo da Mangueira e foi ocupada no início do século XX, principalmente por migrantes provenientes de Minas Gerais, que vieram em busca de uma oportunidade de trabalho em uma fábrica de cerâmica instalada na Rua Visconde de Niterói. Como não existiam moradias, eles começaram a ocupar o morro, construindo barracos de madeira, de estuque, cobertos com palha, ampliando a comunidade Candelariense. Nessa época, não havia água, luz ou qualquer infraestrutura na região.

Com o crescimento da industrialização, famílias inteiras vieram de outras regiões do país para a então capital da República em busca de melhores condições de vida. Esse foi o caso dos avós maternos de Kely Louzada, nascida e criada dentro da comunidade e fundadora da Associação Meninas e Mulheres do Morro<sup>16</sup>. Naquela época, por volta da década de 40, o sustento da casa era de responsabilidade do homem, cabendo à mulher a educação dos filhos e a administração do lar, conforme relata Kely:

Pelo que eu sei, era o meu avô, mas a minha avó era a que decidia as coisas, já naquela época. Era aquela que o homem tem que sair pra trabalhar, a gente fica em casa, a gente organiza a grana que entra, educação dos filhos. Era aquela coisa bem dividida, o homem era o provedor e a mulher cuidava do dinheiro, da organização das coisas direitinho.<sup>17</sup>

Apesar de seu avô ser o chefe da família, Kely relembra que a avó também colaborava nas despesas. Não chegava a ter um emprego oficial, com carteira assinada, mas trabalhava como autônoma, prestando serviços para vizinhos da comunidade.

---

<sup>15</sup> Trecho da entrevista de Tuca, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013.

<sup>16</sup> Em 1995, Kely Louzada decidiu criar a Associação Meninas e Mulheres do Morro para atuar dentro da Candelária com o objetivo de desenvolver ações voltadas para arte educação, leitura, cultura e cidadania, sendo registrada oficialmente em 2004.

<sup>17</sup> Trecho de entrevista de Kely Louzada, moradora e liderança dentro da comunidade, realizada em maio de 2013.

Ela lavava roupa pra fora, passava roupa pra fora, porque, como a maioria das pessoas trabalhava na cerâmica e, pelo que eu lembro e eu ouvia eles dizerem, era de segunda a sábado, então muita gente não tinha tempo pras coisas do dia a dia da casa. Então, ela pegava umas roupas pra lavar, não era de todo mundo, mas era dos homens que vieram para morar sozinhos, pra trabalhar na fábrica. Aí ela lavava a roupa de alguns e passava. Aí contribuía dessa forma. Eu acho que por isso que todas as pessoas da minha família começaram a trabalhar cedo. Tem aquela coisa de ter a sua grana, o seu sustento, não depender de ninguém, não depender dos homens.<sup>18</sup>

Esse relacionamento de parceria entre o casal, entretanto, não era uma realidade constante dentro da Candelária. Percebe-se pela narrativa de Kely que a mulher era criada pelo modelo de submissão e inferioridade imposto pela sociedade da época e que deveria ceder a todos os caprichos do marido; caso contrário, era vítima de violência.

Dependendo da família que era, as mulheres que era [sic], muitas por depender diretamente do homem, se submetia [sic] aos caprichos deles. Ah, tipo ao ponto de eu já ouvir histórias de mulheres assim: o cara queria comer um arroz, feijão e um bife, um exemplo. Aí não tinha o bife, o muquirana [sic] não comprou o bife, mas queria comer, aí a mulher fritava um ovo ou fazia qualquer coisa, aí ganhava porrada [sic] porque não foi aquela comida que ele pediu, que ele queria comer, alguma coisa assim.<sup>19</sup>

Na década de 1980, com a implantação de novas indústrias ao redor da favela, mulheres dependentes dos maridos e vítimas de violência tiveram oportunidades de trabalho. A partir do momento em que descobriram que não dependiam dos companheiros para o seu sustento e dos filhos, criaram força contra a dominação imposta pela sociedade prioritariamente machista. Segundo Kely, a violência doméstica contra a mulher na comunidade não era mais recebida de forma passiva, fazendo parte do passado a atitude de se encolher em um canto da casa e chorar após ser vítima de agressão do marido.

Nas últimas duas décadas, o comportamento feminino mudou na Candelária: a agressão passou a ser revidada física e verbalmente ou por meio de atitudes que antes não cabiam ao perfil da mulher, como deixar de cumprir tarefas domésticas, conforme relembra Kely:

---

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem.

[...] De não fazer uma comida, de não passar uma roupa, de não dormir junto, se dormir é como não tivesse dormindo, tipo, botar um lençol para cada um se cobrir. Hoje em dia, de um tempo pra cá, as mulheres tão [sic] mais soltas, eu acho que elas tão [sic] com menos medo. Porque antigamente, a mulher foi criada pra ser esposa e mãe. Hoje, elas descobriram que elas podem ser esposa, mãe e mulher. Antigamente, elas anulavam esse lado mulher delas, elas se sentiam felizes se a casa tivesse bem limpa, se tivesse uma televisão... O marido podia ser um fdp [sic], mas que não transparecesse para as amigas. Meu marido é bom, faz isso, faz aquilo. Hoje em dia não, hoje em dia elas descobriram que elas podem trabalhar, aquilo tudo que o marido dava antigamente, elas podem comprar, elas podem ter. Então, hoje em dia, as mulheres estão mais corajosas, a verdade é essa.<sup>20</sup>

A liberdade e a autonomia surgiram na vida das moradoras que decidiram participar dessa virada histórica, deixando de ser submissas, saindo de casa em busca de seu espaço, sendo, muitas vezes, chefes de família. Essa é uma situação marcante na comunidade da Candelária, onde a palavra final, a educação dos filhos e o sustento da casa são, em muitas residências, de responsabilidade da matriarca.

A comerciante Tuca também corrobora com essa visão de que as mulheres da favela conseguiram o seu espaço e que já foi o tempo em que homens machistas mandavam nas esposas e ditavam as regras. Atualmente, a situação é bem diferente e o comando está nas mãos femininas. “Eu acho que agora elas estão bem determinadas. [...] Até porque, quem mora na Mangueira não é bagunça, né? As mulheres da Mangueira não se deixam bagunçar. [...] As mulheres que dão as cartas, as mulheres que comandam. Eu acho que é bem assim”.<sup>21</sup>

Percebe-se que há um vínculo forte entre as mulheres da Candelária e um sentimento de proteção dentro do círculo familiar, em que elas se ajudam e se amparam em situações cotidianas. De acordo com Kely, a busca pelo apoio maternal por parte das filhas em situações difíceis é uma questão antiga dentro da comunidade. A repercussão dessa atitude, contudo, é diferente em relação ao passado, em que a mãe tentava minimizar a situação, fazendo com que a filha permanecesse no casamento. Atualmente, a reação é diferente, conforme relata a liderança comunitária da Candelária: “Hoje em dia não, pede ajuda para uma amiga, a mãe vai lá e se mete mermo [sic] na vida, entendeu? [...] Hoje em dia, não tá satisfeita, larga a casa, quem vive de casa é caracol, é tartaruga, entendeu? Você

---

<sup>20</sup> Trecho de entrevista de Kely Louzada, realizada em setembro de 2013.

<sup>21</sup> Trecho da entrevista de Tuca, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013

trabalha, você pode trabalhar, você depende de homem porque você quer e, hoje, a mulher só depende do homem se ela quiser.”<sup>22</sup>

Na opinião de Kely Louzada, essa mudança de perspectiva da mulher – “dona” de seu destino e de sua vontade – foi possível graças também à influência dos meios de comunicação, sendo a telenovela o principal instrumento de divulgação. Segundo ela, a apresentação de personagens femininas, vítimas de violência física, que denunciavam ou até mesmo revidavam a ação, estimularam a tomada de atitude por parte de mulheres que sofriam as mesmas agressões, possibilitando a divulgação de informações sobre os direitos femininos. Hoje, não há mais violência física como antigamente, mas a psicológica ainda acontece com frequência dentro da comunidade.

De acordo com Martín-Barbero (2001), a produção desse gênero ficcional sofreu um processo de nacionalização em países como Brasil, México, Venezuela, Argentina, Colômbia, Chile e Peru, que, apesar de demandar rígidos estereótipos e fortes determinações no campo visual, em função da lógica do mercado de TV mundial, ainda sim é um espaço de cruzamentos entre a televisão e outros setores culturais, como a literatura, o cinema e o teatro.

Ainda conforme o autor, no Brasil implantou-se o modelo moderno de narrativa ficcional, em que a rigidez dos esquemas e as ritualizações são penetradas por imaginários de classe e território, de gênero e geração.

Ao mesmo tempo que se exploram possibilidades expressivas abertas pelo cinema, pela publicidade e pelo videoclipe. Os personagens se libertam, em alguma medida, do peso do destino e, afastando-se dos grandes símbolos, se aproximam das rotinas cotidianas e das ambiguidades da história, da diversidade das falas e dos costumes. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.121).

De acordo com DaMatta (1985), a telenovela é uma narrativa na qual o autor, o leitor e as personagens trocam constantemente de lugares. Com isso, segundo Martín-Barbero, esse intercâmbio proporciona uma confusão entre o relato ficcional e a vida do espectador, que se envolve intensamente com a trama, que acaba alimentando-a com sua própria vida. (2001, p.150).

Saindo do campo ficcional e retomando a reconfiguração da representação do feminino não só na Candelária, mas também em território nacional, um estudo

---

<sup>22</sup> Trecho de entrevista de Kely Louzada, realizada em setembro de 2013.

realizado por técnicos do Instituto Pereira Passos (IPP), referente aos dados dos censos de 2000 e 2010, descobriu que as mulheres que vivem no Rio de Janeiro estão mais à frente do lar do que em outros estados do país. Os dados fazem parte de uma reportagem publicada em *O Globo* digital, intitulada *A Força das mulheres da Cidade*.

Na média brasileira, elas são chefes do domicílio em 38,7% das residências. No Rio de Janeiro, as mulheres são 46,5% dos 2,14 milhões de chefes de família; mais que em São Paulo (44,1%), Vitória (43,9%) ou Belo Horizonte (43,6%). Olhando de outra maneira para o mesmo dado, 29,7% dos 3,3 milhões de mulheres do Rio são chefes do domicílio. E 21,1% dessas declararam no último censo não ter renda ou ganhar até um salário mínimo. (O Globo, editoria Rio, 17 de junho de 2013, edição digital).<sup>23</sup>

Percebe-se na comunidade pesquisada a confirmação do resultado do trabalho promovido por profissionais do IPP, na medida em que, na grande parte dos lares da Candelária, as mulheres são responsáveis pelo sustento dos filhos e da família. Elas não dependem de recursos financeiros provenientes de uma figura masculina, seja o marido ou o ex-companheiro.

Além da participação da mulher como uma liderança bastante representativa dentro dos lares da favela, ao circular pela Candelária vê-se que a tecnologia está presente no cotidiano desses moradores, principalmente dos mais jovens. É muito comum encontrar, pelas ruas estreitas, adolescentes conectados na internet, utilizando celulares modernos, participando de redes sociais e de jogos virtuais. Esse avanço da comunicação, porém, que possibilita troca de informações, acesso às notícias de qualquer parte do mundo em tempo real não faz parte do dia a dia dos idosos da Candelária. No próximo item dessa dissertação, abordar-se-á a dificuldade do pessoal da terceira idade em conviver com essa tecnologia, que evolui e se modifica de forma rápida e intensa na atualidade.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://oglobo.oglobo.com/rio/a-forca-das-mulheres-da-cidade-8708999>>. Acesso em: 26 jun. 2013.



### 2.3 Idosos da Candelária: conexão *off-line* com as novas tecnologias

*Tablet, ipod, iphone, download, upload, curtir, compartilhar, twittar, e-mail,* tanta tecnologia nesses tempos pós-modernos... Mas onde ficam os idosos da Candelária nesse turbilhão digital? Percebe-se que, ao contrário dos jovens – que estão sempre antenados aos últimos lançamentos de celulares, novos aplicativos, conectados 24 horas na rede mundial de computadores –, lá o pessoal da terceira idade não se interessa por essas ferramentas comunicacionais.

O computador é um “ser” estranho para o grupo de idosos pesquisado. Dona Adineva, por exemplo, conta que não usa computador e nem celular. Atualmente, tem problema de visão, mas, mesmo antes de a deficiência aparecer, a aposentada não se importava com o mundo virtual. “Não, não, não. Não enxergo nada. Nem no tempo que eu enxergava eu nunca me interessei por nada dessas coisa [sic]. Não tenho nada disso. Eu só tenho uma televisão e uma geladeira velha.”<sup>24</sup>

O irmão dela, Seu Mangureira<sup>25</sup>, também segue o mesmo discurso quando o assunto é tecnologia: “Não, não gosto não, nem celular não gosto.”

Dona Lena, costureira aposentada e mangueirense ferrenha, também não se preocupa em seguir a tendência tecnológica. Admite que o computador é imprescindível em vários setores da sociedade, mas, para ela, é um objeto supérfluo. Aos 71 anos de idade, convive com a sobrinha-neta Victória, antenada às novidades digitais, mas Dona Lena não prende sua atenção às mudanças e defende uma teoria sobre o assunto:

Celular eu tenho, mas eu nunca me interessei por internet. Sabe por quê? Eu gosto de costurar, se eu for inventar de [sic] internet, eu gosto de sair, eu não vou arrumar um outro sanhaço pra mim. Porque, se eu bater num negócio desse, num computador, começar a mexer, eu vou esquecer da minha pobre coitada [referindo-se à máquina de costura], que é o meu ganha-pão. Por que tem o joguinho, né? Não tem o joguinho?” [...] Então, eu acho que a internet é uma coisa, o computador é essencial lá no INPS, lá no banco, lá nas repartições pública [sic], pras pessoas trabalhar [sic], sabe? Mas eu acho desperdício na mão que [sic] as pessoas ficam aprendendo coisas que não deve [sic] e inventando moda. Então, pra quem trabalha com computador, tudo bem, ele é válido lá, é importante. Eu, pra mim, se eu

<sup>24</sup> Trecho da entrevista de Dona Adineva, realizada em abril de 2014.

<sup>25</sup> Seu Mangureira é o apelido de Guilherme Maria da Cruz, de 75 anos. Nascido e criado dentro da comunidade, ele é uma referência dentro do grupo dos idosos da Candelária.

for me aprofundar, eu vou arrumar mais uma coisa pra mim, aí não vai dar, eu não vou ter tempo de nada. Às vezes, eu até preciso; outro dia a gente precisou aqui. Aí a gente foi ali na Kely, se a Kely tem ali, tem a *lan house* lá na frente do Jefferson também. [...] Eu sei que é essencial, é imprescindível, muitas pessoas precisam, mas, pra mim, não faz falta não.<sup>26</sup>

Seu Rubinho, de 64 anos e há 44 na comunidade, também não tem contato com o mundo virtual. “Pior que eu não sei mexer não. Ainda mais por causa da vista, pra mim [sic] ler, eu tenho que ficar assim pertinho, aí começa a embaralhar a minha vista, certo?”<sup>27</sup>

Apesar de conviver com outras gerações adaptadas às novas tecnologias – seus netos e filhos têm acesso às novas ferramentas –, os idosos da Candelária permanecem analfabetos digitais e possuem uma resistência em aprender sobre o mundo virtual e entrar nele.

É importante voltar um pouco na história e lembrar que a internet surgiu no Brasil na década de 90, momento em que a minoria da população tinha acesso à rede em função da necessidade de compra de um computador – objeto de luxo na época –, de possuir uma linha telefônica com sinal de qualidade e de um provedor pago. O custo alto dificultava o acesso. Hoje, a situação é bem diferente. É possível entrar na internet pelo celular, pelo *tablet* ou por *lan houses* espalhadas pelos quatro cantos da cidade, sem contar com a queda no preço do serviço. Apesar das melhorias e dos facilitadores, a tecnologia não foi incorporada ao cotidiano dos idosos da comunidade.

O contato com o mundo externo à Candelária ocorre por meio dos veículos de comunicação, principalmente pelo rádio e pela televisão. Dona Lena é do fã clube do rádio. Desde jovem, aproveitava o horário do almoço do trabalho para assistir aos programas de auditório em uma emissora AM. “A gente ia na Rádio Globo, lá na Irineu Marinho. Nós [referindo-se a ela e à irmã Heloína] trabalhávamos na Frei Caneca, na tinturaria, e era pertinho da Rádio Globo e, na hora do almoço, a gente ia na Rádio Globo todo dia, no Mário Luiz.”<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Trecho de entrevista de D. Lena, realizada em maio de 2013.

<sup>27</sup> Trecho de entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

<sup>28</sup> Trecho de entrevista de D. Lena, realizada em maio de 2013.

O tempo passou, Dona Lena tem hoje 71 anos, mas a paixão pelo rádio continua na vida da costureira. Aficionada pelo Flamengo, a aposentada escuta, principalmente, programas esportivos em emissoras AM.

Eu escuto muito a Rádio Globo, eu gosto de escutar a Tupi às 5 horas com o Apolinho. Eu gosto de esporte, então, quando eu quero escutar esporte, assim quando eu vou na cozinha na parte da tarde e na parte da noite, eu boto na Rádio Tupi, aí depois de noite também eu escuto. [...] Mas eles vêm, eu ligo o meu radinho e ela vem pá [referindo-se à sobrinha-neta que desliga o aparelho]. [...] Eles não gostam, eles não são felizes, tudo incomoda ela [referindo-se à irmã Heloína]. Eu não, pra mim tudo tá ótimo!<sup>29</sup>

Além do jogo de dominó com os amigos na Rua de Baixo, Seu Mangureira divide seu tempo entre a televisão e o rádio. “Televisão eu gosto, eu gosto de assistir [sic] filme, futebol. Radinho, eu tenho. Eu gosto de ouvir notícia e futebol na Rádio Globo.”<sup>30</sup>

Já o mais animado do grupo de aposentados e pensionistas, Macumba, prefere assistir à televisão e adora uma narrativa ficcional. “Só gosto de televisão. Eu gosto de reporte [sic], de esporte, futebol, né? Eu gosto de assistir [sic] novela. É melhor do que ficar no botequim, né?”<sup>31</sup>, brinca o dono da vendinha que, apesar de ter um espaço para colocar as mercadorias, não perdeu o hábito de seus tempos de camelô, montando bancas em frente ao estabelecimento comercial, onde vende de tudo um pouco, desde doces até roupas a preços populares.

Dona Adineva pertence ao grupo televisivo. A despeito de gostar de rádio, não tem o aparelho em casa. Com isso, a conexão com o mundo externo à comunidade é por meio da televisão. Quando perguntada sobre os programas que gosta de assistir, a aposentada de fala mansa não titubeia... “Ah, de manhã cedinho eu vejo as oração [sic], depois eu vou ver Maria Braga, assisto mermo [sic].”<sup>32</sup>

Seu Rubinho é do grupo radiofônico da terceira idade. Diariamente, ouve, acompanhado pela esposa Conceição, um programa de orações na Rádio Globo.

---

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Trecho de entrevista de Seu Mangureira, concedida em junho de 2013.

<sup>31</sup> Trecho de entrevista com Macumba, realizada em junho de 2013.

<sup>32</sup> Trecho de entrevista com Dona Adineva, realizada em abril de 2013.

“Gosto de rádio, gosto de rádio. A gente vê [sic] a música do Padre Marcelo aí de manhã, a gente escuta.”<sup>33</sup>

Percebe-se, nos exemplos apresentados, que os meios de comunicação ordenam os hábitos diários desses atores sociais, proporcionando a adaptação da rotina em função da programação da TV ou do rádio. Além disso, esses veículos de comunicação trazem informações de acontecimentos mundiais para dentro da comunidade.

Apesar de se viver em um momento de aceleração informacional, conteúdo globalizado, compartilhamento de dados, integração mundial por meio da internet, de TV a cabo, esse turbilhão de signos, mensagens e imagens altera, de forma tímida, o ritmo lento do grupo de idosos da Candelária.

Nós sabemos que há apenas um relógio mundial, mas não um tempo mundial. Seja como for, a distância do homem comum em relação a esse novo Tempo do Mundo é maior, muito maior do que antes. A mundialização multiplica o número de vetores e, na verdade, aumenta as distâncias entre instituições e pessoas. Ubiquidade, aldeia global, instantaneidade são, para o homem comum, apenas uma fábula. Para o homem comum, o Mundo, mundo concreto, imediato, é a cidade, sobretudo a Metrópole. (SANTOS, 2008, p.78)

Nota-se que os idosos sabem que essas tecnologias existem, que estão disponíveis de uma forma mais acessível, seja técnica ou financeiramente, porém simplesmente não se interessam por essas ferramentas. Os motivos do desinteresse podem ir desde algum problema de saúde, como deficiência visual, e, até mesmo, que os serviços oferecidos sejam desnecessários para as atividades cotidianas, mas, ainda assim, a tecnologia está presente no dia a dia do grupo pesquisado.

---

<sup>33</sup> Trecho de entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

### 3 A MEMÓRIA DO LUGAR

Vive-se em um momento de mistura de tempos socialmente construídos pelos homens na pós-modernidade, em que o “instante” vivenciado no presente é supervalorizado, registrado, divulgado na rede mundial de computadores e, paradoxalmente, é o período de celebração do passado, conforme relata Beatriz Sarlo (2007, p.11).

As últimas décadas deram a impressão de que o império do passado se enfraquecia diante do “instante” (os lugares-comuns sobre a pós-modernidade, com suas operações de “apagamento”, repicam o luto ou celebram a dissolução do passado); no entanto, também foram as décadas da museificação, da *heritage*, do passado-espetáculo, das aldeias Potemkin e dos *theme-parks* históricos, dos *best-sellers* e filmes que visitam desde Tróia até o século XIX, das histórias da vida privada, por vezes indiferenciáveis do costumbrismo, da reciclagem de estilos, tudo isso que Nietzsche chamou, irritado, de história dos antiquários.

Observa-se que ocorreu uma nova maneira de retratar a história, um neo-historicismo, como nomeia Beatriz Sarlo (2007), em que a história social e cultural voltou o olhar para as margens das sociedades, modificando a noção de sujeito e a hierarquia dos fatos e valorizando os pormenores do dia a dia. Além disso, uma linha da história voltada para o mercado já não se limita apenas à narração de grandes feitos, mas também adota um foco próximo dos atores sociais em seu cotidiano.

O lugar espetacular da história oral é reconhecido pela disciplina acadêmica, que, há muitas décadas, considera totalmente legítimas as fontes testemunhais orais (e, por instantes, dá impressão de julgá-las mais “reveladoras”). Por sua vez, histórias do passado mais recente, apoiadas quase que apenas em operações da memória, atingem uma circulação extradisciplinar que se estende à esfera pública comunicacional, à política e, ocasionalmente, recebem o impulso do Estado. (SARLO, 2007, p.12).

Ainda de acordo com Beatriz Sarlo (2007), o passado volta como quadro de costumes, em que são valorizados os detalhes, o original, a exceção à regra e as curiosidades que não permanecem no presente.

Como se trata da vida cotidiana, as mulheres (especialistas nessa dimensão do privado e do público) ocupam uma parcela relevante do quadro. Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e

tendem à escuta sistemática dos “discursos de memória”: diários, cartas, conselhos, orações. (SARLO, 2007, p. 17)

Evidentemente que essa perspectiva ideológica e conceitual do passado não é recente, na medida em que ela ocorre paralelamente à renovação temática e metodológica que a sociologia da cultura e os estudos culturais realizaram sobre o presente. (SARLO, 2007).

Um exemplo que cabe ser citado refere-se ao ano de 1957, quando Richard Hoggart – em sua obra *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos* – retrata temas, como vida doméstica, as férias, a administração das despesas em condições financeiras precárias, as diversões familiares que remetem às reconstituições do passado. Vale ressaltar que Hoggart foi bastante ousado em tratar esses temas, na medida em que utilizou suas lembranças e experiências da infância e da adolescência como objeto de estudo.

Retomando os moradores da Candelária, a proposta de pesquisa nesta dissertação utiliza-se do relato oral dessas pessoas para tentar resgatar e compreender um pouco da história dessa região do complexo da Mangueira. Como foi citado, os habitantes dessa comunidade têm uma forma peculiar de marcar o tempo. Se forem perguntados quando os primeiros moradores provenientes de Minas Gerais ocuparam a favela, terão várias histórias para contar sobre esse momento. Nota-se que eles dão outro sentido ao tempo vivido, associando-o à sua memória individual, como, por exemplo, o nascimento de um filho ou a morte de um parente.

Na obra *Memória e identidade social*, Michel Pollak (1992) relatou detalhadamente essa peculiaridade, ao entrevistar donas de casa da Normandia que passaram por momentos trágicos, como a guerra, a ocupação e a libertação. As ocasiões, porém, que foram identificadas com precisão nos relatos eram as relacionadas à vida familiar das mulheres: “Nascimento dos filhos, até mesmo datas muito precisas de nascimento de todos os primos, todas as primas, todos os sobrinhos e sobrinhas. Mas havia uma nítida imprecisão em relação às datas públicas, ligadas à vida política”. (POLLAK, 1992, p.203).

Por outro lado, Pollak resalta ainda que, se forem entrevistadas personagens públicas, a vida privada ou familiar não terá quase espaço no relato, na medida em

que o foco dessas pessoas está direcionado para datas públicas, que quase se transformam em momentos privados.

Durante a pesquisa etnográfica na Candelária, percebeu-se que a memória individual dos entrevistados seria uma “brecha” (DE CERTEAU, 1994), uma alternativa para se tentar responder uma inquietante pergunta que, de forma recorrente, emergiu: como surgiu a Candelária? Ao longo de idas e vindas à comunidade nos seis meses de investigação, algumas respostas se repetiram e conseguiram-se histórias orais com uma riqueza de detalhes que parece que se retornou ao cenário da região no início do século XX. “Quando alguém se lembra com tantos detalhes das coisas menores, ficamos certos de que os fatos maiores estão sendo reproduzidos com exatidão diante dos nossos olhos.” (SARLO, 2005, p.152).

Vale ressaltar que se optou em tentar resgatar a história da região e, conseqüentemente, da comunidade, por meio de relatos orais de lembranças, de memórias de moradores, não utilizando a história oficial como embasamento de investigação, uma vez que a proposta é exatamente buscar informações de quem vive nesse lugar tão peculiar chamado Candelária.

É importante abrir um parêntese neste momento para tratar do conceito de lugar, tão bem explorado pelo geógrafo Milton Santos.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2009, p.322).

Portanto, para Santos (2009), o lugar não pode ser identificado como um espaço qualquer, mas um local que abriga manifestações espontâneas, criativas. Inclusive, está associado ao afeto, criador de vínculos emocionais e altamente representativo para um determinado grupo social.

Já para o geógrafo humanista Yi Fu Tuan (1983), as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra, tanto que, na experiência, o significado de espaço constantemente se une ao de lugar. “O conceito de ‘espaço’ é mais

abstrato do que o de ‘lugar’, o que começa como espaço indiferenciado pode se transformar em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (TUAN, 1983, p.6)

Ainda pela perspectiva de Tuan, o espaço passa a ser um lugar quando adquire significado. Esse último é um centro de significados construído por meio da experiência. A esse elo afetivo que une o indivíduo ao lugar, Tuan chamou de “topofilia”.

Bachelard (2003) também trabalha com o conceito de topofilia, no entanto relaciona-o à intimidade. Na perspectiva do autor, existem “espaços de intimidade” que atraem o homem, por questões de memória ou segurança. Dessa maneira, topofilia remete ao envolvimento cultural do homem com o meio; este atravessado por afetividade, sensações, pertencimento e identidade, sendo um sentimento despertado pelo espaço apropriado pelo indivíduo.

Retomando a memória da Candelária pelo olhar de seus moradores, traz-se o relato de Seu Mangureira, de 76 anos, nascido e criado dentro da comunidade. O aposentado nunca saiu da favela, sempre viveu ali e não tem a menor pretensão de mudar de endereço. “Mesmo se eu ganhasse na loteria não trocaria aqui por lugar nenhum.”<sup>34</sup> Perguntado sobre os motivos que o mantinham tão ligado à comunidade, Seu Mangureira brincou: “Não sei, é a água que a gente bebe”<sup>35</sup>, afirmou e, logo em seguida, soltou uma risada gostosa.

Não é apenas Seu Mangureira, porém, que tanto se orgulha de viver na comunidade. Pode-se perceber que os entrevistados, independentemente de idade, têm esse pensamento: é um orgulho pertencer ao lugar. Há um vínculo afetivo que transborda nos relatos, como o de Deise, mais conhecida como Branca.

Eu tenho muito orgulho de morar na Candelária. Quando eu me casei, eu saí da Candelária e fui morar ali na Rua Poteri, do lado da fábrica de azeitona; não consegui morar lá. Tive que vir para cá de novo, comprar uma casa e retornar. Eu não consegui me adaptar no local [sic], só me sentia bem aqui. [...] Não me imagino morando em lugar nenhum, nem se eu ganhasse na Mega-sena. Eu acho que compraria várias casas para aumentar a minha casa e poder trazer pessoas da minha família que hoje não moram aqui, que têm vontade de retornar mas não têm casa aqui.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Trecho de entrevista de Seu Mangureira, realizada em junho de 2013.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Trecho da entrevista de Deise, concedida em maio de 2013.



A comerciante Tuca também corrobora com o pensamento de Seu Mangueira e de Branca, quando o assunto é Candelária.

Eu gosto de morar aqui porque aqui eu consigo me familiarizar bem com as pessoas. Eu tenho intimidade com elas, conheço. A gente tem uma certa sintonia. E assim, por ter nascido e ter sido criada aqui, eu não consigo me imaginar em outro ambiente não. Eu gosto daqui, tenho coisas próximas, as pessoas [sic] que eu gosto estão aqui, então não tenho intenção... Se eu pudesse melhorar minha vida aqui, esse seria o meu propósito, mas não sair daqui. Uma casa maior, com as coisas que eu poderia, mas aqui.<sup>37</sup>

Com 59 anos de idade e de Candelária, o funcionário público César enfatiza seu enraizamento na comunidade. Sair da favela não está em seus planos para o futuro em função do convívio com vizinhos, todos conhecidos de longa data, e pelo seu sentimento de segurança dentro do morro.

Moro aqui desde que nasci e, como se diz na gíria, meu imbigó [sic] tá enterrado aqui. Eu falo pra vocês que eu não sairia daqui pra lugar nenhum. Aqui você já tem conhecimento com todo mundo, todo mundo te respeita... Eu não sairia daqui por nada. Aqui eu já tô acostumado aqui, eu entro e saio... E hoje como é que tá aí, na rua, acho que aqui pelo menos a gente tem mais segurança. Aqui você já conhece todo mundo.<sup>38</sup>

Nem mesmo um prêmio milionário faz com que Dona Lena troque de endereço. A integrante da Velha Guarda da Mangueira, que começou a frequentar os ensaios aos 17 anos, não pensa em deixar a comunidade de que tanto se orgulha. “Ah, daqui agora eu não tenho mais vontade de sair não. Se eu ganhasse na loteria? Com sinceridade? Eu iria dar uma melhorada na minha casa, somente. Ia comprar um carrinho”.<sup>39</sup>

Para a presidente da Associação Meninas e Mulheres do Morro, Kely Louzada, a Candelária é um lugar insubstituível.

A Candelária é o meu porto seguro. É o lugar que eu já saí daqui e já voltei pra cá. Porque é assim, é papo de morador apaixonado pelo espaço. Não tem outro lugar igual. Aí eu brinco que, quando eu ganhar na Mega-sena, eu vou lá pra fora, eu acho que eu não vou nada. Eu vou comprar umas três

---

<sup>37</sup> Trecho da entrevista de Tuca, realizada em maio de 2013.

<sup>38</sup> Trecho da entrevista de César, concedida em julho de 2013.

<sup>39</sup> Trecho da entrevista de Dona Lena, concedida em maio de 2013.

casas em torno da minha, pra aumentar a minha, que meu sonho é ter uma casa grande e vou ficar por aqui mesmo.<sup>40</sup>

Observa-se, pelos testemunhos apresentados, que, na experiência do espaço, existe a sensação de familiaridade e afeição. Dessa forma, o tempo e a vivência prolongada são fundamentais para a caracterização do lugar. Sendo assim, o significado do lugar Candelária está relacionado à conexão dos indivíduos com a comunidade, dando-lhe importância pessoal, apresentando-a como um lar, um lugar em que essa parte da Mangueira é definida pelos próprios moradores como uma grande família, em que as pessoas se ajudam em momentos de dificuldades no cotidiano.

Aqui é uma grande família. Aqui, se um tiver doente, todo mundo te ajuda, até quem você não conhece. No dia que minha mãe passou mal aqui, no Carnaval retrasado, veio gente que eu não conhecia para ajudar a levar ela lá fora pro hospital. Aqui todo mundo te ajuda. Me ajuda, se eu puder ajudar alguém, eu vou ajudar, eu não regateio.<sup>41</sup>

Nota-se, pelos relatos dos moradores, o espírito de solidariedade que impera dentro da Candelária em pequenas situações do dia a dia, em que a preocupação das pessoas não se resume apenas à sua casa, à sua família, mas é uma atitude cooperativa que já faz parte da vivência dentro da favela, diferentemente da realidade no asfalto.

Se ajudamos [sic]. [...] Eu te dou um exemplo assim, ó... Eu saí e esqueci a minha porta aberta, a minha vizinha de frente, ela toma conta, se ela escutar um barulho, ela vai ver quem é. Ou quando o filho é pequeno, fulana passa o olho pra mim? Tá sempre olhando... Entendeu? Coisa que você não vê. A minha filha mais velha mora em apartamento, ela não conhece os vizinho [sic] dela. Se precisar de uma colher de açúcar, não tem a quem pedir, aqui não. Aqui é muito bom. Eu me orgulho da Mangueira.<sup>42</sup>

Eu acredito que aqui, na Candelária, nós somos uma grande família sim. Somos muito solidários. [...] Você não vê a pessoa na rua falando que compra um botijão de gás pro amigo que faltou o gás. Aqui na comunidade,

---

<sup>40</sup> Trecho da entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

<sup>41</sup> Trecho da entrevista de César, realizada em julho de 2013.

<sup>42</sup> Trecho da entrevista de Cremilda, mais conhecida como Nem, gerente do bazar da Associação Meninas e Mulheres do Morro, realizada em abril de 2013.

a gente tem contas na tendinha, que, se a gente não tem dinheiro, a gente vai na tendinha, compra e paga só no pagamento.<sup>43</sup>

Segundo a presidente da Associação Meninas e Mulheres do Morro, em momentos difíceis até as diferenças são deixadas de lado para colaborar com um integrante dessa grande família chamada Candelária.

A gente diz que Candelária é coração de mãe, quem vem se apaixona, quem vem gosta de ficar aqui. Eu acho que é porque isso aqui, na realidade, a gente acabou se transformando numa grande família. Até quem não gosta de alguém, quando acontece alguma coisa, esse sentimento é deixado de lado e a gente vai pra lá, né, ajudar esse desafeto. Então, eu acho que Candelária é muito isso. A gente acabou se tornando uma grande família, todo mundo se conhece, cada um sempre precisa de alguma coisa que o outro tá pronto a ajudar, se prontifica a ajudar.<sup>44</sup>

É importante destacar que, independentemente dos laços consanguíneos, esses atores sociais se reúnem em prol de algum integrante do grupo, criando opções para solucionar o problema, seja do vizinho ou até mesmo de apenas um conhecido. Cabe, neste momento, trazer o conceito de Michel Maffesoli (2010) no que tange à família ampliada.

Esses agrupamentos afinitários retomam a antiga estrutura antropológica, que é a “família ampliada”. Estrutura na qual a negociação da paixão e do conflito se faz bem de perto. Sem remeter à consanguinidade, esse reagrupamento se inscreve na perspectiva do *phylum* que renasce com o redobramento do naturalismo. Podemos dizer que as redes, que pontuam nossas megalópoles, retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, de comensalidade, de sustentação profissional e, às vezes, até mesmo de ritos culturais que caracterizavam o espírito da *gens* romana. Seja qual for o nome que se dê a esses reagrupamentos: grupos de parentesco, grupos familiares, grupos secundários, *peer-groups*, trata-se de um tribalismo que sempre existiu, mas que, conforme as épocas, é mais ou menos valorizado.” (MAFFESOLI, 2010, p.124).

No próximo item desta dissertação, pretende-se aprofundar um pouco na história dessa parte do complexo de favelas da Mangueira, levando em consideração também suas memórias e seus “causos” famosos contados, recontados e repetidos por seus habitantes durante gerações. De acordo com Deise, defensora ferrenha do pessoal da Terceira Idade, a Candelária é a região mais

---

<sup>43</sup> Trecho da entrevista de Deise, mais conhecida como Branca, realizada em abril de 2013.

<sup>44</sup> Trecho de entrevista de Kely Louzada, realizada em outubro de 2013.

antiga, a mais “nobre”, mais organizada e mais cultural; resumindo: “a zona sul da comunidade”.

### 3.1 A Candelária como lugar de memória

Segundo Pierre Nora (1984), a função fundamental dos lugares de memória é a compensação, que atua como uma forma de driblar a ansiedade e deter a perda de referências. A memória sofreu profundas mudanças, perdeu o sentido de continuidade, dela restando apenas vestígios.

Todo esse processo deve-se à aceleração da história, que traz a percepção de que tudo pode desaparecer. A consciência de ruptura com o passado ligada ao sentimento de mudança promove discussões sobre a necessidade de corporificação da memória em certos lugares, proporcionando a permanência de uma continuidade histórica. Esses lugares, de acordo com o autor, podem ser museus, arquivos, cemitérios, festivais, aniversários, exposições, monumentos, santuários e comemorações.

Já Alain Mons (2013) rejeita a rigidez dos lugares de memória. Defende-a como sendo fluante, como flashes, sensível, em forma de imagens embaçadas, imprecisas e subjetivas. Mons não reconhece que há lugares de memória pura, mas que ela é construída por meio de uma experiência caleidoscópica.

Retomando o pensamento de Nora (1984), ele aponta diferenças entre memória e história. A memória é viva, está sempre em evolução e constitui um elo vivido no eterno presente. A história é uma reconstrução sempre problemática do passado. O autor apresenta outras diferenciações entre memória e história, que cabe aqui serem citadas:

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a conformam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma

vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às reações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1984, p.9)

A pesquisadora Jacy de Seixas (2004) procura apreender as relações entre história e memória com um olhar transdisciplinar, abandonando a proposta dicotômica defendida por Pierre Nora (1984). Para tanto, a autora, embebida no pensamento da historiografia anglo-saxônica que surgiu nos anos 80, busca proporcionar maior autonomia à memória. De acordo com Seixas, esse novo enfoque possibilitou a apropriação da memória pela história. “Se em Nora toda memória é apropriada e historicizada, aqui toda memória é imediatamente história; uma diferença, portanto, de grau, mas não de qualidade, distinguiria, *grosso modo*, as historiografias dedicadas hoje ao estudo da memória e da história”. (SEIXAS, 2004, p.42).

Essa perspectiva possibilitou o resgate de experiências marginais, traumáticas historicamente, localizadas nas proximidades da história oficial ou dominante, proporcionando o surgimento de novas ideias.

Responsável, igualmente, por um debate historiográfico que teve como desdobramento o aparecimento de novas noções, como as de “memórias subterrâneas”, “lembranças dissidentes”, “lembranças proibidas”, “memórias enquadradas”, “memórias silenciosas”, mas não esquecidas, e outras que buscam dar conta da complexidade dos fenômenos contemporâneos da memória. (SEIXAS, 2004, p.43).

Voltando à questão dos lugares na Candelária, no próximo item deste capítulo, pretende-se apresentar um dos mais comentados pelos moradores, que guardou vários “causos” e histórias divertidas e pitorescas quando o assunto é sepultamento de animais de estimação.

### 3.1.1 O Cemitério dos Cachorros

Em andanças pela Candelária durante o trabalho etnográfico, um lugar foi muitas vezes citado: o cemitério dos cachorros. O local, que ficava na parte alta da comunidade, abrigava cães de “madames” que iam enterrar seus bichinhos de

estimação na favela. Segundo Kely, que conhece como a palma da mão a comunidade e sabe de muitos “causos” históricos, até o Rei Roberto Carlos passou por lá. Ele sepultou o corpo de seu cachorro num mausoléu todo revestido de azulejos azuis e brancos, que possuía uma lápide com uma fotografia do cantor acompanhado pelo “falecido”.

E as histórias não param por aí. Os relatos sobre o cemitério, um lugar de memória dentro da comunidade, vão desde meninos carpideiros, que fingiam chorar pela morte dos bichanos para ganhar um trocadinho das madames viúvas, passando por discos voadores e muitos namoros em cima das lápides. “A gente ia chorar lá no dia de Finados pra ganhar um dinheiro. A gente fingia... A gente vai chorar por causa de cachorro? Aí ganhava um trocadinho (risos)”.<sup>45</sup>

A minha juventude foi muito tranquila. [...] A gente fugia pro cemitério dos cachorros pra ver as madame [sic] enterrando os seus cachorro [sic] chique [sic] com caixão, a gente morria de ri [sic], de ver madame enterrando cachorro, né?<sup>46</sup>

Seu Rubinho também presenciou o sofrimento de senhoras enterrando os animais de estimação e o alvoroço que aquelas cerimônias promoviam na rotina da garotada da comunidade.

Chorava, a mulher chorava por causa do cachorro enterrado. Tinha o Seu Orestes, já é falecido; ele que trabalhava lá, a gente ia lá, certo? Via elas chorando [referindo-se às madames] e aí pegava, dava dinheiro pro pessoal. Aquela garotada, né? Dava dinheiro pra eles. Eles gostavam quando morria um cachorro de um rico aí, aí a garotada ia toda pra lá. Aí, depois, desmancharam tudo, mas aqui na veterinária, eles colocaram os túmulos, um por cima do outro.<sup>47</sup>

Todavia, de acordo com Kely Louzada, o túmulo mais bem arrumado e decorado do cemitério era o do cachorro que pertencia ao cantor Roberto Carlos. Além de apreciar a beleza da arquitetura do lugar, a moradora usava o local para outros objetivos.

---

<sup>45</sup> Trecho de entrevista de César, realizada em julho de 2013.

<sup>46</sup> Trecho de entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>47</sup> Trecho de entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

Eu ia lá ver o túmulo do cachorro do Roberto Carlos. Porque eu sempre gostei do Roberto Carlos desde menina. Aí falaram assim, ah, o cachorro do Roberto Carlos tá lá. E deveria tá mesmo porque era o túmulo mais bonito, tinha foto do Rei lá com um cachorro lindo; era tudo azul, os azulejos azuis. Na época, azulejo era o badalo [sic], não era qualquer um que tinha negocinho de azulejo, né? Então tinha uns azulejos azuis e brancos, eu ficava sentada ali, adooooava em época de Carnaval, a gente pulava o portão do cemitério pra namorar. E aquele ali era o meu túmulo. Ninguém namorava ali. Era o meu lugar.<sup>48</sup>

Um lugar de memórias amorosas, de tristeza para uns ou de alegrias para outros, mas, independentemente das recordações, o cemitério dos cachorros ficou na memória de seus moradores. Há também quem relate uma aparição “estranha” em meio a uma madrugada nebulosa.

A gente levamo [sic] um susto. Acabou o baile aqui, era quatro e pouca da manhã, a gente subimo [sic], aí lá em cima antigamente tinha uma caixa d'água ali na AMOC [Associação de Moradores da Candelária], a gente ficava sentado ali. Aí tava esse tempo muito cheio de neblina, era uma neblina baixinha, aí a gente tá ali conversando, batendo papo, esperando passar a hora, de repente de dentro da neblina sai um balão. Um balão grande toda a vida, a gente levou um susto, aí saímo [sic] correndo, aí depois teve um que gritou e disse: Não é disco voador não, é um balão!<sup>49</sup>

Ainda segundo relatos de moradores, o cemitério dos cachorros foi retirado do alto do morro para a construção de prédios populares, conhecidos como predinhos, durante a realização do Projeto Favela Bairro, na década de 1990, na gestão do então Prefeito Luiz Paulo Conde. Os túmulos dos animais foram removidos e recolocados na área de uma veterinária pertencente à Prefeitura que continua em funcionamento, só que em uma parte mais baixa da comunidade.

Passou pra dentro da veterinária. Dizem que exumaram, né? [Referindo-se à ossada do cão pertencente ao cantor Roberto Carlos]. Acho que não tinha mais nada, porque eu lembro das últimas vezes já não tinha mais nada, mais nada, já era tudo depredado, tudo ruim, que ninguém tomava mais conta de nada, não tinha mais vigia, não tinha mais ninguém. As pessoas já estavam começando a invadir, pedacinho aqui, pedacinho ali, aí veio o Conde pra fazer o Favela Bairro e removeu as pessoas da favelinha pro cemitério, e o cemitério reconstruiu dentro desse espaço que era mato, que era um quintalão dentro da veterinária.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> Trecho de entrevista de Kely Louzada, realizada em outubro de 2013.

<sup>49</sup> Trecho de entrevista de César, realizada em julho de 2013.

<sup>50</sup> Trecho de entrevista de Kely Louzada, realizada em outubro de 2013.

A vontade de lembrar é fundamental para a existência dos lugares de memória. São lugares híbridos, mutantes, de significados reciclados onde o tempo se eterniza. Andreas Huyssen (2000) critica o conceito de Nora (1984), considerando nostálgico e conservador perceber esses lugares como oásis intangíveis. Os lugares de memória também são afetados pelo mundo contemporâneo, entretanto Huyssen não se mostra pessimista. Questionar o conceito não significa dizer que tais lugares não produzem conhecimento do passado. Podem proporcionar divertimento, ser espetacularizados, se tornar objeto da sociedade de consumo, mas também podem produzir valores.

Aprofundando a visão teórica de Andreas Huyssen, é importante retroceder um pouco e relembrar um conceito importante no que concerne à memória. Na perspectiva do autor, o passado possui uma supervalorização, um mercado de memórias, estimulado pela mídia, por novos padrões de consumo, porém existem outros elementos que estão em jogo.

É muito fácil atribuir o dilema em que vivemos a maquinações da indústria cultural e à proliferação da nova mídia. Algo mais deve estar em causa, algo que produz o desejo de privilegiar o passado e que nos faz responder tão favoravelmente aos mercados de memória: este algo, eu sugeriria, é uma lenta mas palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global. Pode haver, de fato, boas razões para pensar que a força da rememoração tem igualmente uma dimensão mais benéfica e produtiva. No entanto, muito disso é o deslocamento de um medo do futuro nas nossas preocupações com a memória e, por mais dúbia que hoje nos pareça a afirmação de que somos capazes de aprender com a história, a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas. (HUYSSSEN, 2000, p.25-26)

Ao longo da defesa de seu posicionamento teórico, o autor utiliza conceitos clássicos para tentar compreender esse momento de valorização do passado. Andreas Huyssen (2000, p.26) aproveita a crítica de Adorno quanto à comercialização em massa dos produtos culturais, mas deixa claro que essa visão frankfurtiana não explica o crescimento da valorização da memória dentro da indústria cultural. Logo em seguida, ele relembra Benjamin e concorda com seu posicionamento quando atribuiu ao retrô uma dimensão que dá cognitividade à memória.



Huysen afirma que sua proposta não é defender o ponto de vista de Adorno ou de Benjamin, “desafetos” bem conhecidos da Escola de Frankfurt, mas utilizar essas perspectivas opostas para tentar compreender o momento presente. Nesse trabalho de busca, contudo, Huysen chega até ao filósofo alemão Hermann Lübbe, no começo da década de 1980, o qual tem um posicionamento diferente dos frankfurtianos em relação à redução do momento presente.

O argumento de Lübbe sobre a contração da extensão do presente aponta para um grande paradoxo: quanto mais o capitalismo de consumo avançado prevalece sobre o passado e o futuro, sugando-os num espaço sincrônico em expansão, mais fraca a sua auto coesão, menor a estabilidade ou a identidade que proporciona aos assuntos contemporâneos. (HUYSEN, 2000, p.28).

Hermann Lübbe (1983) expôs como o conceito de “musealização” não estava relacionado apenas à instituição do museu, mas que esse olhar havia se deslocado para situações da vida cotidiana. “Lübbe argumentou que a modernização vem inevitavelmente acompanhada pela atrofia das tradições válidas, por uma perda de racionalidade e pela entropia das experiências de vida estáveis e duradouras”. (HUYSEN, 2000, p.27).

Vale ressaltar, no entanto, que Andreas Huysen não concorda apenas com o conceito de Nora, quanto aos lugares como oásis intocáveis, como foi citado, mas também quanto à musealização defendida por Lübbe.

A musealização de Lübbe e os lugares de memória de Nora compartilham verdadeiramente a sensibilidade compensatória que reconhece uma perda de identidade nacional e comunitária, mas crê na nossa capacidade de compensá-la de algum jeito. Os lugares de memória (*lieux de mémoire*), do mesmo modo que, em Lübbe, a musealização compensa a perda de tradições vividas”. (HUYSEN, 2000, p.29)

Para Huysen (2000, p.29), essas formas conservadoras e compensatórias apresentadas por Lübbe e Nora devem ser reavaliadas, possibilitando outro parâmetro de pensamento, deixando de lado um discurso de perda, que aceite o deslocamento fundamental nas estruturas do sentimento, experiência e percepção. Isso porque elas caracterizam o presente, que se expande e se contrai de forma simultânea.

A autora Marialva Barbosa fez uma análise bastante interessante e pertinente quanto à visão de Huysen, em que a memória serve exatamente como uma nova

forma de contemplação do tempo, como uma “reação” a esse turbilhão de informações tão apregoadas na atualidade.

[...] Para Andreas Huyssen (2000), o *boom* da memória está relacionado às mudanças da modernidade e da contemporaneidade. Trata-se de uma tentativa de compensar o ritmo acelerado das informações, de resistir à dissolução do tempo, de descobrir outras formas de contemplação, para além da informação rápida. Trata-se de afirmar territórios em um mundo marcado pela fragmentação. (BARBOSA, 2007, p. 42)

No próximo item desse trabalho, pretende-se retornar ao passado, mais precisamente em meados do século XX, quando a Candelária começou a ser habitada por migrantes provenientes de Minas Gerais. Eles vinham em busca de oportunidades de emprego em uma fábrica de cerâmica que funcionava na Rua Visconde de Niterói, bem próxima à comunidade.

### 3.1.2 A Fábrica de Cerâmica

Durante as entrevistas em profundidade realizadas com moradores nos seis meses de investigação na Candelária, ao questionar sobre a história da região, todos os entrevistados, sem exceção, citaram a fábrica de cerâmica como a principal responsável pela ocupação efetiva da comunidade. O tema já foi tratado anteriormente nesta dissertação, porém chegou o momento de aprofundar a reflexão sobre o assunto.

A chegada desses trabalhadores e suas famílias é uma das possibilidades<sup>51</sup> de ocupação dessa sublocalidade, que faz parte do complexo de favelas da Mangueira. Durante os relatos, entrevistados disseram que a primeira indústria brasileira a produzir a porcelana para revestimento de paredes e pisos, as chamadas pastilhas, foi bastante importante para esses cidadãos que saíram de cidades de Minas Gerais no início do século XX em busca de uma melhor oportunidade no mercado de trabalho.

---

<sup>51</sup> Há outra versão de que os primeiros ocupantes da Candelária seriam imigrantes portugueses, que ocuparam a parte baixa do morro, transformando-a em chácaras em que plantavam frutas e legumes.

Esse foi o caso de parte da família de Kely Louzada, que veio dessa região para trabalhar na fábrica de cerâmica. Alguns tiveram que abrir mão do convívio diário com filhos e parentes para garantir o sustento.

Pelo que eu soube, veio o meu avô, pai da minha mãe, e a minha avó e os filhos [sic] já eram nascidos ficaram em Minas, mas, durante uns dois, três anos só, com os filhos mais velhos. E quando ele conseguiu trabalho pra todo mundo aqui, aí veio todo mundo morar aqui, aí pegaram uns bons pedaços de terra, construíam suas casas, aumentaram suas famílias.<sup>52</sup>

Seu Macumba, dono da lojinha que vende de tudo um pouco na Rua de Baixo, quando jovem teve uma curta passagem pela indústria de cerâmicas. Por orientação médica, teve que deixar o trabalho.

Com 18 anos, eu entrei na cerâmica, quando completei maior de [sic] idade. Eu trabalhava na colação. Quase todo mundo trabalhava lá. Pra mim, não era bom não, porque o médico mandou eu sair porque me dava alergia, ficava uns calombão [sic] no corpo, aí eu saí fora. Fiquei um ano [referindo-se ao tempo de permanência na fábrica].<sup>53</sup>

Nota-se pelos relatos apresentados que a fábrica de cerâmica faz parte da memória coletiva (HALBWACHS,1950) desses trabalhadores, moradores ou gerações dessas famílias, ou seja, é uma memória, sobretudo, oral, afetiva, partilhada, que se constitui a partir de algo que foi simultaneamente vivido por diversas pessoas. Nesse conceito de memória coletiva, o autor Maurice Halbwachs se deslocou do olhar da vivência em sociedade (memória social) para a vivência dentro dos grupos.

Ao trabalhar a questão da memória como uma experiência compartilhada, Halbwachs (1950) funda a teoria da memória coletiva, isto é, a memória do grupo ao qual o indivíduo se conecta. Nesse momento, o autor deixa um pouco de lado a ideia de quadros sociais e trabalha com correntes de pensamento que dão mais mobilidade ao debate.

Cabe também trazer outra questão importante na obra de Halbwachs: a memória individual. Segundo o autor, essa é, por natureza, social, visto que recebe influências do meio social e, ao mesmo tempo, é sempre intelectual, uma vez que o

---

<sup>52</sup> Entrevista com Kely Louzada, concedida em outubro de 2013.

<sup>53</sup> Entrevista com Seu Macumba, realizada em junho de 2013.

indivíduo utiliza a inteligência para encontrar uma lembrança, assim como para firmar correlações. Essa ação, no entanto, também é sempre social, porque se busca, nas relações, no meio em que se vive, os subsídios para formar as associações com imagens, lugares ou nomes.

Dona Adineva, ou como ela mesma brinca que seu nome é Avenida escrito ao contrário, também fez parte do grupo de funcionários da “famosa” fábrica de cerâmica. “Trabalhei, trabalhei numa fábrica que tinha aqui, de cerâmica. Trabalhei três anos. A gente fazia um ladrilho, de botar em pia, botar tudo assim, pastilha de ... esqueci. A minha mente foge muito. A gente fazia muito ladrilho”.<sup>54</sup>

Seu Rubinho, de 63 anos e 44 de Candelária, veio da cidade de Palma, na Zona da Mata Mineira. Ele não chegou a trabalhar na fábrica de cerâmica; arrumou emprego em uma indústria de papel em São Cristóvão, mas acompanhou de perto a importância econômica da indústria para os novos moradores da comunidade. “Conhecia, só não trabalhei lá. Mas trabalhava muita gente lá nessa fábrica aí, ajudou muito o povo daqui. [...] Ela pagava pouco, mas todo mundo morando ali, não pagava condução nem nada, então ajudou muito”.<sup>55</sup>

Não eram, entretanto, apenas trabalhadores provenientes de Minas Gerais que compunham a mão de obra da indústria de cerâmica. A costureira aposentada, nascida no distrito de Aveiro, em Portugal, e que veio com a família para o Brasil aos cinco anos de idade, lembra que seu pai, também lusitano, trabalhou por um longo período na empresa. “Meu pai trabalhou lá muitos anos, muitos anos mesmo. Meu pai trabalhava nos fornos, eles faziam e botavam as coisas nos fornos; então, ele trabalhava lá. Ficava aqui pertinho onde tem os predinhos novo [sic]? Ela era lá”.<sup>56</sup>

A comerciante Tuca relembra o movimento de trabalhadores da fábrica de cerâmica, pelas vielas da comunidade, principalmente na hora do almoço, em que iam fazer a refeição em uma pensão em frente à sua casa na Rua Graciete Matarazzo. Os operários ficavam cobertos de pó de cal<sup>57</sup> e com as roupas totalmente brancas.

---

<sup>54</sup> Trecho da entrevista de Dona Adineva, realizada em abril de 2013.

<sup>55</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, concedida em julho de 2013.

<sup>56</sup> Trecho da entrevista de Dona Selene, concedida em julho de 2013.

<sup>57</sup> Substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias.

Aqui onde é essa parte da Igreja [referindo-se a um dos lados da Rua Graciete Matarazzo] tinha uma pensão que a moça servia refeição pro pessoal que trabalhava lá. Então aqui era o *point*. [...] Empoeirada toda pra cá. Então a gente assistia muito isso. Todo mundo, acho que a maioria das pessoas que moravam [sic] aqui trabalhavam [sic] na cerâmica, ou tinham [sic] alguém da família.<sup>58</sup>

A gerente do bazar da Associação Meninas e Mulheres do Morro, Cremilda, mas conhecida como Nem, relata com detalhes a chegada de trabalhadores da fábrica de cerâmica na comunidade para almoçar. “Era muita gente. Os pessoal [sic] entrava pra almoçar em casa – porque tocava o sino, o alarme – todo branco de pó e eu achava aquilo a coisa mais linda!”<sup>59</sup>

Observa-se, pelo relato desses moradores, a riqueza de detalhes, acumulados e repetidos ao longo das narrativas quando o assunto é a fábrica de cerâmica (SARLO, 2005). Pelo olhar de Beatriz Sarlo, a sensação de verdade provocada pelo testemunho depende desses pormenores, dessas particularidades apresentadas durante a exposição desses atores sociais.

As histórias, porém, sobre a indústria carioca pioneira na produção de ladrilhos surgem não apenas quanto a seu funcionamento, seus operários, mas também sobre o fim das atividades. As versões também são diversas sobre o tema.

Na visão da comerciante Tuca, a falência da indústria ocorreu há mais de duas décadas e foi provocada pela queda nas vendas dos ladrilhos produzidos.

Quase uns vinte anos que a cerâmica fechou. Uns vinte anos por aí, porque eu me lembro que a minha filha tem vinte e cinco, e eu acho que, na época, já tava fechada. [...] Porque ela foi fechando, ela fabricava umas pastilhinhas e isso foi saindo de linha, então, ela foi fechando aos poucos. Eu acho que ela entrou no processo de falência, porque as pessoas não usavam mais aquelas pastilhas.<sup>60</sup>

Seu Mangueira teve uma passagem curta pela fábrica de cerâmica, trabalhou apenas três meses, mas afirmou que, como já foi dito, quase todo mundo que morava na Candelária era funcionário dessa indústria. O aposentado de 75 anos,

---

<sup>58</sup> Trecho da entrevista de Tuca, realizada em maio de 2013.

<sup>59</sup> Trecho da entrevista de Nem, concedida em abril de 2013.

<sup>60</sup> Trecho da entrevista de Tuca, realizada em maio de 2013.

contudo, tem outra informação quando o assunto é o fim das atividades. “A fábrica de cerâmica foi vendida para o Estado, os funcionários foram demitidos”.<sup>61</sup>

Além da ascensão e queda das atividades na fábrica, relatos de moradores relembram as consequências na saúde desses trabalhadores, que conviviam diariamente com um pó fino de cal. A falta de segurança também era um problema enfrentado pelos operários, que não recebiam equipamentos de proteção.

Morreu muita gente aí, com problema de pulmão, por causa da poeira dos azulejos. Antigamente não tinha igual hoje, que as fábricas são obrigadas a andarem direitinho, tinha uma poluição danada, o operário tava morrendo ali e não queriam saber, ia trabalhar lá mesmo e tinha que ir. Trabalhava de chinelo...<sup>62</sup>

Até pouco tempo, teve [sic] umas pessoas falecendo de câncer derivado do cal que elas aspiraram. Não, não tinha nada desse negócio [referindo-se aos equipamentos de segurança]. E agora há pouco tempo, elas foram sofrendo de câncer e foram saber que o motivo era a aspiração daquele cal.<sup>63</sup>

Percebe-se, pelas narrativas desses atores sociais, que as memórias subterrâneas (POLLAK,1989) provenientes da fábrica de cerâmica remetem a aspectos do passado que não seriam lembrados pela memória oficial. Evidentemente que associar a atividade da fábrica à perda de saúde de seus operários e à insegurança no trabalho não caberiam à memória organizada que os donos da empresa buscavam apresentar à sociedade.

### 3.1.3 O campo de futebol

O cemitério dos cachorros, a fábrica de cerâmica e o campo de futebol são lugares (NORA, 1984) dentro da Candelária em que a memória se cristaliza e se refugia, ligando-se a momentos particulares da história dessa localidade. No caso do campo de futebol, moradores relembram com saudosismo a importância desse espaço, que, apesar da estrutura precária, servia como um local de encontro dentro

---

<sup>61</sup> Trecho de entrevista de Seu Mangueira, concedida em junho de 2013.

<sup>62</sup> Trecho de entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

<sup>63</sup> Trecho de entrevista de Tuca, realizada em maio de 2013.

da favela e também para presenciar a participação de craques de bola participando das peladas.

Se você hoje perguntar pra um pessoal de quarenta ano [sic], como é que era o campo, todo o momento tinha evento, todo o momento tinha gente. O campo era ruim, mas era muito bom pra gente. Ruim no aspecto visual, mas muito atraente por ser um ponto de encontro, um ponto de encontro não nosso, mas de toda a comunidade. Você queria ver gente jogando, você ia pro campo e você via gente muito boa jogando.<sup>64</sup>

De acordo com os entrevistados, com a transferência do campo de futebol para a parte alta do morro, houve a perda da “magia” do lugar, visto que deixou de ser um local de lazer e de confraternização dentro da favela. Essa diminuição da importância do campo na vida cotidiana dessa comunidade tem uma explicação: segundo moradores, antigamente, a área de lazer ficava na entrada da favela. Quem passava pela Rua Visconde de Niterói avistava-a, mas, com a realização de uma obra da Prefeitura do Rio, o espaço se modificou.

Foi porque entrou o Favela Bairro, né? E eles acharam o espaço interessante, pra construir esses dois prédio [sic], algumas áreas de lazer e, na verdade, esqueceram de comunicar a comunidade pra ver se era isso ... Em momento algum, assim, não sei te responder com muita eficácia, né? Mas, com certeza, a comunidade não foi ouvida, entendeu? Senão tudo que tem construído aqui a gente botava onde hoje tem o campo lá em cima.<sup>65</sup>

Seu Zé Maria é aposentado; nos tempos da juventude, foi frequentador assíduo do campo de futebol, porém também não ficou satisfeito com a mudança na localização da área de lazer.

Aí tinha um campo aqui embaixo, o campo do cerâmica [referindo-se ao campo pertencente à fábrica de cerâmica]. Aí eles fizeram um campo onde é a Comlurb lá em cima e aqui fizeram esses dois prédios. Fizeram uma quadra de vôlei que não funciona e fizeram um campo aqui que mais se usava, que era do futebol, fizeram uma quadra desse tamanhinho. O pessoal que jogava parou de jogar. Como é que vai jogar aqui? Pra ir lá em cima, a gente não dá pra subir, a gente já tem uma idade mais ou menos, não dá pra subir. Então o que acontece? Ficou até sem graça.<sup>66</sup>

---

<sup>64</sup> Trecho da entrevista de Alvinho, morador e um dos organizadores do Torneio de 7 de setembro, realizada em setembro de 2013.

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Entrevista realizada em setembro de 2013.

Nota-se que o campo de futebol faz parte da memória que continua viva dentro da Candelária, tributária das representações e das preocupações do presente (Rouso,1989). O campo ainda é um ícone dentro da comunidade, independentemente da localização, seja na parte baixa ou no alto do morro. Tanto que todos os anos, no dia 7 de setembro, feriado da Independência do Brasil, há um torneio de futebol que reúne moradores-jogadores de várias idades desde as crianças até à terceira idade. A disputa pelos troféus acontece entre o morro (parte alta) e a olaria (parte baixa) da Candelária.

Na verdade, isso aí tem mais de 100 ano [sic]. A gente nada mais que tamo [sic] dando sequência. Pelo fato do campo hoje não ser aqui embaixo, que antes era... Hoje, eu tenho 47 ano [sic], mas eu vim pra cá com 14 ano [sic] e com 14 ano [sic] eu já vi isso acontecer, entendeu? Aí, o fato de hoje não ter o campo aqui embaixo, nós, há quatro anos atrás, a gente resgatamo [sic] isso lá na parte de cima. E tivemos bastante sucesso, só que antes era uma tradição, hoje que a gente não tá conseguindo ter essa tradição<sup>67</sup>. A tradição, na verdade, era [sic] os melhores jogadores da comunidade, que entravam para representar a sua parte, de cima e a debaixo, e hoje a gente não consegue porque hoje a gente não tem um campo que consegue atrair a criançada pra jogar bola.<sup>68</sup>

Neste momento, faz-se necessário recorrer novamente ao conceito de memória coletiva apresentado por Maurice Halbwachs (1950), em que defende sua composição com base no lugar social de quem a enuncia. Trata-se, por conseguinte, de uma construção social que serve como atualização do passado. De acordo com Halbwachs (2006), a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente.

Pelas narrativas desses atores sociais, é possível relembrar histórias e “causos” do torneio de 7 de setembro, comparando o evento de 2013 com as edições anteriores, como bem lembra o aposentado Zé Maria.

A gente botava jogo cinco hora [sic] da manhã. Cinco hora [sic] da manhã, o campo tava escuro, botava vela, tinha uma vala beirando à veterinária. A bola era branca, a gente jogava por jogar, ninguém tava enxergando nada. Mas era animado. A gente começava a animação ali, depois que acabava o jogo, vinha o time das criança [sic], depois das criança [sic] vinha o jogo das menina [sic], aí depois vinha o cacareco que era os coroa [sic] que ainda

---

<sup>67</sup> O tema tradição será tratado no quarto capítulo desta dissertação.

<sup>68</sup> Trecho da entrevista de Alvinho, realizada em setembro de 2013.



jogava [sic], depois vinha o juvenil, o infantil e o primeiro quadro e o segundo quadro. Aqui sempre foi muito animado.<sup>69</sup>

As lembranças de Alvinho, um dos responsáveis pela tentativa de resgate do torneio de 7 de setembro, também são do tempo em que o campeonato começava de madrugada. “Na nossa época, cinco horas da manhã, vinha uma pessoa e jogava dois morteiros de 12 lá pra cima e já tinha [sic] pessoas lá de cima respondendo: Tô descendo. E era muito engraçado que a gente viveu isso e a gente tenta fazer isso de alguma forma”,<sup>70</sup> afirmou.

A iniciativa é uma maneira de homenagear os mais velhos que representam influências na cultura cotidiana da região. “Hoje, nós fazemos pra eles né, na verdade. E quando eles eram na [sic] nossa idade, quarentão, quarenta e cinco, nós éramos dezoito. Então hoje mudou, hoje a gente chama eles e nós oferecemos esse dia pra eles”.<sup>71</sup>

Durante a realização do campeonato de 7 setembro de 2013, percebeu-se que os idosos participaram de forma tímida da festividade. Inclusive, os organizadores do evento tiveram que aguardar a chegada de “reforços” de jogadores mais jovens para começar a partida do time dos cacarecos.<sup>72</sup>

Para evitar o atraso nas partidas do torneio, houve um remanejamento na tabela, antecipando o jogo dos adolescentes. A partida do pessoal da terceira idade, que estava marcada para as 8 horas da manhã, só começou por volta das 9 horas e 30 minutos em função da falta de participantes.

---

<sup>69</sup> Trecho da entrevista de Seu Zé Maria, concedida em setembro de 2013.

<sup>70</sup> Trecho da entrevista de Alvinho, realizada em setembro de 2013.

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Cacarecos é o nome dado aos times compostos por jogadores da terceira idade da Candelária.

Foto 1 – Time da terceira idade da parte baixa da Candelária. Fonte: Acervo da autora/2013.



De acordo com relatos de moradores da parte baixa da favela, os idosos que vivem no alto da comunidade desanimaram de participar do evento em função da dificuldade de chegar até o campo na entrada da Candelária. Se foi esse ou não o motivo, não se sabe, sabe-se apenas que nenhum idoso da parte alta do morro compareceu ao torneio.

O time dos cacarecos da parte baixa da comunidade ou da Olaria perdeu a partida por 3 a 1, mas, mesmo assim, como a equipe da parte alta não compareceu no horário programado, os organizadores do evento decidiram que a partida foi ganha por W.O.<sup>73</sup>, e o troféu ficou para os idosos da parte baixa. Seu Mangureira foi o escolhido para receber a taça em nome do time, conforme verifica-se na foto abaixo.

---

<sup>73</sup> O W.O. é a atribuição de uma vitória a uma equipe quando o time adversário não comparece na data e hora determinados ou pela falta de um número mínimo de atletas para a realização de uma partida.

Foto 2 – O troféu da vitória: Seu Mangueira segura a taça do torneio de 7 de setembro, abraçado com Macumba. Fonte: Acervo da autora/2013.



O Torneio de 7 de setembro é uma comemoração antiga dentro da comunidade da Candelária e que reúne exclusivamente moradores daquele pedaço (MAGNANI, 1996) do complexo de favelas do Morro da Mangueira. Pode-se perceber novamente que, durante a investigação, não foi possível precisar o início da festividade; esse dado pouco importa para seus participantes, mas sim a confraternização de seus membros e a tentativa por parte dos organizadores de resgatar os “bons tempos” do torneio e de homenagear os veteranos.

E por falar em prestigiar os mais velhos, no próximo item deste capítulo, retornar-se-á até os anos de 1980, quando becos da comunidade deixaram de ser letras e receberam nomes de moradores antigos ou de personalidades ilustres que deixaram lembranças na Candelária.

### 3.2 Beco do Caetano, beco do tempero, beco das crianças: os lugares como construtores de histórias na comunidade

Ao circular pelos becos estreitos da Candelária, em alguns momentos é preciso fazer malabarismos para evitar colisões com crianças andando de bicicleta a toda a velocidade, marmanjos pilotando motos, entregadores de bebidas e seus engradados cheios de garrafas de vidro, que, amontoados no carrinho de entrega, parecem que têm vida própria e andam sozinhos pelas vielas da comunidade. Depois de passar por esses obstáculos muito comuns no cotidiano da favela, observa-se, ao entrar na Candelária, que os nomes dos becos e das poucas ruas que existem na comunidade são de pessoas, da mesma forma que acontece na cidade de uma maneira geral: Rua Graciete Matarazzo, Beco do Caetano, Beco do Aníbal e tantos outros.

Para tentar compreender a escolha desses nomes, foi necessário recorrer à ajuda de moradores. Eles contaram que a mudança na nomenclatura dos becos de letras para nomes surgiu na década de 1980, quando a Light entrou pela primeira vez na comunidade para realizar o cadastramento das casas.

Segundo os entrevistados, a preferência levou em consideração a representatividade daquela figura dentro do cenário da comunidade e também como uma forma de homenagear os moradores mais antigos e falecidos.

Nós elegemos cada beco o nome de uma pessoa. Uma pessoa idosa que fez parte daquele processo. Então, assim, o beco que eu moro se chama Avenida do Tempero. Era uma tendinha pequenininha, uma birosquinha; ali vendia linguiça, mortadela, pão doce. Então, a gente era pequena e vamos supor hoje, se fosse hoje, ia com 50 centavos e vinha com aquele monte de mortadela e ainda dava pro pão-doce. Então, qual o nome que vai botar? Aí elegemos ele, Tempero porque era o apelido do dono do bar: Seu Tempero. E ele vendia tempero também. Vendia alho, essas coisinhas pequenininhas assim.<sup>74</sup>

De acordo com Deise Lousada, liderança feminina dentro da Candelária e defensora ferrenha dos idosos, a origem dos nomes dos becos e das ruas remete aos antigos moradores e suas influências. A história da comunidade é contada

---

<sup>74</sup> Trecho da entrevista de Nem, concedida em abril de 2013.

dessa forma, ou seja, com as pequenas e preciosas participações de seus moradores.

Temos a travessa Saide, que era do Seu Saide; o beco do Aníbal por causa do Seu Aníbal; o beco das crianças, que era um beco que tinha muitas crianças pequenas, que, na épocas, [sic] as pessoas que vieram trouxeram muitas crianças. [...] Aqui temos uma creche que se chama Eduardo Moreira, que foi um antigo; nosso postinho de saúde que temos aqui é do Seu Alvin, um senhor muito antigo na comunidade, que fez muitos benefícios pela Candelária, que puxou a rede de água para quem não tinha água encanada. Então, tudo tem um pouco de uma História. Tudo tem um contexto em geral.<sup>75</sup>

Michel Maffesoli (2008), em seu texto *O espaço da memória*, afirma que, se quisermos nos ligar à experiência vivida, é necessário retornar às raízes. Pela sua linha de pensamento, essa atitude também se relaciona à memória, que necessita de um pensamento radical, ou seja, na raiz. “A memória nos lembra, em certos momentos, que cada indivíduo só pode ser o que é se tiver raízes, que uma sociedade só pode ser o que é porque tem raízes, que um país só pode ser o que é porque tem raízes”. (MAFFESOLI, 2008, p. 535).

Nesse contexto, é apropriado trazer o conceito de enraizamento dinâmico defendido por Maffesoli. Nele, o autor aborda a experiência individual que se enraíza na experiência coletiva, ou seja, nos usos e costumes da comunidade em que o indivíduo está inserido. Significa dizer que o sujeito “circula”, “cai” no mundo, mas tem suas referências de origem como embasamento. “O *memorial* da origem funda e dinamiza. É fonte de energia. Permite o querer-viver e garante a perduração coletiva e mesmo individual”. (MAFFESOLI, 2007, p. 117).

Em relação à história dos nomes dos becos da Candelária, nota-se a preocupação de prestigiar essas pessoas que, de alguma forma, contribuíram ou fazem parte das raízes dessa comunidade. “Esse que eu moro aqui é Caetano. Era o Seu Valdemar que morava aqui, era mais antigo, morreu, o filho dele é até o Alvinho, diretor da Mangueira, não sei se vocês já ouviram falar. [...] Em homenagem ao pai dele, seu Valdemar Caetano”,<sup>76</sup> afirmou Seu Rubinho.

Além dos becos, a principal rua da parte baixa da comunidade chama-se Graciete Matarazzo, onde se concentra o comércio da Candelária: padaria,

---

<sup>75</sup> Trecho da entrevista de Deise Lousada, realizada em maio de 2013.

<sup>76</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

mercearia, peixaria, bares e lojas que vendem artigos de papelaria, roupas e presentes. Como nos becos, a escolha do nome também não ocorreu de forma aleatória.

[...] Uma mulher que era política. Ela começou dando brinquedo para as crianças aqui, eu era pequenininho, ela começou dar brinquedo aqui. [...] Dava brinquedo, depois ela começou, eu não sei como, ela conseguiu botar água no morro. [...] Tinha uma bica aqui atrás, tinha uma bica lá em cima... Ela colocou umas biquinhas de água aí. [...] É Graciete Matarazzo, é uma homenagem a ela porque foi ela que colocou água aqui para os moradores. Que eu me lembre é isso.<sup>77</sup>

Pode-se perceber, ao pesquisar a Candelária, que seus habitantes valorizam a história do lugar e as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a sua construção. Como já foi citado, grande parte dos moradores da comunidade é proveniente de cidades de Minas Gerais, que veio para o Rio de Janeiro em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Ao chegar à cidade, eles trouxeram na bagagem características culturais, religiosas e gastronômicas do estado de origem.

Passaram-se décadas desde que as primeiras gerações chegaram ao morro, mas os migrantes mineiros mantêm, com muito orgulho, suas culturas e tradições provenientes do estado natal. Essas peculiaridades fazem com que a Candelária seja diferente – ideia defendida pelos próprios moradores – em relação às outras partes do morro, sendo chamada pela comunidade de zona sul da Mangueira.

### 3.3 Candelária: a Zona Sul da Mangueira

Todo dia, por volta das seis e meia da manhã, Seu Macumba varre parte da Rua Graciete Matarazzo em frente à sua lojinha. É quase um ritual. Ele abre seu comércio, coloca as mercadorias em bancas na calçada e logo pega na vassoura. O idoso não espera pela chegada do gari que cuida da limpeza de ruas e becos da comunidade.

O exemplo acima apenas simboliza uma das peculiaridades dessa localidade: o cuidado com a limpeza das ruas que se estende também às construções, como explica Deise Louzada.

---

<sup>77</sup> Trecho da entrevista de Seu Macumba, concedida em junho de 2013.

Eu digo que a Candelária é a Zona Sul da Mangueira, porque nós sempre gostamos de limpar as calçadas, pintar as casas, sempre fazer algumas coisas nas ruas e, em outros lugares que você passa, você não vê isso. A Candelária é diferente.<sup>78</sup>

Kely Louzada corrobora o pensamento de Deise e apresenta detalhes sobre as diferenças da Candelária em relação às outras partes do complexo de favelas da Mangueira.

[...] A gente se sente diferente porque aqui tem as melhores casas, a gente sempre teve capricho de construir a casa e embolsar [sic], pintar, organizar, fazer uma coisa bacana. É diferente dos outros lugares. É óbvio, a pessoa precisa de moradia, ah botou a laje ou botou a telha, vamos mudar, aqui não, a gente se aperta daqui, a gente se aperta dali, mas as casas são bacana [sic].<sup>79</sup>

Ao tomar conhecimento das narrativas desses atores sociais, é apropriado trazer o conceito de pedaço, trabalhado por José Guilherme Magnani. Pela perspectiva do autor, quando o espaço ou segmento dele torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de “pedaço”. (1996). Magnani utiliza esse conceito ao mencionar os espaços de lazer em São Paulo, no entanto pode-se aplicá-lo à Candelária na medida em que é uma sublocalidade, ou melhor, um pedaço dentro do complexo de favelas da Mangueira que, conforme os relatos apresentados, se diferencia bastante dos demais.

Ainda permanecendo na linha de raciocínio do autor, é no pedaço que se desenvolve uma rede de sociabilidades marcada por relações familiares e de vizinhança ou por práticas cotidianas compartilhadas.

É nesses espaços onde se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. [...] Desta forma, o “pedaço” é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para seu exercício e fruição. (MAGNANI, 1996, p. 13).

---

<sup>78</sup> Trecho de entrevista de Deise, concedida em maio de 2013.

<sup>79</sup> Trecho de entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

Durante as narrações de moradores, nota-se uma rixa marcante entre o pessoal da Candelária e os moradores do Buraco Quente, região que sedia a quadra da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Os motivos dessa rivalidade são antigos... “Acho que é uma rixa antiga, né? Que tinha contra lá, contra aqui... [...] Quando a gente vai lá no outro lado do Buraco Quente, perto da quadra, eles já ficam olhando a gente. Quando eles vêm aqui, é a mesma coisa.”<sup>80</sup>

Desavença que faz parte das histórias miúdas desses atores sociais os quais constroem esse mosaico de narrativas que se chama Candelária. Deise Louzada é uma dessas pessoas; apaixonada pelo local em que vive, afirma que vivencia essa rivalidade desde a época de sua juventude, ou seja, há quase três décadas.

Nós sempre fomos muito grudados um com o outro, se um brigava com alguém do Buraco Quente, a Candelária inteira ia para lá, pra poder bater no povo do Buraco Quente. Tem sempre essa rixa, por falarem que a Candelária é a Zona Sul da Mangueira. Eles não aceitam muito isso. Aqui a gente gosta de valorizar a nossa cultura e de onde viemos, lá [Buraco Quente], eles gostam só de falar da Escola de Samba. A Mangueira não se constitui só da Escola de Samba, ela tem suas raízes, suas histórias.<sup>81</sup>

Percebe-se que há um sentimento de proteção entre os integrantes do seu pedaço, ou seja, a Candelária, em relação aos moradores do Buraco Quente. Portanto pertencer a esse grupo implica o cumprimento de regras de lealdade (MAGNANI, 1996). Além disso, há uma sensação de hostilidade que paira no ar entre essas partes da comunidade.

Pessoas de “pedaços” diferentes, ou alguém em trânsito por um “pedaço” que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo lugar fora do “pedaço” é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo. (MAGNANI, 1998, p.116-117).

Mas quais serão os motivos que fazem os moradores da Candelária se sentirem e se perceberem diferentes em relação aos ocupantes de outras partes do morro? A líder comunitária Kely Louzada tem uma hipótese:

Aqui, na Candelária, a gente se acha diferente, mas eu acredito mais por causa de educação, por causa da educação que tivemos, por causa do tratamento que nós recebemos dos nossos familiares, dos nossos vizinhos.

---

<sup>80</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

<sup>81</sup> Trecho da entrevista de Deise, concedida em maio de 2013.



[...] Aqui foi o lugar que teve a primeira creche, uma boa creche, uma boa igreja, escola municipal, estadual, porque a gente morava perto da Quinta; era o luxo morar perto da Quinta da Boavista. E aqui a gente se respeita bastante. Eu fui fazer um trabalho no Buraco Quente, eu passei três meses lá. As pessoas de lá não são diferentes da gente, só que eles foram acostumado [sic] duma maneira diferente, é aquela coisa de gritaria, aquela coisa de ser mais violentos, mas eu acho que é por causa da cultura do lugar, onde a violência reinava com mais força, onde tudo reinava com mais força; então, eu acho que é muito do que a pessoa passa. Então, vai crescendo com aquela ideia de que eu tenho que ser sem educação, eu tenho que ser assim. Aqui a gente se preocupa com um espaço desse [biblioteca da Associação Meninas e Mulheres do Morro] pra gente levar cultura, valores pras crianças que tão vindo agora e os outros lugares do morro. Eu acho que as pessoas não têm essa preocupação, porque, como viveram assim mais próximo da violência, do tráfico, então eles se preocuparam muito em cuidar de si, não tiveram tempo de experimentar um espaço desse.<sup>82</sup>

Além da educação recebida por parentes, a valorização da instituição familiar também foi apontada como um dos pilares de sustentação dessa diferença defendida e verbalizada pela comunidade.

Aqui, as pessoas são mais família, elas se encontram, têm aquele sentimento de um ajudar o outro. Por ser família, as pessoas ficam mais preocupadas com a educação dos filhos, entendeu? E é coisa que a gente não vê em certas partes; as crianças ficam mais jogadas, as crianças não têm esse acesso, esse cuidado da família, que esse lado aqui tem. E eu acho que esse cuidado da família influencia na personalidade das crianças.<sup>83</sup>

E como esses valores surgiram na Candelária? Que influências foram assimiladas para desenhar esse cenário sociocultural? De acordo com relatos, o embasamento partiu de gerações oriundas de Minas Gerais, que trouxeram para a região tradições e culturas das cidades natais.

Eu acredito que sim, eu acredito que quem veio para cá já trouxe uma bagagem de Minas, trouxe para cá, enraizou, ficou e foi crescendo. Tipo a minha família Louzada; nós somos quase 900 pessoas só no Parque da Candelária. Então é muita família, que aí um casa com Elias, que casou com Gomes, que virou Silva, Lousada com S, Louzada com Z, foi uma mistura muito grande, então eu acho que eles vieram pra cá e trouxeram só coisas boas.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> Trecho da entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

<sup>83</sup> Trecho da entrevista de Tuca, concedida em maio de 2013.

<sup>84</sup> Trecho da entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

Vale ressaltar que as famílias com os sobrenomes Louzada, Elias e Gomes, provenientes de cidades de Minas Gerais, foram as primeiras a habitar a área da Candelária, de acordo com relatos de moradores.

Pela perspectiva desses atores sociais, descendentes ou não das famílias citadas, esses valores enraizados, defendidos e passados de geração em geração até os dias de hoje dentro da Candelária, têm total relação com as primeiras famílias provenientes de localidades mineiras.

Ah, muito. Porque, hoje em dia, as pessoas acham incrível que eu dô [sic] bença [sic] ao meu tio, mas é uma cultura da nossa família, de passar e dá bença [sic]. [...] A gente ensina que criança tem que dar bença [sic], isso veio deles. Ai da gente se a gente passasse perto de um mais velho e não desse bença [sic]. Volta aqui, você não tem doutrina? Quem é você? E a gente passava vergonha em qualquer lugar, então era melhor você ser educado por natureza do que a vida ensinar você a ser educado, e a gente foi crescendo assim, acho que as pessoas foram crescendo assim, de pai passar pro filho. Eu ensinei que o Thomas [seu filho] tem que sair da minha casa, ele tem que dar bença [sic] pros meus parentes. Eu ensinei pra Flávia [sua filha] que ela tinha que sair da minha casa e dar bença [sic] pros meus parentes. Hoje, ela ensina o filho que ele tem que dar bença [sic] aos parentes. Eu acho importante a gente continuar com essa educação, porque, senão, aonde a gente vai parar? Em algum lugar tem que ser diferente dos outros lugares.<sup>85</sup>

Nota-se, pelo relato de Kely, a preocupação em manter viva a tradição de respeito e reverência pelos familiares mais velhos, tanto que ela fez questão de passar esses valores para os filhos, que repetem para a geração seguinte.

No próximo capítulo deste estudo, trabalhar-se-á a questão da tradição dentro da Candelária, o jogo de dominó que reúne idosos e jovens, a Folia de Reis, as festas da comunidade que acontecem no meio da rua e a culinária morraica<sup>86</sup> nessas comemorações.

---

<sup>85</sup> Trecho de entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

<sup>86</sup> Culinária morraica refere-se às comidas que são preparadas no morro e, neste caso, na Candelária.

#### 4 TRADIÇÕES INVENTADAS OU PRESERVADAS? AS FESTAS COMUNITÁRIAS

Ao trabalhar o conceito de tradições inventadas, é fundamental a contribuição do estudo de Hobsbawn (1984), já citado nesta dissertação, mas que cabe, neste momento, ser aprofundado. Na visão do autor, elas são práticas, rituais ou simbólicas, reguladas por princípios aceitos pelo grupo, tendo como finalidade desenvolver, na cultura desses atores sociais, determinados valores de comportamento, por meio de uma relação com o passado feita pela repetição constante dessas práticas.

Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história Contemporânea. (HOBSBAWN, 1984, p.9).

Portanto, de acordo com Hobsbawn, o objetivo e a característica das tradições, incluindo nesse contexto as inventadas, é a invariabilidade. Todavia o autor propõe, nessa reflexão, uma diferenciação entre tradição e costume vigente nas sociedades ditas tradicionais. Se a primeira tem a “rigidez” como particularidade, o segundo possui certa “flexibilidade”.

O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (HOBSBAWN, 1984, p.10).

Ainda pela perspectiva de Hobsbawn (1984), o costume não pode ser invariável, porque a vida possui essa característica até mesmo nas sociedades conservadoras. Esse conceito apresentado pelo autor possibilita um novo olhar quanto às práticas culturais, que, aos poucos, vão sofrendo modificações ao longo do tempo.

No entanto, pelo senso comum, a tradição é definida como valores, conceitos que são recebidos do passado, de gerações anteriores e que se perpetuam no presente. Percebe-se esse pensamento no relato de Deise Louzada, moradora da Candelária.

A gente não deixa a nossa cultura para trás! A gente continua. Eu tiro por mim, quando eu me casei, era para mim [sic] ter retirado o Louzada porque meu esposo queria, eu falei: não, nossa família, nós temos tradição, todos que casa [sic] permanece [sic] com Louzada para seus filhos terem. Eu tenho muito orgulho da família de onde eu venho e tenho muito orgulho do meu pai.<sup>87</sup>

Remete-se ao pensamento da autora Maria Eunice Maciel (2004), a qual possui um estudo bem interessante sobre o movimento chamado gauchismo no Rio Grande do Sul que envolve questões como memória, tradição e tradicionalismo. Nessa pesquisa, Maciel menciona o passado como um legitimador, na medida em que possui traços de uma determinada identidade.

O passado, neste quadro, torna-se uma “garantia de veracidade” e o fator legitimador de um costume ou de uma manifestação cultural, já que nele são encontradas as tradições e é ele o manancial em que são buscados os elementos que serão os traços ou marcadores de uma dada identidade. O critério “antiguidade” é confundido assim com “autenticidade”, ou seja, quanto mais remoto, mais legítimo se torna. (MACIEL, 2004, p. 245)

A partir do conceito apresentado, é possível fazer uma associação com o pensamento de Deise em relação à permanência do sobrenome. Na visão da moradora, mantê-lo representa a legitimação de uma manifestação cultural, já que todos da família têm como tradição permanecer com a identificação.

Neste momento, é importante trazer para a discussão uma nova perspectiva de que manifestações culturais denominadas tradicionais sofrem, no presente, adaptações, atualizações em relação ao passado. É o que alguns autores nomeiam de cultura tradicionalista.

Complementando essa ideia, Maciel (2004 apud LENCLUB, 1987) afirma que Gerard Lenclub, ao trabalhar o conceito de tradição, revela que “ela não é (ou não é necessariamente) aquilo que sempre foi, ela é aquilo que nós a fazemos ser”. Na

---

<sup>87</sup> Trecho da entrevista de Deise, concedida em maio de 2013.

visão do autor, tradição não é percebida como um produto do passado – recebido de forma passiva pelo presente –, mas como uma interpretação desse tempo.

Pode-se inferir que há uma inversão do referencial da tradição, saindo do passado para o presente, ou seja, ela adquire significado hoje para os atores sociais na atualidade. Mas o que isso significa de uma forma mais efetiva? Tomando como referência as práticas culturais de um grupo social, elas seriam manifestações atualizadas, porém ancoradas em elementos tradicionais.

Tem-se como exemplo o grupo de Folia de Reis Sagrada Família da Candelária. Ele foi criado em meados do século XX por migrantes provenientes da cidade de Laranjal, em Minas Gerais, com o objetivo de preservar a manifestação folclórica.<sup>88</sup> Inicialmente, era formado, exclusivamente, por moradores da Candelária, mas, segundo Hevalcy, atual responsável pela Folia, essa característica foi-se perdendo ao longo do tempo.

Os motivos são vários, entre eles, o falecimento de foliões antigos, o desinteresse dos mais jovens de seguirem a doutrina e a mudança de religião de alguns integrantes. Com isso, houve uma redução expressiva no número de participantes da comunidade. Para garantir a preservação da manifestação folclórica, Hevalcy, ancorado em elementos tradicionais, como número de integrantes e tipos de instrumentos, aceitou a presença de devotos que não morassem na favela.

Portanto, nesse contexto, a Folia de Reis Sagrada Família não foi “inventada” para legitimar novas práticas apresentadas como antigas, mas, sim, sua “tradição” foi atualizada de acordo com as necessidades do presente.

Além da Folia de Reis, a festa junina também é uma comemoração comunitária que passou por “atualizações” em relação à celebração de Minas Gerais. Evidentemente que características tradicionais como se vestir a caráter, com roupas típicas, doces e salgados juninos, compõem a festividade na Candelária. Foram inseridos, contudo, outros elementos relacionados à atualidade que fazem parte da prática cotidiana desse grupo social. Por exemplo, pode-se citar a inclusão do funk no repertório da festa junina, que, obviamente, contou com a veiculação de ícones da música sertaneja e do forró.

---

<sup>88</sup> O tema Folia de Reis será detalhadamente tratado no item 4.2 desta dissertação.

Esses foram apenas dois exemplos para demonstrar como os rituais na Candelária podem ser identificados como atualizações da tradição da cultura mineira. É importante ressaltar, porém, que ela permanece enraizada, defendida e ovacionada por esses atores sociais.

A seguir, desenvolver-se-á o tema central desta dissertação: o cotidiano dos idosos na Candelária, a importância do dominó como instrumento socializador, de opção de lazer e de convivência entre várias gerações dentro da comunidade.

#### 4.1 Os idosos e o cotidiano da favela: o jogo de dominó

Terça-feira, 16 de abril de 2013. Por volta das 15 horas, dois idosos e dois rapazes participavam de um jogo de dominó em uma mesinha montada na Rua Graciete Matarazzo, quase em frente à vendinha de Seu Macumba. Tal prática já faz parte do cotidiano desses atores sociais.

Agora está começando duas e meia, três horas, mais à tarde, porque, antigamente, a gente começava de manhã, mas tem umas coisas para fazer e aí está começando à tarde. A não ser quando é final de semana que aí a gente começa mais cedo, mas, geralmente, está começando à tarde.<sup>89</sup>

O jogo de dominó virou o *point* dos idosos na comunidade. Quer encontrar Dona Adineva, Seu Mangueira, Seu Rubinho, Macumba e tantos outros, é só aparecer na Rua de Baixo, à tarde, que eles estão todos por lá. Em função disso, na vendinha de Macumba, foi colocada uma placa com os dizeres: “Praça do aposentado e pensionista”, ou seja, é o território (HAESBAERT, 2004) do pessoal da terceira idade.

Mas como surgiu a ideia das partidas de dominó para os idosos? A incentivadora foi Deise Louzada, por várias vezes citada nesta pesquisa. Ela é uma espécie de “anjo da guarda” do pessoal da terceira idade, com que fica atenta desde a medicação até o comportamento dos mais velhos. Segundo ela, eles relembram seus avós que faleceram.

---

<sup>89</sup> Trecho de entrevista de Seu Macumba, concedida em junho de 2013.

Eles têm tudo a ver com minha avó, com meu avô. Foi nessa necessidade de vir pra cá, Seu Mangueira, Dona Adineva, sozinha, sempre dentro de casa... Eu percebi que eu precisava fazer algo para trazer eles para rua. Eles não têm família, e isso me lembrava muito a minha avó.<sup>90</sup>

A brincadeira do dominó começou no início de 2012. Os moradores não souberam precisar o mês, mas, segundo os relatos, houve uma mudança na rotina não só do grupo de idosos, como também criou maior sociabilidade entre as gerações, já que todo mundo que quisesse poderia participar das partidas.

Pra você vê, um dominó com quatro passa a se tornar uma coisa enorme, outros idosos vêm do alto do morro que querem jogar, que querem participar, e isso trouxe mais adolescentes, mais pessoas de outras idades, a conviver com eles, a participar do dia a dia com eles. [...] Eu acho que é tudo [sic] que eles precisavam, eles estão mais alegres e até as doenças que eles têm, foram amenizadas por esse convívio do dia a dia.<sup>91</sup>

O jogo de dominó proporcionou, naquele “pedaço” (MAGNANI, 1996) da Candelária, um espaço relacional, vivo, de interação sociocultural entre os moradores, independentemente de faixa etária, de escolaridade, de gostos. Isso significa dizer que houve uma apropriação e uma ressignificação daquela parte da Rua de Baixo, em função da iniciativa. Houve uma modificação do uso e dos costumes (DE CERTEAU, 1994) daquela parte da favela.

É interessante observar, todavia, que há uma negociação entre as pessoas que moram, circulam e trabalham naquele território que se transforma em local de lazer para os idosos no cotidiano vespertino. Um exemplo dessa situação é quando aparecem motociclistas e ciclistas trafegando pela rua. Como a via é muito estreita e donos das lojas expõem suas mercadorias na beira da calçada e, no caso de Seu Macumba, bancas de produtos ocupam também parte da via, em vários momentos os motociclistas são obrigados a fazer malabarismos, para desviar dos objetos e dos idosos, que, apesar de montarem a mesa do dominó no canto direito da rua, também ficam sentados na beira da via. Em alguns momentos, essa situação gera atrito entre os mais velhos e quem passa, mas que acaba sendo logo minimizado pelos próprios atores sociais.

---

<sup>90</sup> Trecho da entrevista de Deise, concedida em maio de 2013.

<sup>91</sup> Idem.

Para a maioria dos idosos, essa é a única opção de lazer cotidiana. Dona Adineva e Seu Mangureira, por exemplo, em virtude de problemas de saúde, não saem da comunidade, não circulam pela cidade. Dona Adineva divide seu tempo entre os afazeres domésticos e as partidas de dominó. “A rotina é eu tá dentro de casa e tá aqui embaixo. Lá em cima e aqui embaixo. Faço comida, lavo roupa, só não ando sozinha, porque eu não enxergo daqui pra lá [referindo-se a uma pequena distância]”, completou a aposentada.

Seu Rubinho também não se arrisca em ir muito longe por causa do problema de visão. Além das partidas de dominó, ele gosta de fazer caminhadas na Quinta da Boavista acompanhado pela esposa.

Eu caminho, certo? Caminho de segunda a sexta na Quinta da Boa Vista. É pertinho, só sair aqui pelo portão. Lá de cima dá pra ver, a Quinta, a veterinária... [...] Eu gosto. Caminhar é bom, né? Tem que ter força de vontade, senão você não levanta da cama não. Mas eu tô acostumado a acordar cedo, né?<sup>92</sup>

Como foi citado, o jogo de dominó é o único ou o principal divertimento do pessoal da terceira idade na Candelária. Dessa forma, alguns idosos não gostam muito de contar com a participação de adolescentes e jovens na brincadeira.

Aqui é o *point* dos idosos. Aqui é que a gente se reúne para brincar e já tem uns jovens que gostam de brincar com a gente. É bom, mas num ponto não é porque a gente joga menos, né?! Porque só pode botar uma mesa só; se botar duas, fica sem graça. A gente tem quatro dominós, mas, se botar duas mesas, fica sem graça. Todo mundo só quer jogar naquela, naquela. É uma só porque aquela é a brincadeira.<sup>93</sup>

Dona Adineva também reclama da presença dos mais jovens nas rodadas de dominó, mas, em forma de brincadeira, diz a estratégia que utiliza para garantir que o território seja de exclusividade dos mais velhos, que já apareceram até na televisão.

Agora, no nosso grupo, a meninada toda se enturmou com a gente ali. Aí eu xingo: Você não vai jogar mais, a mesa é minha, vou levar o dominó, você não vai jogar, aí eu sento e não saio. A mesa não é dos velhos? [...] Nós

---

<sup>92</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

<sup>93</sup> Trecho da entrevista de Seu Macumba, realizada em junho de 2013.



passamos na Globo, na televisão... Passou a gente jogando dominó. [...] Aí todo mundo veio falar: vimos você, o Seu Mangueira na TV.<sup>94</sup>

Foto 3 - Jogo de dominó dos idosos da Candelária. De frente, com a camisa do Fluminense, Seu Mangueira; à direita dele, Gilson; ao lado dele, Dona Adineva. Fonte: Acervo da autora/2013.



Seu Rubinho já é mais apaziguador. Gosta da participação dos adolescentes no jogo de dominó, convida-os para compartilhar o momento de lazer e defende o convívio cotidiano com a garotada.

Tem dois idosos que não gostam. Mas eu falo pra deixar jogar, tem até uma menina que eu chamei lá, vamos jogar aqui, aí falaram não. Deixa a garota jogar. Tem que jogar! Tudo parente, tudo conhecido, qual o problema? Mas tem uns que não gostam, gostam de jogar, não gostam de perder e sair não. Tem que saber perder, sair e dá [sic] vaga para outro e tem gente que não gosta.<sup>95</sup>

Nota-se que há certo conflito entre alguns idosos e as gerações mais jovens com relação ao jogo de dominó, porque os mais velhos acreditam que aquele

<sup>94</sup> Trecho da entrevista de Dona Adineva, concedida em maio de 2013.

<sup>95</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

território deve ser único e exclusivamente ocupado por maiores de 60 anos. Os embates de interesse, de visões de mundo, são comuns entre diferentes faixas etárias, no entanto há a necessidade de negociações entre os grupos que dividem aquele espaço, para garantir um convívio harmonioso.

Em nossos territórios as crenças, os mitos e os valores compartilhados pelos seus frequentadores criam na cidade linhas invisíveis que delimitam os espaços de ocupação pelos diferentes grupos. Sendo invisíveis e frágeis, essas linhas não barram nem os desavisados, e muito menos os “invasores”, o que gera, vez por outra, desconfiança e conflito. Durante um processo de territorialização da cidade, os grupos podem estar dispostos a dialogar, negociar seus interesses, cedendo e barganhando os espaços a serem territorializados. Os choques de interesses são uma constante realidade, mas para os atritos podem existir negociações. (MAIA, BIANCHI, 2012, p.135).

A líder comunitária Kely Louzada considera importante essa convivência entre as várias gerações dentro da comunidade em que, segundo ela, na maioria das situações, os mais velhos são respeitados.

Eu acho bacana que os novos param agora ali e jogam e respeitam e brincam. Tem um ou outro que não tem esse pensamento, mas a maior parte tem esse pensamento, assim de que tem que respeitar, tem essa coisa de respeitar a hierarquia é o mais velho, né?<sup>96</sup>

Seu Rubinho, integrante do grupo de idosos da Candelária, corrobora a opinião de Kely quanto ao comportamento dos mais jovens. “Respeita, respeita, isso aí eles respeitam a gente sim”.<sup>97</sup>

Já Seu Mangureira, o mais velho do grupo, contradiz o parceiro de jogo em relação às novas gerações. “Nem aqui na Candelária, nem em lugar nenhum. Os jovens não respeitam mais ninguém não. Nem aqui, nem em lugar nenhum”<sup>98</sup>, afirmou o aposentado.

Mas é nesse momento de descontração em que moradores se reúnem em volta de uma mesa de dominó que, papo vai, papo vem, surgem conversas sobre temas cotidianos, como futebol, comida, histórias antigas da Candelária, da mesma forma em que é uma oportunidade de troca de experiências entre as gerações. Seu Rubinho aproveita essas ocasiões para transmitir valores e aconselhar os mais

---

<sup>96</sup> Trecho da entrevista de Kely Louzada, concedida em outubro de 2013.

<sup>97</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, concedida em julho de 2013.

<sup>98</sup> Trecho da entrevista de Seu Mangureira, concedida em junho de 2013.

jovens. O aposentado afirma que as orientações deram resultado. “Uns aí andando na vida errada, falei ‘você é um cara bom, seu pai era também, meu amigo’, o pai dele já é morto. E aí ele [disse], ‘ah, Seu Rubinho, o senhor tá certo’ e agora vejo ele trabalhando aí. Tô satisfeito”.<sup>99</sup>

A presidente da Associação Meninas e Mulheres do Morro, Kely Louzada, concorda com a opinião de Seu Rubinho quanto à importância da transferência de conceitos, de valores, entre os mais velhos e os jovens.

Passa, passa, passa, mesmo quando assim é numa bronca, passam de uma maneira ou de outra, passam. Outro dia eu tava ali e eles tavam organizando um bingo, eu não lembro quem era [referindo-se a um jovem], ele não tava querendo sair do lugar, na época era o Macumba e Seu Rubinho para sentar. Aí veio um outro mais novo e disse: ‘você tem que sair, cara, isso não é teu não, isso é deles. Você não tá com nada, entendeu?’<sup>100</sup>

No entanto, ao conversar com alguns entrevistados, notou-se pelos relatos que houve uma mudança no comportamento dos mais jovens em relação aos idosos. Em tempos passados, os veteranos eram consultados antes de ser tomada qualquer decisão dentro da comunidade, até mesmo para a realização de uma festa. Segundo Kely Louzada, atualmente, a realidade é diferente.

Antigamente, era mais unido, eu acho por causa das festividades, eu acho que era por causa de tudo que acontecia na comunidade. Vamos perguntar pra fulano, o que que fulano acha? Será que se ciclano fizesse, faria desse jeito? E hoje não é mais assim, porque a gente aprendeu a ser independente. Então, quando a gente vai montar alguma coisa, depois que tá pronto que a gente fala: você gostou? Eu acho que é por isso que eles se sentem meio que isolados, porque antes eles participavam de tudo, de tudo mesmo e, hoje em dia, eles participam só indo.<sup>101</sup>

Apesar de a maioria dos idosos não estar à frente da organização das festividades, dos eventos, provavelmente em função da idade avançada, os mais velhos da Candelária representam uma referência comunitária, mesmo que a opinião deles seja solicitada depois que os mais jovens já tenham tomado as

---

<sup>99</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

<sup>100</sup> Trecho da entrevista de Kely Louzada, concedida em outubro de 2013.

<sup>101</sup> Idem.

decisões. Eles são consultados e suas opiniões ouvidas, porque são consideradas importantes.

A seguir, abordar-se-á um assunto que faz os olhos dos moradores brilharem: a Folia de Reis dentro da Candelária – sinônimo de tradição, de lembranças da cultura mineira, do culto religioso, das estripulias dos palhaços e de tantas outras recordações.

#### 4.2 A Folia de Reis

Folia de Rei – Baiano e os novos caetanos

Ai, andar andei!

Ai, como eu andei!

E aprendi a nova lei:

Alegria em nome da rainha

E folia em nome de rei!

Alegria em nome da rainha

E folia em nome de rei!

Ai, mar marujei!

Ai, eu naveguei!

E aprendi a nova lei:

Se é de terra que fique na areia

O mar bravo só respeita rei!

Se é de terra que fique na areia

O mar bravo só respeita rei!

Ai, voar voei!

Ai, como eu voei!

E aprendi a nova lei:

Alegria em nome das estrelas

E folia em nome de rei!

Alegria em nome das estrelas

E folia em nome de rei!

Ai, eu partirei!

Ai, eu voltarei!

Vou confirmar a nova lei:

Alegria em nome de Cristo

Porque Cristo foi o Rei dos reis!

Alegria em nome de Cristo

Porque Cristo foi o Rei dos reis!

Alegria em nome de Cristo

Porque Cristo foi o Rei dos reis!

Alegria em nome de Cristo

Porque Cristo foi o Rei dos reis!<sup>102</sup>

Composição: Chico Anísio e Arnaud Rodrigues

---

<sup>102</sup> Disponível em: <<http://www.lettras.mus.br/baiano-os-novos-caetanos/>>. Acesso em 15 jan. 2014.

Bandeira cuidadosamente confeccionada com figuras dos reis magos, do presépio e de vários santos, enfeitada com fitas coloridas e flores de papel, instrumentos afinados, componentes impecavelmente vestidos e prontos para mais uma noite de oração e de festa para as famílias que vão receber a Folia Sagrada Família da Mangueira. Esse é o cenário que se encontra ao chegar até a sede da folia, que funciona em uma sala da extinta fábrica de alumínios Alcoa, localizada na Rua Visconde de Niterói, na zona norte da cidade.

O período de comemorações começa em 25 de dezembro, nascimento de Jesus, e estende-se até 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Para, entretanto, compreender essa tradição, cheia de rituais e símbolos, é necessário voltar no tempo, mais precisamente em 1946.

O responsável pela Folia, Hevalcy – mais conhecido como Primo Mestre dentro da Candelária –, é o grande defensor da permanência desses valores e costumes que surgiram com a chegada de operários de Minas Gerais os quais vieram trabalhar na fábrica de cerâmica.

Conforme já foi citado neste estudo, a influência de migrantes dessa região foi fundamental para a bagagem cultural, religiosa e de costumes, sendo a presença da Folia de Reis na comunidade mais uma das iniciativas implementadas por esses atores sociais.

Diz os mais velhos, os mais antigos, que essa folia é oriunda de Laranjal, veio aqui pra nossa comunidade da Candelária, os mineiros em busca de melhores trabalhos, né, melhoria de emprego. A data mais específica que eu cheguei a ouvir foi 1946. A data é essa aí.<sup>103</sup>

Ao ser perguntado sobre os precursores da iniciativa, Primo Mestre afirma sem titubear: “Ah, isso aí, não tem como esquecer. Fui crescendo e ouvindo... Foi a família dos Elias e a família dos Louzadas que trouxeram essa manifestação”.<sup>104</sup>

Há, no entanto, outra versão para o início da folia na comunidade Candelariense.

Outros dizem também que, quando esses mineiros chegaram, já encontraram uma Folia de Reis aqui no Morro da Vacaria, que hoje é o

---

<sup>103</sup> Trecho da entrevista de Hevalcy, realizada em setembro de 2013.

<sup>104</sup> Idem.

loteamento. Então, se deturpa um pouco essas coisas, porque foge um pouco do meu alcance, porque eu não alcancei, mas uns falam uma coisa, outros falam outra, né? Eu sei que, na época da minha infância, realmente eram duas Folias de Reis: a Manjedoura da Mangueira e a Sagrada Família. Os mais velhos falam, aliás, falavam que, quando os mineiros chegaram aqui, já encontraram a Sagrada Família, que era do Seu Sarafim.<sup>105</sup>

É comum perceber nos relatos orais diferentes hipóteses, possibilidades, em relação ao mesmo tema, na medida em que as histórias são contadas e recontadas de diferentes maneiras ao longo das gerações. São todos esses ângulos, porém, que proporcionam ao trabalho de pesquisa riqueza e fascinação ao investigador.

As narrativas são dotadas mais do que de palavras objetivadas por uma razão instrumental, mas estão impregnadas em sentimentos de grande carga simbólica. Não se buscam verdades definitivas nas narrativas, as certezas se diluem conforme o passar do tempo. As histórias não estão em baús hermeticamente fechados, que impediriam invenções e criatividade. As diversas narrativas de histórias cotidianas indicam transformações que estão presentes em cada vez que são recontadas, a elas são atribuídas novas realidades, novas formas de ver, sentir, perceber e de representar o mundo. (MAIA, BIANCHI, 2012, p.133-134).

Apesar de haver duas versões para a implantação da Folia de Reis na comunidade, uma questão é precisa: o surgimento da manifestação folclórica no complexo de favelas da Mangueira.

Não, na Candelária, até porque tem pessoas ainda na Mangueira que nem conhece [sic] Folia de Reis, porque toda a vida ficou focado aqui na Candelária, justamente por ser o local que se concentrou o maior número de mineiros, né, oriundo [sic] lá de Laranjal, São João de Sapucaia, Muriaé, Leopoldina, Cataguazes. Então, o pessoal quando vinha, se estabeleceram [sic] aqui na Candelária. Então, com isso, veio [sic] a tradição, os costumes, se concentrou [sic] na Candelária. Então, a Folia ficou, se enraizou na Candelária.<sup>106</sup>

Portanto, na visão de Primo Mestre, a Folia de Reis que conheceu na infância tinha peculiaridades relacionadas às manifestações culturais provenientes de Minas Gerais. Cabe aqui abrir um parêntese importante no que tange a uma lacuna conceitual. Neste item do estudo, discorre-se sobre Folia de Reis, mas será que há uma definição? O próprio Hevalcy responde.

---

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> Trecho da entrevista de Hevalcy, concedida em setembro de 2013.

Folia de Reis é uma manifestação folclórica, de fundo religioso dentro do Catolicismo, que é toda voltada pro nascimento de Jesus e a visita dos três reis magos na Manjedoura de Belém, aos seis dias depois de Cristo nascido. Então, a folia é esse gestual todo, entendeu?<sup>107</sup>

Por que será que os integrantes da Sagrada Família da Mangueira têm que fazer a peregrinação de casa em casa, levando a bandeira à frente? O que representa esse ritual?

Porque os três reis magos, eles não sabiam o local exato que Jesus tinha nascido... Então, os magos saíram pra procurar. Eles eram astrólogos, receberam a mensagem dos astros, fora os profetas também que profetizaram... Teve Zacarias, Elias e outros, então já tinha uma profecia, mas não se sabia o local exato, nem a hora certa, tanto que a estrela que foi o aviso para todos três. Eram de cidades diferentes, cada um era de cidade diferente e tiveram o mesmo sonho e eles tinham o mesmo objetivo e se encontraram no deserto. Não se conheciam e se encontraram no deserto. [...] Então, os magos saíram pra procurar o menino. Então, esse movimento da folia de casa em casa, o objetivo é encontrar o menino. E realmente encontra, né, porque, geralmente, tem sempre um presépio armado. Então, simboliza aquele momento ali: os três reis mago [sic] encontrou [sic] Jesus. É isso, por isso, vai de casa em casa.

Segundo o Mestre da Sagrada Família da Mangueira, antigamente, em Minas Gerais, a peregrinação das folias começava à meia-noite do dia 25 de dezembro e só terminava no Dia de Reis, 6 de janeiro. Todavia a programação dos roteiros teve que acompanhar o ritmo modernizador da cidade, adaptando-se aos novos hábitos trazidos pela “civilização” dos costumes. (ARAÚJO, 1993).

[...] Aí atualmente muda um pouco né, porque um patrão não ia deixar o funcionário uma semana fora do expediente pra fazer Folia de Reis, né? Que era o contrário dos fazendeiros na roça que também eram devotos. Então, já sabia que, quando chegasse aquela ocasião, os seus colonos, seus funcionários, já tinham aquela liberdade para sair visitando as fazendas, visitando as vilas e aqui é diferente. Na verdade, aqui no Rio de Janeiro, ficou diferente porque a gente só sai aos finais de semana. Nós saímos sábado à noite e voltamos, às vezes, no domingo até de noite mesmo. Aqui como tem o padroeiro da cidade, a Folia de Reis vai do Natal até 6 de janeiro, canta o nascimento de Jesus até o Santo [sic] Reis; depois, ela prossegue cantando o martírio de São Sebastião, saindo todos os finais de semana: do Natal até 20 de janeiro.<sup>108</sup>

Percebe-se, pela narrativa de Hevalcy, seu interesse e conhecimento sobre a história da Folia de Reis. Mas como despertou esse amor e devoção pela

---

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> Idem.

manifestação folclórica? As raízes desse fervor religioso surgiram em algumas gerações anteriores a sua...

A minha bisavó era apaixonada, ela era neta de escravos, era apaixonada por Folia de Reis, todas as Foliás de Reis [...] que vinha [sic] visitar a nossa comunidade, a última casa era a dela. Aonde era servido um almoço farto, e se batesse [sic] dez Folia [sic] na casa dela, ela recebia as dez Folia [sic]. E isso era o período todo de 24 de dezembro até 20 de janeiro. Vinha Folia do São Carlos, vinha Folia do Morro do Macaco, vinha Folia do Catumbi, as Foliás da Baixada Fluminense, Caxias, Queimados, Belford Roxo. Então vinha sempre, aqui tinha muita casa pra se bater, pra receber, entendeu? <sup>109</sup>

A líder comunitária Kely Louzada relata, com entusiasmo e euforia, a presença da Folia dentro da Candelária, responsável pela modificação da rotina de seus moradores.

Ah, era a coisa mais gostosa, até hoje, até hoje. Se você vier no Natal, na véspera de Natal, você encontra tudo quanto é Louzada no morro, porque a gente escuta um barulho, é a Folia. Todo mundo, pode ser três horas da manhã, joga qualquer roupa por cima da camisola e desce pro beco pra ver a Folia passar. Isso se a gente não for atrás também, depois volta todo mundo pras suas casas. E, antigamente, era melhor ainda, porque a gente tinha disposição de andar atrás da Folia o morro todo. Então, ficava aquela multidão atrás da Folia. A Folia ia na casa das pessoas, e as pessoas tinham que atender a todo mundo, né? Porque tava com a Folia, a desculpa era que a gente tava com a Folia. Era muito gostoso, era muito gostoso, as crianças correndo dos palhaços, a gente sabia, a gente conhecia quem tava debaixo daquela máscara, mas a gente corria assim mesmo. <sup>110</sup>

Deise Louzada, uma das grandes anfitriãs das festas comunitárias que acontecem na Rua de Baixo, ficou com os olhos brilhando ao relembrar a peregrinação dos foliões pelos becos da favela.

Eu tenho recordações maravilhosas da Folia, porque meu avô foi um dos fundadores da Folia de Reis aqui na Mangueira. [...] Eles continuaram com isso até hoje. A gente tem o Hevalcy, que é uma pessoa maravilhosa, tem um trabalho maravilhoso com a Folia aqui, que recorda tudo isso. <sup>111</sup>

Primo Mestre, contudo, relata com pesar a queda no número de residências da Candelária que abrem as portas para receber a manifestação folclórica de cunho

---

<sup>109</sup> Trecho da entrevista de Helvacy, realizada em setembro de 2013.

<sup>110</sup> Trecho da entrevista de Kely, concedida em outubro de 2013.

<sup>111</sup> Trecho da entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.



religioso. De acordo com Hevalcy, no ano de 2000 a Sagrada Família visitou quarenta casas na comunidade; em 2013, apenas cinco. Segundo ele, são vários fatores somados que contribuíram para a perda gradual dessa tradição ao longo das últimas quatro décadas:

Muitos faleceram, e outros mudaram de religião. [...] Pais que faleceram, os filhos não dão sequência aos pais. Ah, minha mãe recebia; ah, eu não quero receber Folia não. A devoção que a mãe tinha, que o pai tinha, os filhos não têm. Aí, quando falece, a gente perde aquela casa. Muitos não recebem a Folia mais porque era [sic] crente, outros não recebem porque vai trazer tristeza, por que tristeza? Eu vou lembrar do meu pai, eu vou lembrar do meu tio, que saía na Folia e é assim mermo [sic], emociona mermo [sic].<sup>112</sup>

E não foi por falta de tentativas dos mais idosos em transmitir conceitos, rituais da manifestação folclórica para filhos e netos. A negativa partiu das novas gerações. “Não quiseram. Tanto que eu conheci muitos filhos de mestre, muitos filhos de foliões, que saíam quando pequeno e que, quando completaram 13 anos, não quiseram mais”.<sup>113</sup>

Kely também lembra com saudosismo os bons tempos da Folia. Em sua infância, via a chegada dos integrantes do grupo nas casas como algo mágico, que mobilizava a comunidade. As pessoas paravam o que estivessem fazendo para ver os foliões, mas o tempo foi passando, e os rituais foram perdendo força.

As pessoas foram morrendo, mesmo que ficou no sangue, que fica esse gosto pela Folia de Reis, mas assim, os mais novos, assim, eu gostaria muito de receber a Folia na minha casa, mas, pra você receber na tua casa, você não tem um horário fixo, você marca com o Mestre da Folia, assim, no dia 23 você vai na minha casa, mas ele pode chegar no dia 24, cinco horas da manhã, e você tem que tá [sic] acordada, tem que tá [sic] com tudo pronto, você faz uma boa comida, você oferece uma boa bebida... [...] Porque os mais velhos têm mais esse pique, né ?<sup>114</sup>

A passista da estação Primeira de Mangueira, ex-dançarina internacional, Graça, voltou à infância e relembrou, com orgulho, os tempos áureos e famosos do grupo.

---

<sup>112</sup> Trecho da entrevista de Hevalcy, concedida em setembro de 2013.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Trecho da entrevista de Kely, concedida em outubro de 2013.

Foi muito bonita a nossa Folia de Reis aqui. Era muito grande, era muito linda a nossa Folia de Reis. Saía todo ano na televisão, ganhava prêmios, viajava muito; aí, depois, foi morrendo [referindo-se aos integrantes], outros ficaram doentes, foi, foi e agora ficou [sic] pouquíssimos os integrantes da Folia de Reis.<sup>115</sup>

Preocupado com o desinteresse dos jovens em manter viva a tradição da Folia de Reis dentro da Candelária, Primo Mestre teve a ideia de realizar um trabalho social da Sagrada Família, chamado “Preservando o reisado”. As atividades começaram em 2003, quando foi criada uma Folia de Reis mirim, chamada Três Reis mirins, formada por crianças da comunidade. De acordo com Hevalcy, a iniciativa proporcionava aulas teóricas e práticas sobre a Folia, a música e o gestual do palhaço. Mas, para participar da Três Reis mirins, a criança precisava estar matriculada na escola.

A proposta era tentar despertar o interesse das crianças pela manifestação folclórica e capacitar os foliões do futuro. Porém, em virtude da falta de recursos, as atividades foram mantidas apenas até 2005. Atualmente, elas participam somente da Folia dos adultos.

Hoje em dia, a gente tem, aproximadamente, 10 crianças só. Então, pela dificuldade hoje financeira do projeto, a parte mais ativa deles é com a Sagrada Família mesmo, onde eles já fazem parte da Sagrada Família, mas o intuito do projeto mesmo era capacitar crianças para ser o folião do amanhã. Eles iniciam na Três Reis mirim [sic] e os melhores alcançando a maior idade passa [sic] para a Sagrada Família.<sup>116</sup>

Ao presenciar a apresentação da Folia de Reis Sagrada Família, nota-se a presença de crianças, de foliões de meia idade e, principalmente, de idosos. Atualmente, o grupo possui vinte integrantes, mas apenas oito são moradores da Candelária. “Justamente por essa deficiência, hoje a maioria não é da Candelária, é de fora. Porque dentro não se encontra mais quem queira sair, por isso que eu faço esse investimento nas crianças, tentando trabalhar a mente dela [sic], mostrar o que que é”.<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> Trecho da entrevista de Graça, realizada em julho de 2013.

<sup>116</sup> Trecho da entrevista de Hevalcy, realizada em setembro de 2013.

<sup>117</sup> Idem.

E a participação da mulher dentro da Sagrada Família da Mangueira? Será que há espaço para a presença feminina em uma Folia de Reis?

É pequena. Eu acho que também por falta de interesse, mas tem também na Baixada Fluminense um grande foco de grupos com a maioria de mulher [sic]. [...] Hoje ainda tem aquela concepção da Folia de Reis, e não é Folia de Rainhas. Então, as mulheres não eram muito bem vistas antigamente na Folia de Reis. Mas, hoje, confesso que são as melhores vozes pra se entoar, entendeu? A minha esposa carrega a bandeira. Mas, geralmente, foi esse o primeiro papel da mulher dentro da Folia de Reis, porque foi o primeiro passo. Porque, antigamente, mesmo sem estar uniformizado, elas faziam as promessas delas de conduzir as bandeiras de casa em casa, aí ficou ficando essa característica da mulher na bandeira. Ela é auferes da Folia [referindo-se à esposa], a bandeireira, popularmente falando. Auferes ou bandeireira ou bandeireiro. É o símbolo maior da Folia, ali tá toda a responsabilidade da Folia.<sup>118</sup>

Vale ressaltar que essa dissertação não é sobre Folia de Reis, no entanto o tema é tão rico e cheio de rituais e símbolos, que se considera importante tratar de dois elementos fundamentais em um grupo: a bandeira e o palhaço.

Como foi citado no início deste item, a bandeira é constituída por imagens do presépio, dos três reis magos e de vários santos, sendo o símbolo mais importante dentro de uma Folia. Tanto que ela é a primeira a entrar na casa durante uma visita do grupo, uma espécie de proteção, entregue ao dono da residência que a reverencia.

A bandeira é o nosso escudo sagrado. Ali, se a gente chegar na casa e não encontrar o presépio, a gente encontrou o presépio, porque o presépio está na bandeira. Toda a bandeira de Folia de Reis tem estampada a imagem da adoração dos três reis magos. Às vezes, tem o anúncio do anjo Gabriel e vários outros fatores, né? Então, quando a gente chega na casa, não tem um presépio, mas o presépio está presente, porque o dono da casa, quando a Folia chega na casa dele, ele recebe a Folia, e o primeiro ato é pegar a bandeira. Ao pegar a bandeira, ele já está dando a permissão da gente adentrar a casa dele, entendeu? Então, a bandeira é isso: todo o fundamento está na bandeira. A bandeira é o simbolismo religioso da Folia de Reis.<sup>119</sup>

Ainda na juventude, Kely Louzada teve o prazer de ser a bandeireira da Sagrada Família da Mangueira. Segundo ela, era um sonho antigo, mas não foi uma

---

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> Idem.

atividade simples, na medida em que necessitava de dedicação e de muito sacrifício por parte da alferes para carregar o símbolo sagrado da Folia.

Ah, eu tinha uns 19 anos. Gente era o meu sonho... Logo quando a gente vai ser escolhido [sic] pelo pelotão da bandeira na escola, era o meu sonho carregar a bandeira. E, naquela época, eu não lembro quem carregava a bandeira, passou mal. Aí, eu me prontifiquei, né? Aí, duas saídas eu fui a responsável de entrar com a bandeira na casa da pessoa e sair. E descobri também que é muito sacrifício, porque a ideia não é só chegar na casa e botar a bandeira num canto pro pessoal ir lá botar um dinheirinho, essa coisa não. Tem que tá pronta para a bandeira. Você tem que estar tipo mais ou menos purificada, você tem que tá de corpo e alma pra bandeira, porque a bandeira é a que vai espantar os maus, os males do espaço. A primeira coisa que entra na casa da pessoa é a bandeira, não é [sic] os foliões, né. É o grande símbolo, mas pra gente não é, é o palhaço. A comunidade não sabe da história da Folia, sabe que gosta da Folia e a diversão, a atração é o palhaço. Pros mais velhos, pra quem vai receber a Folia, é a bandeira, tem que tá pronta, arrumadinha, bacana, se emociona, mas a garotada quer saber do palhaço. Ele dança, corre atrás da gente, é a parte divertida da Folia.<sup>120</sup>

Se a figura do palhaço, para muitos dos que acompanham a Folia, é a mais esperada, uma vez que ele é a parte mais descontraída, assusta, brinca e dança, qual será a ligação entre a visita de uma Folia de Reis em busca do menino Jesus e os palhaços mascarados? Existe alguma relação com alguma passagem bíblica? Hevalcy esclarece:

O Rei Herodes mandou os soldados perseguir os magos pra, quando os magos encontrassem o menino, matar o menino. Daí gerou a matança dos inocentes, aquela coisa toda, né? De zero a dois anos de idade, foram mortos os meninos da ocasião. Então, os palhaços representam esses soldados que perseguiram os magos, mas nunca conseguiram encontrar, os magos chegaram lá bem antes deles, e eles chegaram meses depois, mas não conseguiu [sic] matar o menino, porque aquele esforço, sacrifício pra eles foi tido como vitória, eles encontraram. Então, o irradio pra eles foi tanto que eles não mataram, eles adoraram, eles contemplaram o menino. Eles chegaram a encontrar, mas não mataram, eles contemplaram. Então, depois desse ato, eles caíram em si: como a gente vai voltar pro rei, a gente vai ser tido como desertor, como traidor, né? Então tiveram a ideia de passarem [sic] a viver junto [sic] ali, andavam sempre junto [sic], arrumaram um meio de tirar o sustento que era fazendo graça pro povo rir e se vestir assim com tecidos coloridos, com fitas e máscara [sic] de pele de animais e sai [sic] passando de vilarejo em vilarejo, fazendo graça e nunca foram reconhecidos por Herodes. Então, é isso que originou os palhaços, os palhaços representam os soldados de Herodes. Mas o palhaço, querendo ou não, ele representa o mal, porque ele vai atrás do menino com o intuito de matar. Então, como a encenação da Folia de Reis ainda é [sic] os magos procurando pelo menino, o Herodes tá perseguindo. Os palhaços só são os soldados do Rei Herodes. Mas, hoje, misturam muito as coisas; ah, o

---

<sup>120</sup> Trecho da entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

palhaço é o diabo, o palhaço é o Judas, não, não é nada disso. O palhaço é simplesmente os soldados de Herodes.<sup>121</sup>

E não faltam relatos sobre as peripécias dos palhaços durante a peregrinação da Sagrada Família da Candelária pelos becos da comunidade. Eles assustavam e provocavam medo em muita gente.

Tinha. No começo eu tinha, mas até um dia que um me agarrou, eu puxei a máscara, aí não que perdeu o encanto, mas descobri que não ia me pegar, que não ia me bater, me morder, me fazer nada. Mesmo assim, era muito bom fazer aquela algazarra. O palhaço vinha, e a gente gritava: Ah, socorro! Era muita gente, Folia é uma das maiores saudades que eu tenho daqui da Candelária, é a Folia de Reis. Assim, o encanto que tinha, porque, hoje em dia, ela ainda existe, mas não são todas as famílias que recebem mais a Folia dentro das suas casas. Eu morro de vontade de receber a Folia, mas diz a tradição, se você receber um dia, você tem que receber sete anos. Meu filho já foi folião, ele já tocou na Folia do Hevalcy. Ele foi dos Três Reis Mirins, ele foi do Primo mestre. Mas assim, a minha família foi inteira de foliões, assim, todos eles tocavam: avô, tio, meu filho, todo mundo passou pela Folia de Reis.<sup>122</sup>

Eu tenho medo, né? Eu tenho medo do palhaço. Eu morro de medo do palhaço. Ah, é horrível, né? Ai, gente, é uma coisa muito horrível! Eles com máscara e sem máscara, né? Porque eles são dó de feio [sic], né? Nossa Senhora!<sup>123</sup>

Foto 4 - Pintura representando o palhaço. Fonte: Acervo da autora/2013.



<sup>121</sup> Trecho da entrevista de Hevalcy, concedida em setembro de 2013.

<sup>122</sup> Trecho da entrevista Kely, realizada em outubro de 2013.

<sup>123</sup> Trecho da entrevista de Graça, moradora da Candelária, realizada em julho de 2013.

Mary Del Priore (1994), ao tratar das festas no período colonial no Brasil, é categórica em afirmar que as celebrações são um misto de sagradas e profanas, como se, dentro de cada uma delas, existissem as duas características. Trazendo para a realidade atual, a visita da Folia de Reis Sagrada Família da Mangueira é uma manifestação religiosa e, ao mesmo tempo, profana, na medida em que, além da presença da bandeira, símbolo maior da Folia, das músicas denominadas toadas e das estrofes rimadas sobre as passagens bíblicas, chamadas de profecias, ocorre um jantar oferecido pelos donos da casa, regado a muita comida e bebida para todos os participantes.

Além da peregrinação de Folias pelas casas em favelas do estado do Rio de Janeiro, outra forma de tentar manter a tradição mineira é a chamada Festa de Arremate, em que uma Folia, chamada coirmã, oferece uma confraternização para os demais grupos. A Sagrada Família da Mangueira promove o encontro sempre no último sábado do mês de maio. Em 2013, a festa aconteceu no dia 25, na sede da Folia, no prédio desativado da fábrica de alumínios Alcoa, na Mangueira. Três grupos de Folia provenientes de Nova Iguaçu, Mesquita e Cabuçu, todos da Baixada Fluminense, foram prestigiar a festa.

Foto 5 - Foliões da Sagrada Família na Festa do Arremate. Fonte: Acervo da autora/2013



A comemoração estendeu-se pela madrugada com a apresentação dos grupos convidados, pela troca de bandeiras entre as Folias, com a feijoada pesada, “carregada” nas carnes, regada a muito vinho e muita conversa. A festa não era destinada apenas às Folias; quem chegasse era bem-vindo e logo convidado para pegar um prato e se servir à vontade.

O encerramento da festividade ficou por conta da apresentação dos palhaços dos três grupos de Folia, que dançaram e brincaram na calçada da Rua Visconde de Niterói.

Ao participar dessa festa como pesquisadora, foi possível perceber que a dificuldade financeira, a distância, uma noite fria de outono não foram empecilhos para que esses foliões saíssem de suas casas para divulgar e defender, com amor, respeito e muito orgulho, as reminiscências da Folia de Reis.

No próximo item, abordar-se-á um tema bastante rico e fascinante na Candelária: suas festas promovidas com a colaboração dos moradores que se reúnem, cada um ofertando a quantia que dispõe para celebrar, no meio da rua, datas como o Dia das Mães, aniversariantes do mês, festa junina, Natal ou, simplesmente, assistir juntos a uma partida de futebol pela televisão. Não importa o motivo para se “juntar” e festejar a vida em comunidade.

### **4.3 A festa Junina e tantas outras comemorações**

A festa é um momento de partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários, mas também a alegria da comemoração ajuda os atores sociais a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, além de reafirmar laços de solidariedade entre os sujeitos. (MARY DEL PRIORE, 1994). Não é de hoje que o povo brasileiro é festivo. Segundo a autora, a festa do passado colonial pode ser um instrumento de compreensão dos motivos que levaram até hoje a cultura brasileira a conservar as suas comemorações.

No período colonial, as festividades baseavam-se pelo ciclo agrícola, em que os indivíduos se reuniam para celebrar a colheita ou pedir proteção para a semeadura. Porém, de acordo com Del Priore (1994), com o aparecimento do Cristianismo, surgiram novas datas comemorativas.

[...] A Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros). Nos intervalos das grandes festas religiosas, eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas 'Domingas'. (PRIORE, 1994, p.13)

Além de festividades relacionadas à Igreja, também ocorriam celebrações voltadas para datas importantes na vida dos governantes, como casamentos, nascimentos e mortes, numa cerimônia que deixava evidente o poder real na Colônia. (PRIORE, 1994, p.14)

As festas familiares não se restringiram apenas a esse período histórico. As celebrações fazem parte da vida cotidiana dos cariocas. No século XX, a alta sociedade promovia a comemoração de aniversários em uma festa íntima, restrita a amigos próximos e familiares. A programação incluía comidas, bebidas, canto, dança e encenações. (ARAÚJO, 1993). Engana-se, porém, quem pensa que esse "fervor" festivo era uma exclusividade da elite. "Nos setores pobres, cortiços e favelas, também se cultivava o lazer doméstico, ao som de um outro tipo de música e dança, usufruindo, a seu modo, da convivência familiar". (ARAÚJO, 1993, p.271).

Neste momento, é importante trazer a contribuição de Émile Durkheim, ao enfatizar que, da mesma forma que na cerimônia religiosa, na festa, o indivíduo deixa de lado seus problemas do dia a dia, liberta-se de si mesmo em um momento de "efervescência".

[...] Toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres da cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. (DURKHEIM, 1985, p. 547-548).

Portanto a festa e a cerimônia religiosa possuem características comuns, como o excesso e a transgressão, apresentadas em forma de gritos, danças, músicas e movimentos violentos. (PEREZ, 2002).

Retomando o lócus desta pesquisa, a Candelária é um lugar que tem como característica a festa realizada no meio da rua, mais precisamente na Graciete Matarazzo, ou popularmente conhecida como a Rua de Baixo. Essa peculiaridade também é uma reminiscência dos moradores antigos, provenientes de Minas Gerais.



E, quando há festa na comunidade, pode contar que existe algum Louzada<sup>124</sup> envolvido na organização.

Antigamente, a nossa família fechava a Rua de Baixo, fazendo festa junina, as comemorações de feriados, era tudo organizado por Louzada. Tinha um Louzada na organização e até hoje. É verdade, tipo, os maiores movimentos que têm de comemoração, de brincadeira, tem um Louzada, é organizado por um Louzada. Tá no sangue.<sup>125</sup>

Dia das Mães, das Crianças, festas de aniversário, Junina, 7 de setembro, Natal, Folia de Reis... A Candelária possui um calendário de comemorações comunitárias. As datas, tirando o Torneio de futebol de 7 de setembro, não são fixas, dependem de alguns fatores, como a disponibilidade financeira dos moradores e de não haver outra comemoração no mesmo dia.

A presidente da Associação Meninas e Mulheres do Morro, Kely Louzada, afirma que a comunidade era bem mais animada antigamente, mas está ocorrendo um movimento por parte dos moradores para tentar resgatar a tradição dos áureos tempos.

Olha, tá voltando essa questão de comemorações aqui na Candelária, tá voltando. Porque passou uma época muito ruim, muito ruim mesmo. A gente tem certo é o 7 de setembro, que esse ano foi muito bacana. Eu não participei, mas eu vi as fotos no Face, eu vi as pessoas comentando com orgulho, caramba, foi muito maneiro! O Natal que a gente passa algum tempo em família, festa junina, que esse ano voltou a ter. [...] Dia das Mães teve uma comemoração lá na Rua de Baixo, tímida ainda, mas teve. Era tudo que a gente tinha perdido, que tinha se perdido no tempo, tá voltando a ser resgatado. Até por um grupo bom que entendi que isso tem que voltar a acontecer é o legado do neto [referindo-se ao seu neto, Lucca]. É o neto que tem que viver o que eu já vivi, o que a minha filha viveu.<sup>126</sup>

E esse resgate das festividades dentro da favela veio pelas mãos das mulheres, que, como já foram citadas no item 1.2.1 desta dissertação, possuem um papel fundamental dentro da Candelária e no seio familiar, na medida em que são mantenedoras do sustento dos filhos e responsáveis pela transmissão de valores

---

<sup>124</sup> Louzada é o sobrenome de uma das primeiras famílias provenientes de Minas Gerais que habitaram o morro.

<sup>125</sup> Trecho de entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

<sup>126</sup> Idem.

para a nova geração. “Tá na mão das mulheres. Se você parar pra pensar, os maiores manifestantes somos nós: são as mulheres. Eu aqui, Deise ali, fulana lá”.<sup>127</sup>

Evidentemente que essas festividades sofreram algumas modificações e tiveram que se atualizar, como, por exemplo, tocar funk durante a festa junina. Elas, contudo, ainda são responsáveis por guardar um pouco da memória coletiva desses atores sociais.

As festas populares movimentam e resgatam lembranças e emoções e recriam algo que ficou na memória coletiva, sendo instrumentos valiosos de guarda dessa memória pois não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado, é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros. As festas são sempre as mesmas, sem nunca serem iguais, pois são resultantes do aprendizado que se dá pela interação social. Possuem dinâmica própria, transformando-se, atualizando-se, de forma lenta, fora do ritmo acelerado das expressões massivas, embora apresentem uma relação entre tradição e inovação, o que constitui um forte dinamismo, um elemento de vitalidade. (CAPONERO; LEITE; PEREZ, 2011, p. 5-6).

Como foi citado, as festas na Candelária são organizadas pelas mulheres, mas os idosos participam ativamente das comemorações. Seu Macumba é um dos mais animados dentro do grupo da terceira idade. Na última festa junina<sup>128</sup> realizada na Rua de Baixo, se vestiu a caráter: chapéu de palha, camisa xadrez, lenço vermelho no pescoço e foi o único do grupo que se animou a dançar quadrilha.

E a decoração? Como o tempo estava chuvoso há dias, os organizadores do evento decidiram cobrir todo o espaço com uma lona. Depois, foram penduradas muitas bandeirinhas coloridas e lâmpadas para garantir a iluminação. Sem contar com a montagem de um palco em que um DJ comandava o som, que tocava desde música sertaneja, forró até funk.

Percebe-se que a festa junina realizada na Candelária é uma comemoração típica de Minas Gerais, que ainda continua permeando o dia a dia desses atores sociais. Tanto que eles fazem questão de manter alguns aspectos da festividade,

---

<sup>127</sup> Idem.

<sup>128</sup> A festividade aconteceu no dia 27 de julho de 2013.

conforme bem lembra Deise Louzada. “[...] A gente faz fogueira, faz delegacia, pessoal veste roupa a caráter. A gente gosta da cultura mineira”.<sup>129</sup>

Nota-se que a comemoração é uma forma de resistência à globalização, na medida em que ela sobreviveu às tentativas de hegemonia cultural, refletindo o modo de pensar desse grupo social, sendo ainda tributárias do passado e enraizadas nos hábitos e costumes. (CAPONERO; LEITE; PEREZ, 2011, p.7).

Entre esses hábitos e costumes que regem a tradição mineira, incluem-se comer bem e ter uma mesa farta, com pratos variados, ainda mais quando é uma festa para centenas de convidados! Para não pesar, entretanto, no bolso de ninguém, no caso da festa junina, cada participante levou um pratinho de doce ou salgado, de acordo com uma listagem elaborada pela própria comunidade. “Passa uma lista, né? Coloca-se canjica, bolo, bolo de aipim, todos os tipos de comida típica no caso, algum caldo, pastel. E cada um traz o seu pratinho e assim vai”.<sup>130</sup>

Foto 6 - Mesa de doces da Festa Junina da Candelária. Fonte: Acervo da autora/2013.



---

<sup>129</sup> Trecho de entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>130</sup> Trecho de entrevista de Graça, concedida em julho de 2013.

Vale ressaltar que o item 3.3.1 deste trabalho vai apresentar a culinária da Candelária, suas peculiaridades e características tão marcantes dentro do cenário da comunidade.

Retornando, porém, ao calendário de festas promovido pelos moradores da favela, não se pode deixar de lembrar algumas comemorações importantes para esse pedaço (MAGNANI, 1996) do complexo de favelas da Mangueira. Uma delas é a festa do Dia das Mães, realizada no segundo sábado de maio, véspera da data comemorativa. Em 2013, o almoço foi no dia 11 e reuniu os idosos e famílias da comunidade. Na ocasião, prestou-se também uma homenagem às mães que faleceram. “É que a gente comemora as saudosas que não estão mais e as mães que estão aqui com seus filhos, que, graças a Deus, podem passar seu dia com eles”, comenta Deise.<sup>131</sup>

A Rua de Baixo se transformou em um salão de festas. Mesinhas de ferro foram colocadas ao longo da rua, cobertas por plásticos coloridos, um palco foi montado com caixas de som e, para a criançada, um pula-pula.

O “compartilhar” do momento festivo já começou com a arrecadação dos alimentos. Cada um contribuiu com um quilo, detalhe, de alimento perecível, que seria consumido ali mesmo, depois de pronto, durante o churrasco.

O repertório musical foi diversificado, passando por Diogo Nogueira, Seu Jorge, Quadrado de oito, samba de raiz, pagode e, claro, funk. Para as crianças, houve karaokê.

As mães da festa também concorreram ao sorteio de brindes, que foram doados pelos comerciantes da rua. Tinha coelhinho de pelúcia, *nécessaire*, perfumes “importados” e garrafinhas plásticas.

Percebe-se que as festas na Candelária representam os atores sociais que dela participam, com características bastante peculiares, que, de alguma forma, sempre remetem à origem mineira, seja por meio da comida, da música ou da própria cultura da região. “As festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos delas participa, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas exprimem”. (MAUSS, 1974, p.295).

---

<sup>131</sup> Trecho de entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

Expressão festiva que conta com a participação efetiva dos idosos da Candelária. Dona Adineva, Seu Mangueira, Macumba e Seu Rubinho – o grupo de dominó da terceira idade – não perdem uma comemoração.

Graça, passista da Mangueira e moradora da comunidade, apoia a atitude dos mais velhos. “Eu acho legal, eu acho muito bom. Tem que sair mermo [sic], tem que brincar, tem que se divertir”.<sup>132</sup>

E o calendário festivo conta também com os aniversariantes idosos, que se reúnem uma vez por mês na Rua de Baixo para celebrar mais um ano de vida. No caso de Seu Mangueira, foi a primeira comemoração em mais de sete décadas de existência. “O Seu Mangueira nunca tinha tido uma festa, nós fizemos uma festa verde e rosa, com Fluminense, que ele é Fluminense roxo, e a gente via a alegria dele, a satisfação... uma pessoa com 76 anos fazer uma primeira festa não tem preço!”, afirma Deise.<sup>133</sup>

O Natal também é um momento de confraternização do grupo de idosos com a participação de moradores da comunidade, possibilitando um fortalecimento da relação afetiva e sensível desses atores sociais. Como, entretanto, o Natal é comemorado no seio familiar, a festa é promovida antecipadamente.

O Natal, a gente faz sempre dia 23 de dezembro, que é antes, a gente faz a ceia pra poder participar com eles. Eu como não aguento, dia 24 tenho que vir aqui para ver meus velhos e trazer uma rabanada. A gente brinca, a gente senta aqui dia 24, a gente come, bebe e se despede. Dia 25 de manhã, eu tenho que retornar pra ver se tá todo mundo inteirinho e tudo direitinho.<sup>134</sup>

Independentemente do motivo, seja uma data especial como o Natal, Dia das Mães ou um aniversário, a comemoração proporciona para seus participantes não apenas uma ruptura da rotina cotidiana ou uma perspectiva nostálgica, mas também um renascimento.

A festa possibilita, assim, que visualizemos, sob um outro ângulo, o espetáculo plurívoco do elo “societal”, sobretudo no que tange à acentuação do afetivo e do sensível. O estudo da festa permite redimensionar essa discussão à medida que, sendo um “fenômeno vindo do fundo da tradição”,

---

<sup>132</sup> Trecho de entrevista de Graça, concedida em julho de 2013.

<sup>133</sup> Trecho de entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>134</sup> Trecho da entrevista de Deise Louzada, concedida em maio de 2013.

e que, em relação à Contemporaneidade mais imediata, possa parecer alguma forma de arcaísmo, de sobrevivência, de nostalgia, ou até mesmo de atraso, é, no entanto, vivida, por aqueles que dela participam, como explosão de vida, como revigoramento e, portanto, como uma espécie de renascimento, pleno de atualidade, de inovação, de ruptura. Para quem participa dela, a festa não tem idade, é sempre atual. (PEREZ, 2002, p.53).

Pode-se perceber que, ao discorrer sobre as festas promovidas pela comunidade, um item é de suma importância: a comida. Evidentemente que em qualquer celebração esse é um quesito fundamental, mas, em se tratando de Candelária, ele é prioridade número um. Afinal, é necessário receber bem, com muita fartura e com pratos e combinações típicas. A seguir, será apresentada essa culinária morraica, cheia de sabores e cheiros de abrir o apetite.

#### 4.3.1 A culinária morraica

Nota-se que o pessoal da Candelária é festeiro, que se reúne em datas importantes ou até mesmo sem uma razão especial; basta ter uma partida de futebol na televisão que já é motivo para se confraternizar e comer... Mas não é qualquer prato que agrada não. A gastronomia, os temperos têm uma pitada originalmente mineira.

Somos muito de comidas de Minas; aqui a comunidade é muito viciada em galinha, quiabo, carne de porco, e a gente gosta das festas juninas, das cachaças. As pessoas daqui, no Sete de Setembro, vão para São João, para Barra de São João, traz [sic] cachaça branca, traz [sic] torresmo, traz [sic] muita coisa.<sup>135</sup>

A culinária morraica, ou seja, a arte de cozinhar na Candelária tem características bastante peculiares e interessantes de se observar. Ao serem perguntados sobre a comida que não pode faltar nas comemorações, os moradores já têm a resposta na ponta da língua. “Churrasco, churrasco, churrasco. Tem o pagode, tem o churrasco”.<sup>136</sup>

---

<sup>135</sup> Trecho da entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>136</sup> Trecho da entrevista de Nem, concedida em abril de 2013.

Dona Adineva, que não perde uma festa na comunidade, confirma o prato principal e ainda dá dica de uma segunda opção do cardápio Candelariense. “Nós faz [sic] muito churrasco. Não pode faltar. Sempre nas nossas festa [sic] faz [sic] churrasco, churrasco, feijoada, isso tudo eles faz [sic]”.<sup>137</sup>

Uma das organizadoras das reuniões na Rua de Baixo também comprova que o churrasco é o “rei” das confraternizações dentro da comunidade. Segundo Deise, o pessoal se reúne, faz um rateio e “queima” uma carne.

É, aqui nós gostamos muito de fazer churrasco. Tudo aqui termina em churrasco; às vezes, é um futebol que a gente tá assistindo 'vamo [sic] fazer um churrasco!'. Aí cada um colabora com 5, 10 reais e vai no supermercado, no açougue e faz o churrasco. A gente adora um churrasquinho.<sup>138</sup>

Reunir amigos e parentes para um churrasco não é uma atitude exclusiva do pessoal da Candelária; o carioca e o brasileiro, de uma maneira geral, já tem esse costume. Há, no entanto, algumas adaptações e peculiaridades no cardápio da comunidade, como colocar na grelha fígado de boi e outras iguarias. “A gente não faz o churrasco aqui sem uma carne de porco, uma lingüicinha de porco, um torresminho, um feijão tropeiro; a gente gosta muito mesmo dessa comida. É bem mineirinho, mineirinho gosta mais dessas coisas”.<sup>139</sup>

Comida cheirosa, bem temperada, de dar água na boca... Não precisa ser em dia de festa não. Ao circular pelos becos da Candelária na hora do almoço, é possível sentir esse aroma de abrir o apetite até dos mais exigentes.

O prazer de cozinhar e de receber bem faz parte da tradição dessa comunidade. Deise, além de anfitriã das festas, é considerada uma cozinheira de mão cheia pelos moradores da favela. Ela não revela as receitas, mas o segredo da boa culinária está prestes a ser descoberto.

Todo mundo fala que eu cozinho igual à minha avó. A minha vó gostava muito de tempero. [...] A minha avó sempre gostou de feijão com muita carne e eu sou assim, adoro feijão com carne, bem pesado, uma

---

<sup>137</sup> Trecho da entrevista de Dona Adineva, realizada em abril de 2013.

<sup>138</sup> Trecho de entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>139</sup> Idem.

minifeijoada, bem carregada. Na casa da minha avó, tinha aquele cheiro de comida gostosa. Todos falam que eu pareço muito com a minha avó.<sup>140</sup>

Tradição da culinária que passou de geração em geração e que ainda permanece na maneira peculiar de preparar os alimentos, de combinar os ingredientes e de transformar uma simples refeição em um belo banquete.

Pode-se perceber que uma das diversões dentro da comunidade é comer. Seu Macumba, do grupo de dominó dos idosos, é um dos adeptos da iniciativa. Ele, como se diz popularmente, é um “bom garfo”, mas nada de alimentação balanceada, sem gordura ou com pouco sal. Ele é partidário de pratos que dão sustância, ou seja, que proporcionam energia e vigor. “Velho gosta muito de comer, né? [O que o senhor gosta de comer?] Eu? Rabada, mocotó, feijoada... Só coisa braba mesmo. Adoro, adoro mesmo”.<sup>141</sup>

Se a comida, porém, é um dos motivos da sociabilidade dentro da Candelária, uma pergunta surge por parte desta pesquisadora. De onde vêm esses alimentos? O questionamento é válido, porque, dentro da Candelária, não há supermercado ou açougue, apenas pequenas mercearias, bares e uma padaria na Rua de Baixo. Ao serem perguntados, os moradores disseram que precisam sair da comunidade para fazer as compras mais pesadas, como arroz, feijão, ou seja, os alimentos necessários para abastecer a despensa de uma casa. O mercado mais próximo fica perto da estação de trem da Mangueira, na Rua Visconde de Niterói, quase chegando à quadra da escola de samba.

Dona Adineva, que possui problemas de visão e é diabética, conta com a ajuda da filha para fazer as compras de supermercado e só adquire produtos dentro da favela quando algum item acaba. A idosa é adepta dessa prática, mas só paga a conta quando recebe a aposentadoria.

Eu compro aqui fiado com o Macumba, eu compro na padaria. Eu só compro um quilo de açúcar, manteiga, isso tudo eu compro ali na padaria. Faltou, aí eu compro ali. Ah, aqui todo mundo compra lá fora. As coisa [sic] é [sic] muito cara [sic] de comer aqui. O açúcar é 4 reais e tanto, muito caro.<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Trecho da entrevista de Seu Macumba, realizada em junho de 2013.

<sup>142</sup> Trecho da entrevista de Dona Adineva, realizada em setembro de 2013.



Seu Rubinho também prefere fazer as compras de mês fora da comunidade, mesmo tendo que pagar pelo transporte. “Não, não entrega não. A gente deixa as bolsa [sic] lá, aí pega um carro. Eu faço mais na Cancela, em São Cristóvão. Aí, quando eu venho de carro, ele me deixa ali, aí dá 12, 15 reais de frete”.<sup>143</sup>

Ainda segundo Seu Rubinho, alguns vizinhos vão mais longe para comprar os mantimentos.

Vai no mercado Guanabara, na Maxwell e tem outro na Suburbana, lá em cima. O ônibus deixa na porta, certo? E tem o Mundial também, que é do lado de lá, Mariz e Barros ali, muita gente faz compra lá também. Quem faz compra por mês igual eu faço, vai lá [...]. Aí compra tudo, bota dentro do carro e traz.<sup>144</sup>

De táxi, de ônibus, de van, parece que pouco importa para os moradores da Candelária o tipo de transporte que será utilizado, o que interessa mesmo é garantir uma mesa farta e, de preferência, com pratos recheados de temperos e de lembranças da culinária mineira.

---

<sup>143</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, concedida em setembro de 2013.

<sup>144</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, vimos como uma região tão próxima a um dos cartões postais do Rio de Janeiro, o Maracanã, pode ter tantas peculiaridades e características singulares. A começar pelo tempo que, diferentemente da agitação e da correria de ruas e vias expressas da cidade do Rio de Janeiro, possui um ritmo mais lento. Isso, porém, não significa dizer que seja enfadonho ou entediante, muito pelo contrário.

Tempo que se mescla com as tecnologias da comunicação levadas pelas novas gerações, mas que não são assimiladas pela maioria dos idosos que vive na comunidade e, muito menos, ofuscam as relações afetuosas.

Ao entrar na Candelária, é possível perceber que estamos em uma comunidade. Parafraseando uma de nossas entrevistadas, a comerciante Tuca, em uma “comum unidade”, ou seja, em uma grande família, em que as pessoas se ajudam, seja para tomar conta do filho do vizinho enquanto a mãe sai para trabalhar, seja para comprar um botijão de gás para um conhecido que passa por dificuldades financeiras ou simplesmente para comemorar um aniversário entre amigos no meio da rua. Não importa o motivo, esse espírito solidário paira na atmosfera do morro. É uma família ampliada (MAFFESOLI, 2010), formada com base em laços emocionais comuns na contemporaneidade. Nesse contexto, a comunidade é o resultado de um processo de integração cujo fundamento do grupo é um sentimento de pertencimento experimentado pelos participantes em que a motivação se baseia em ligações afetivas.

Essa solidariedade entre os moradores, uma prática comum dentro da Candelária, não é percebida em outras partes da cidade em que as pessoas se concentram, na maioria das vezes, em seus afazeres cotidianos, seus problemas e nem sequer conhecem o vizinho que mora bem ao lado.

Notamos também que a maioria dos entrevistados tem um imenso orgulho de morar nessa comunidade e, mesmo se ganhassem um prêmio milionário, não sairiam do morro. Evidentemente que fariam reformas, ampliariam as casas, mas ali mesmo dentro da Candelária.

Nessa família comunitária, há a presença efetiva das mulheres como microempresárias ou como lideranças em projetos sociais. A questão matriarcal é muito forte dentro do morro, em que a mulher é a provedora e a referência familiar

em muitos lares. Portanto, ao pesquisar a história da Candelária, essa característica tão marcante, que foi descoberta durante a investigação, não poderia ser deixada de lado.

Vale ressaltar que o estudo considerou os moradores como fontes de informação, porque, para nós, eles são os principais narradores dessa localidade, independentemente de registros históricos oficiais. Conforme bem lembra Beatriz Sarlo (2007), a história oral é reconhecida pela academia, que “há muitas décadas, considera totalmente legítimas as fontes testemunhais orais”.

Foram esses relatos orais, múltiplos, harmônicos, discordantes, que apresentaram as “memórias” desse lugar, suas histórias miúdas, seus becos, seus “causos” engraçados e pitorescos que compõem as lembranças dos moradores da comunidade.

Ficou claro, durante o nosso trabalho, que não fazia parte dos costumes dos mais antigos fotografar ou registrar, por meio da escrita, momentos importantes da história da comunidade, como foi o caso da fábrica de cerâmica, uma das responsáveis pela vinda dos primeiros migrantes provenientes de Minas Gerais, os quais trouxeram na bagagem raízes culturais que permanecem até hoje no cotidiano da comunidade. No entanto, apesar da importância dessa indústria no cenário local, não encontramos, por meio de nossos entrevistados, imagens ou escritos sobre a época de sua construção, funcionamento ou encerramento das atividades.

Percebemos, contudo, que a memória individual dos moradores mais idosos foi uma brecha (DE CERTEAU, 1994), uma alternativa fundamental, para tentarmos compreender o surgimento da comunidade. Esse lugar (SANTOS, 2009), chamado Candelária, que abriga manifestações espontâneas, está associado ao afeto, cria vínculos emocionais, sendo defendido e valorizado (TUAN, 1983) por seus habitantes.

A descoberta da história da Candelária foi possível também por meio dos lugares de memória. Além da fábrica de cerâmica, o cemitério dos cachorros, que ficava no alto do morro, proporcionou, para nossa dissertação, histórias miúdas muito divertidas, como romances em mausoléus, aparições estranhas em meio a uma madrugada nebulosa, entre tantas outras narrativas.

Percebemos como essas memórias são flutuantes, em flashes, como imagens embaçadas, imprecisas e subjetivas (MONS, 2013). Portanto, consideramos que seria improvável que a história oficial da comunidade, como

ferramenta de investigação, proporcionasse acesso a informações tão peculiares e interessantes sobre a localidade.

Pudemos notar também o reconhecimento e a homenagem dos moradores pelos mais velhos, ao nomear os becos e travessas do morro: Becos do Tempero, do Seu Aníbal, Travessa Saide e tantos outros. As referências territoriais dentro da comunidade se inscrevem de forma afetiva e são cheias de lembranças.

E por falar em lembranças, a origem mineira é uma delas em que os narradores da Candelária fazem questão de mantê-la viva, presente, marcante em vários momentos da comunidade, como nas confraternizações, na culinária composta por pratos típicos da região em que não podem faltar carne de porco e fígado de boi em um churrasco, por exemplo. Verificamos que, para os moradores, independentemente de faixa etária, é um orgulho manter essa tradição que percorre várias gerações dentro da Candelária.

Os entrevistados, inclusive, se sentem “diferentes” em relação às outras partes do morro, em função da cultura, da educação, da valorização da instituição familiar, do estilo de vida, sendo a Candelária chamada de “zona sul da Mangueira”.

Entre essas tradições mineiras, a Folia de Reis Sagrada Família chamou-nos particularmente a atenção. Essa manifestação folclórica de cunho religioso ainda permanece no cotidiano da comunidade, mas de uma forma “tímida” se comparada à época de seu surgimento. Houve a necessidade de adaptações e atualizações para que ela se mantivesse “viva” dentro da comunidade. Esse movimento é chamado por alguns autores de cultura tradicionalista (MACIEL, 2004). Vale ressaltar, entretanto, que a cultura mineira permanece enraizada, defendida e ovacionada pelos moradores.

Em meio às festas, às peregrinações da Folia de Reis, há a presença de idosos que participam do dia a dia do morro, das conversas, das partidas de dominó na Rua Graciete Matarazzo, bem em frente à vendinha de Seu Macumba, também integrante do grupo da terceira idade. Não é à toa que aquele pedaço (MAGNANI, 1996) é chamado de *point* dos idosos, sendo o jogo de dominó o responsável pela criação de um espaço relacional, vivo, de interação sociocultural entre os moradores, independentemente de faixa etária, de escolaridade, de gostos. Isso significa dizer que houve uma apropriação, uma ressignificação e uma modificação do uso e dos costumes (DE CERTEAU, 1994) daquela parte do morro.

Observamos que há certo conflito entre alguns idosos e as gerações mais jovens em relação ao jogo de dominó, porque alguns integrantes mais velhos acreditam que aquele território deva ser único e exclusivamente ocupado por maiores de 60 anos. No entanto há outros idosos que possuem uma postura mais apaziguadora, sendo intermediários dos interesses de ambas as partes. Esse é o caso de Seu Rubinho, que não se incomoda com a presença de adolescentes e jovens durante as brincadeiras; muito pelo contrário, inclusive defende a participação de representantes das novas gerações no jogo.

Até porque são nesses momentos de descontração em meio a uma rodada de dominó que ocorre a troca de experiências em que os mais velhos transmitem valores e costumes para os jovens, ao passo que as novas gerações trazem “novidades”, sejam relacionadas às tecnologias da comunicação, como novos modelos de celulares, *tablets* ou ritmos musicais. Mesmo que essas inovações não sejam incorporadas ao cotidiano dos mais velhos, é uma oportunidade de acesso a essas informações que circulam fora da comunidade e que os idosos não teriam conhecimento se não fossem trazidas pelos jovens moradores.

Percebemos, contudo, pelos relatos dos moradores, que houve uma mudança no comportamento dos mais jovens em relação aos idosos. Em tempos passados, os veteranos eram consultados antes de ser tomada qualquer decisão dentro da comunidade, até mesmo para a realização de uma festa. Atualmente, eles são convidados e só dão opinião depois que todas as providências já foram tomadas.

Consideramos, todavia, que os idosos da Candelária são uma referência comunitária e podem ser considerados um repositório de memória dentro da favela. Simplesmente porque eles são os principais narradores da comunidade, é por meio de seus relatos e, às vezes de seus esquecimentos, de seus silêncios, que se toma conhecimento das histórias, dos costumes e das tradições dessa comunidade. Essas histórias não foram escritas, registradas, ao não ser na mente desses guardiões de memórias.

É importante acrescentar que, nesses seis meses de pesquisa dentro da Candelária, de abril a outubro de 2013, fomos acolhidos por pessoas que nem sequer nos conheciam. Ainda assim, abriam as portas de suas casas, lembraram momentos alegres, tristes de suas vidas e não mediram esforços para nos agradar. Cada um do seu jeito, uns mais tímidos, outros mais “intensos”, mas todos que concordaram em participar deste estudo foram fundamentais para a construção

deste trabalho acadêmico, como também na elaboração do documentário que foi gravado dentro da comunidade.

É importante destacar que esta pesquisa é apenas um fragmento desse caleidoscópio cultural chamado Candelária. Um acervo de informações foi guardado para investigações futuras, como também curiosidades foram despertadas, na medida em que começamos a nos familiarizar com o cotidiano da comunidade tão diferente daquele a que estamos acostumados.

Há um universo muito rico ainda por ser explorado na Candelária. Podemos citar vários exemplos, entre eles, a questão das iniciativas culturais promovidas por integrantes da comunidade, como é o caso do pagode que acontece todos os domingos e que apresenta grupos de cantores formados por moradores, o lazer dentro da comunidade, a religião, um estudo aprofundado sobre as festas comunitárias e sobre a Folia de Reis.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ASSOCIAÇÃO MENINAS E MULHERES DO MORRO. Disponível em: <<http://www.meninasemulheresdomorro.org.br>>. Acesso em: maio 2013.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAIANO e Os Novos Caetanos. Disponível em: <<http://www.lettras.mus.br/baiano-os-novos-caetanos/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

BARBÉRO, M.; GERMÁN, R. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

BARBOSA, Marialva. *Percursos do olhar: Comunicação, narrativa e memória*. Niterói: EdUFF, 2007.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2006.

CAPONERO, M. C.; LEITE, E.; PEREZ, S. Festas populares: O negro e o branco como construtores do patrimônio imaterial. In: Simpósio Nacional de História, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, julho 2011.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. [S. l.]: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

DAMASCENO, Natanael; SCHMIDT, Selma. A força das mulheres da cidade. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.oglobo.com/rio/a-forca-das-mulheres-da-cidade-8708999>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

- \_\_\_\_\_. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DOSSE, François. *A História em Migalhas dos Annales à Nova História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- DUARTE, J.; BARROS, A. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- DUBY, Georges. *A História contínua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.
- DURKHEIM, Émile. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1985.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz T. (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os Estudos Culturais*. In: HOHLFELDT, A; MARTINO, L; FRANÇA, V. *Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Mini Aurélio Século XXI Escolar*. o minidicionário da língua portuguesa. 4.ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 790p.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1925.
- HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Presença, 1973.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. 2. ed, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano:2000.
- \_\_\_\_\_. Resistência à memória: os usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virginia. *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005.
- LEFEBVRE, H. *La Production de l'Espace*. Paris: Anthropos. 1986.



LE GOFF, J.; TRUONG, N. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LENCLUB, Gerard. "La tradition n'est plus ce qu'elle était..." *Terrain*, n. 9, p.110, out. 1987.

LÜBBE, Hermann. *A sensibilidade temporal: para uma filosofia cultural do progresso*. Graz, Viena e Colônia: Verlag Styria, 1983.

MACIEL, Maria Eunice. *Memória, Tradição e Tradicionalismo no Rio Grande do Sul*. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.) *Memória e (Res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Unicamp, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Conhecimento comum*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. *O espaço da memória*. In: SCHÜLER, Fernando; AXT, Gunter; SILVA, Juremir Machado da. (org.). *Fronteiras do pensamento: retratos de um mundo complexo*. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

MAGNANI, J. G. C.; Torres, L. de L. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca. (org.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme. *Festa no Pedacço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAIA, J.; KRAPP, J. *Comunicação e comunidade: novas perspectivas das sociabilidades urbanas*. In: FREITAS, Ricardo; NACIF, Rafael. (org.). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

MAIA, J.; BIANCHI, E. *Réveillon de Copacabana: territorialidades temporárias*. In: FERNANDES, Cíntia; MAIA, João; HERSCHMANN, Micael. (org.). *Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. São Paulo: Anadarco, 2012.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, V.II, 1974.

MONS, Alain. *Les Lieux du Sensible. Villes, hommes, images*. Paris, CNRS, 2013.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. *Ser mulher na Idade Média*. Textos de História, V. 5, n 1, 1997, p.82-91.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris. Gallimard, 1984.

PEREZ, Léa Freitas. *Antropologia das efervescências coletivas*. In: COELHO, A. C. et al. *A Festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PERUZZO, Cicilia. *Observação participante e pesquisa-ação*. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. *REVISTA DO 20*, Belo Horizonte, p. 60-66, 1990.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: \_\_\_\_\_. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

ROUSSO, Henry. Le statut de l'oubli. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. *Pourquoi se souvenir?* Paris: Bernard Grasset, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Toward a new common sense: law, Science and politics in the Paradigmatic transition*. Nova Iorque: Routledge, 1995.

\_\_\_\_\_. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2002.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico- Científico –Informacional*. 5. Ed. São Paulo: Ed.Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tempo Presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SEIXAS, Jacy Alves de. *Percursos de memórias em terras de história: Problemáticas atuais*. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.) *Memória e (Res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Unicamp, 2004.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: DEL PRIORE, Mary, História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVANCAS, Isabel. *Fazendo etnografia no mundo da comunicação*. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

TUAN, Yi- Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, Difel, 1983.

WEBER, Max. *Conceitos e categorias de cidade*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

## APÊNDICE A – Diários de Campo

Foram seis meses de pesquisa dentro da Candelária. Acompanhamos festas, o dia a dia da comunidade, o jogo de dominó dos idosos, conhecemos, por meio das histórias orais desses moradores, um pouco da história da comunidade e da própria vida deles. Como nos divertimos em fazer esse trabalho! Cada “causo”.... Os mais importantes foram retratados nesta dissertação. Mas é um universo muito rico e fascinante que possui ainda muitos assuntos a serem estudados!

Surpreendemo-nos ao perceber a facilidade e a tranquilidade que os idosos tiveram de conversar em frente às câmeras, utilizando microfones; em alguns casos, houve o uso de luz artificial. Detalhe: nenhum deles está acostumado com tecnologia, nada de computadores ou celulares, quanto mais ficar frente a frente a uma câmera profissional.

Acreditamos que essa tranquilidade tem uma explicação: confiança. Confiança que vem sendo conquistada desde 2004, quando o pesquisador João Maia decidiu conhecer melhor essa comunidade.

Evidentemente que foi necessário explicar os motivos do documentário, elaborado pelo grupo de pesquisa CAC do PPGCOM/UERJ, do qual faço parte, que pretende contar a história da Candelária pelo olhar dos moradores, sem necessariamente ter que abordar aspectos da história oficial. É o relato da comunidade que vai proporcionar o encontro de vestígios, de rastros de memória desse lugar.

Durante o trabalho etnográfico para esta dissertação, foram realizadas vinte entrevistas com moradores, nem todos idosos, além da filmagem de momentos festivos dentro da comunidade.

Como não seria viável relatar todos esses encontros e nossas impressões, decidimos optar, como exemplos de diários de campo, três momentos durante a pesquisa: o nosso primeiro contato com os idosos e registros de festas dentro da Candelária, como o churrasco dos sem mãe e a festa de confraternização das Folias de Reis.

## APÊNDICE B – Primeira conversa com os idosos

Terça-feira, 16 de abril de 2013. Essa data vai ficar para a história de minha dissertação. Liguei para Kely, antes de sair de casa, para saber se poderia ir com tranquilidade. Depois de receber o sinal verde, fui até o ponto de ônibus, peguei o 622 e segui para a Uerj. Lá chegando, peguei um táxi que saía da universidade e segui para a Mangueira.

Antes de chegar à ONG Meninas e Mulheres do Morro, encontrei, na entrada do beco, um carro da Litorânea e vários funcionários da Light pendurados em postes, fazendo modificações na instalação e colocando novos relógios, a época do gato já faz parte do passado.

Lembrei-me imediatamente do documentário *Acende a Luz*, que faz parte do projeto *5 vezes favela agora por nós mesmos*. Nesse curta-metragem, baseado em fatos reais, moradores da comunidade do Vidigal ficaram sem luz na véspera do Natal de 2008. Com isso, um técnico da concessionária de energia ficou horas pendurado em postes para solucionar o problema. Creio que, por isso, houve a associação entre as duas situações.

Na hora marcada, às 14 h, entrei na associação. Kely estava fazendo um planejamento de atividades e me recebeu com um sorriso. Logo depois, fomos em busca de meus entrevistados. Nesse primeiro momento, não iniciei a filmagem do documentário; os registros das entrevistas foram feitos com o meu gravador. Não começamos o trabalho, porque ainda não era um momento propício para entrar com câmeras na comunidade, em função da presença de policiais do BOPE. Eles estavam ali por causa de denúncias envolvendo policiais da Unidade de Polícia Pacificadora que estariam recebendo propina de traficantes do morro para facilitar a venda de drogas.

Segui o conselho de meu orientador João Maia, para que desse andamento à minha pesquisa independentemente do documentário.

Fomos à procura de Seu Macumba, dono de uma vendinha que fica na Rua Graciete Matarazzo, mais conhecida pelos moradores como a Rua de Baixo, espaço onde se concentra o comércio, o posto comunitário de saúde, a padaria, uma igreja evangélica que tocava louvores em um som altíssimo, a Igreja Nossa Senhora da Candelária, a única creche da comunidade, o Bar da Tuca, a Lojinha da Branca, que

tem de tudo um pouco, desde brinquedos, artigos de papelaria, roupas, maquiagem e acessórios.

Seu Macumba, nascido e criado dentro da comunidade, estava almoçando. Deixamos recado com a esposa dele, Dona Neuza, que tomava conta do estabelecimento. Pedimos que ele fosse nos procurar na ONG depois que terminasse a refeição.

Para não perder tempo, decidimos começar nossa pesquisa de campo pela Nem<sup>145</sup>, de 51 anos, que trabalha no bazar da ONG. Nosso bate-papo durou quase uma hora, tratando sua história desde a infância, adolescência, casos contados pela mãe, Tia Marlene, seu amor pela Candelária, pela comunidade, suas histórias tristes, suas conquistas. Foi uma conversa descontraída e proveitosa em meio a paradas para a venda de peças de roupas do bazar. Ah, me esqueci de explicar: o bazar da ONG recebe doações da C&A – peças com pequenos defeitos e de troca de estação. As peças são vendidas a preços simbólicos, e o dinheiro arrecadado é revertido para a associação.

Obtive muitas informações sobre a Candelária, a Mangueira, o modo de viver dentro da favela, causos, histórias da infância de Nem. Foi uma experiência muito bacana. Mas sabe o que me chamou a atenção? As pessoas na Candelária não têm o hábito de guardar fotos antigas, da infância, álbuns de família. Nem disse que não têm registros de sua infância, que, naquela época, não existia o hábito de fotografar e que, possivelmente, sua mãe, conhecida como Tia Marlene na comunidade, possa ter alguma imagem daquela época.

Em seguida, voltamos à Rua de Baixo, para encontrar com o seu Macumba. Quando chegamos lá, a surpresa: ele estava dormindo! Como o bar dele fica aberto até altas horas da madrugada, seu Macumba foi tirar uma pestana, e a conversa que estava marcada para hoje teve que ficar para outro dia.

Foi quando encontrei o que tanto procurava: praticamente em frente à vendinha do Macumba, uma mesinha com dois idosos e dois rapazes disputando uma partida de dominó. Quase em frente, sentada em um banco de madeira, estava Deise, prima de Kely. Fui apresentada a ela, e logo começamos a conversar. Deise promove, há cerca de um ano, atividades para os idosos da Candelária. “Primeiro

---

<sup>145</sup> Nem é apelido de infância; seu nome de batismo é Cremilda, mas ela não gosta nem um pouco de ser chamada dessa forma.

começamos com quatro idosos, agora são muitos. Promovemos almoços uma vez por mês, festas e o jogo de dominó todos os dias,” comenta.

Ao ser entrevistada, Deise, conhecida como Branca dentro da Candelária, contou sobre sua infância e se emocionou ao comentar sobre o seu relacionamento com seus avós já falecidos. “Eles eram tudo pra mim. É um vazio que não tampa,” relembrou.

Segundo ela, esses idosos fazem lembrá-la dos avós, principalmente Seu Rubinho, pela altura e pelo tipo físico. Nesse momento, Branca me convidou para a festa dos aniversariantes do mês, mas a data ainda não estava marcada, porque dependia do conserto de um esgoto que jorrava no meio da rua. Enquanto o problema não fosse resolvido, não seria possível fazer a comemoração.

Branca aproveitou para apresentar os idosos que participam do jogo de dominó diariamente: Seu Mangueira, Dona Adineva e Seu Rubinho, os três disputavam espaço para participar das rodadas. Dona Adineva, de 77 anos, foi uma querida; confesso que fiquei muito emocionada ao estar tão próxima de meu objeto de estudo.

Comecei a entrevistá-la, utilizando o gravador. Dona Adineva – é esse nome mesmo, Adineva, que, como ela sempre gosta de dizer, é Avenida ao contrário – ficou bastante à vontade; parecia que éramos antigas conhecidas. Ela contou histórias sobre o início dos tempos da Candelária, sua infância, juventude, o trabalho na fábrica de cerâmica, sobre histórias antigas. Foram 30 minutos muito produtivos.

Depois de tantas emoções, saí da Candelária, flutuando e feliz. Consegui me aproximar do meu objeto de pesquisa: tão rico, fascinante e vivo. Realmente, este dia vai ficar para a história não só da minha dissertação, mas também para a história de minha vida.

## APÊNDICE C – Festa dos sem mãe

Sábado, 11 de maio de 2013. Desde as primeiras entrevistas que fiz sozinha até o início da gravação do documentário, houve um período longo de espera. Na verdade, quem faz etnografia depende do outro, da disponibilidade dele e, nesse caso específico, dependia também do conserto do vazamento do esgoto para a realização da festa. Até tentei retornar para continuar a pesquisa antes da confraternização, mas não foi possível. Mesmo assim, durante esse período, mantive contato semanal com os meus anjos da guarda: Kely e Deise.

Quando marcaram a data da confraternização, dia 11/05/2013, foi uma grande alegria para mim e para as meninas do CAC, Carla Helal e Cris Carvalho, que também estavam ansiosas para começar a filmagem. Finalmente, chegou o grande dia.

O nosso ponto de encontro estava marcado: meio dia no CAC, na UERJ. Carla Helal, Guto Lacerda e eu pegamos todo o material (câmeras, microfones, baterias, fones, fios, adaptadores). Tomamos um táxi na porta da Universidade e seguimos para a Candelária. Lá, nos encontramos com a Cris. Era a primeira gravação do documentário. Nem acredito!!

Vamos acompanhar um churrasco para comemorar o aniversário dos idosos dos meses de abril e maio e também antecipar a festividade do Dia das Mães para quem não tem mais a sua por perto: eles dizem que é a festa dos sem mãe.

Ao entrar na Rua de Baixo, encontramos logo a Deise, responsável pela organização do evento. Ela nos recebeu com um sorriso. Já estava montado um pula-pula para as crianças, o palco posicionado, caixas de som instaladas, as mesinhas de ferro espalhadas pela rua, cobertas por plásticos, alguns deles com bolinhas vermelhas.

Nosso “QG” foi a loja da Branca, ali mesmo na rua. Chegou a tão esperada hora de começar a filmar o documentário sobre as memórias, os rastros de lembranças dos moradores mais antigos da Candelária.

A captação das imagens começou desde o momento dos preparativos do churrasco, da montagem do som, do ir e vir das pessoas chegando para a festa, que não se resumia aos idosos; pessoas de todas as idades vieram participar da confraternização.



O “compartilhar” do momento festivo já começa com a arrecadação dos alimentos. Cada um contribuiu com um quilo, detalhe, de alimento perecível – é isso mesmo –, que seria consumido ali mesmo, depois de pronto, durante o churrasco. Podia ser carne, frango, linguiça... Levei um quilo de drumete.

Branca e outras moradoras prepararam em casa o arroz, a farofa, maionese, macarrone, para agilizar o almoço.

Quando cheguei, os idosos que iríamos pesquisar já estavam na festa: Seu Macumba, Dona Adineva, Seu Mangueira e Seu Rubinho. Fui recebida carinhosamente por eles. Era o segundo contato que tinha e fiquei feliz pela forma com que fui acolhida.

Antes de o churrasco ser servido, eles passaram o tempo jogando dominó. Tive a oportunidade de conhecer outros idosos que participavam da brincadeira: Seu Zé Maria, Zé Gari ...

Registramos esse momento importante no dia a dia desses idosos, em que eles se reúnem. O jogo é uma oportunidade desse compartilhar comunitário.

Não demorou muito, e o almoço foi logo servido. No churrasco, além da carne e da linguiça, tinha fígado e carré. Nunca tinha visto esses acompanhamentos antes.

Conseguimos pegar o depoimento de Branca, em meio à fumaça da churrasqueira. Detalhe, tudo se transforma na Candelária. Uma casa em obra, sem telhado, apenas com algumas paredes escoradas por madeiras virou uma churrasqueira a céu aberto. Que fantástico!

E a rua? Transformou-se em um salão de festas. Lembra que comentei que havia um palco com caixas de som? Pois é. Lá tocou Diogo Nogueira, Seu Jorge, Quadrado de oito, samba de raiz, pagode e, claro, funk.

Ah, depois teve karaokê das crianças. E as crianças? Ficaram doidas com a câmera e não deram trégua à Cris; queriam dançar, cantar e ser filmadas o tempo todo.

Foi um ótimo momento para me aproximar das pessoas da comunidade, conversar e buscar outras personagens que iriam ajudar a construir a minha dissertação. Kely, meu anjo da guarda, indicou alguns nomes: o Leo, sobrinho da Tia Lena, Zé Gari, Zé Maria, Graça, passista da Mangueira e mulata do Bole Bole.

Sem contar com as pessoas com que conversei sobre a ideia do documentário: tentar resgatar histórias miúdas, os rastros de lembranças construídos com base nos relatos dos próprios moradores da Candelária, desde os

mais antigos até os mais novos. Frisei sempre que nosso objetivo não era falar sobre violência, tráfico de drogas ou implantação da UPP na comunidade, mas um momento de falar de histórias boas, lembranças...

Percebi que a receptividade foi muito boa por parte dos moradores. Claro que essa construção de confiança veio de uma parceria antiga, desde 2004. O meu orientador João Maia conhece a Kely desde essa época e vem realizando, ao longo desses 10 anos, estudos dentro da Candelária. Essa parceria foi importantíssima para agilizar a minha entrada no campo. Sem ela, tudo seria bem mais complicado.

O tempo foi passando e, depois de o churrasco comer solto, e com umas cervejas a mais, Seu Macumba começou a dançar funk. Isso mesmo, funk, com Rosana, sobrinha de Dona Adineva, mais conhecida como Xepa e famosa por suas fantasias ousadas no Carnaval. Neste ano, ela saiu de diabinha!!

As mães da festa também concorreram ao sorteio de brindes, que foram doados pelos comerciantes da rua. Tinha coelhinho de pelúcia, nécessaire, perfumes “importados”, garrafinhas plásticas. E não é que Carla Helal foi sorteada e levou pra casa um nécessaire?

Brincadeiras à parte, fiquei muito à vontade na confraternização. Depois de muitas conversas com os moradores, pude perceber claramente como há um cenário rico e interessante para ser estudado, tendo sempre como preocupação deixar que eles conduzam e construam a minha pesquisa... É o momento de esquecer as respostas precisas e, mais do que fazer as perguntas certas, o importante é saber ouvir, perceber, nas histórias, nas pausas, nas entrelinhas, o universo rico e fascinante dessa comunidade.

## APÊNDICE D – Festa das Folias de Reis

Sábado, 25 de maio de 2013. Hoje, vamos acompanhar a Festa da Folia de Reis, promovida pelo grupo da Sagrada Família da Mangueira, organizada pelo Hevalcy, mais conhecido como o Primo Mestre. A confraternização será no antigo prédio da Alcoa, uma fábrica de alumínio desativada, que fica ao lado da estação de trem. Eles vão receber grupos de Folias de outras partes do estado do Rio de Janeiro.

A festa estava marcada para começar às 21 horas, mas chegamos às 20 horas, para registrar os preparativos. Naldo, marido de Kely, já aguardava na calçada, quando Guto e eu chegamos de táxi. Ele nos levou até ao local onde os integrantes da folia estavam reunidos. Logo depois, Kely apareceu. Eu me apresentei ao Primo Mestre, responsável pela Sagrada Família, falei sobre a proposta do documentário e de minha dissertação e que gostaríamos de fazer uma entrevista com ele em outra oportunidade. Ele concordou, disse que poderíamos filmar, fotografar, mas pediu que o momento da oração não fosse registrado e solicitou também uma cópia do material filmado. Concordamos com os pedidos e conversamos mais um pouco.

Com relação à folia, Hevalcy contou que apenas cinco casas da comunidade da Mangueira abriram as portas para recebê-los em 2013. Primo Mestre comentou ainda que, no ano de 2000, quando ele reiniciou o trabalho da Folia, eles visitaram 40 casas. Perguntei o motivo dessa pequena participação da comunidade. Ele afirmou que acredita que seja em função do grande número de igrejas evangélicas que se instalaram na região. Comentou também que as pessoas perguntam sempre: “Hevalcy, cadê a Folia? Mas as pessoas mesmo não abrem as portas para receber a folia”, comentou.

Primo Mestre disse ainda que, atualmente, a Folia da Sagrada Família é composta por 25 componentes. Percebi que só havia três mulheres, uma delas, a esposa de Hevalcy, Eliane, que carregava a bandeira, símbolo principal da folia.

Depois da troca de telefones, Hevalcy continuou com o andamento dos preparativos para iniciar a festa, enquanto que Guto e eu começamos a explorar o ambiente. O espaço era bem grande, um galpão desativado que abriga ONGs, o

grupo Alcoólicos Anônimos, uma academia improvisada que oferece aulas de lutas e a sede da Folia de Reis Sagrada Família.

Na sede da Folia, que funciona em uma sala dentro do galpão, havia quadros com imagens da Sagrada Família, da Santa Ceia, velas, tudo muito enfeitado, com muitas fitas coloridas, uma beleza de se apreciar. Guto registrou cada detalhe: o altar, os integrantes da folia se arrumando, afinando os instrumentos...

Por volta das 21 horas, iniciaram os trabalhos. Do lado de fora, homens, mulheres com crianças pequenas, moradoras da comunidade da Mangueira e de outros bairros, como São Cristóvão e Méier, começaram a chegar e aguardar dentro do prédio da Alcoa, na parte externa.

Na sala da Folia, Primo Mestre iniciou a oração, pedindo proteção para os trabalhos e rezando um Pai Nosso e uma Ave Maria. Depois, os integrantes da Folia saíram da sala e se posicionaram na parte ao ar livre do prédio. Eles começaram a tocar. Nisso, surgem os palhaços. Eram quatro: apenas um é morador da Candelária, Kleiton, ou seja, o palhaço Trinca Ferro; outros dois são da Cidade de Deus e o quarto vive em São Cristóvão. Quando os palhaços começaram a dançar, as crianças entraram em pânico e saíram correndo. Porque eles se vestem com roupas coloridas como se fossem farrapos e colocam máscaras de bichos, com pelos, chifres, representando os soldados de Eodes, que, pela história, tiveram que se esconder para não serem reconhecidos pelo rei, já que eles não cumpriram a missão de matar o menino Jesus. Ao ver os palhaços, lembrei-me logo dos bate-bolas ou Clóvis dos blocos de carnaval cariocas, só que mais feios.

Em seguida, os integrantes da Folia tocaram até a rua, os palhaços ficaram no meio da pista da Rua Visconde de Niterói, dançando e pedindo para os ônibus pararem. Ao lado do prédio da Alcoa, havia uma igreja evangélica, onde acontecia uma festa infantil. Vários participantes da comemoração na igreja foram para o lado de fora do prédio, se debruçaram no muro para ver a Folia tocar. Os integrantes rodaram várias vezes na calçada; parecia que estavam fazendo uma limpeza no ambiente e tocando os instrumentos. Esse ritual levou alguns minutos e, depois, eles entraram no prédio e se dirigiram ao salão onde seria servido o jantar. Eles se posicionaram em frente a uma grande mesa em que havia um quadro da Sagrada Família, com uma vela acesa e um prato com comida, como uma oferenda. Após tocarem mais um tempo, eles guardaram os instrumentos, como triângulo, pandeiro, surdo, violão, para iniciar a refeição. No cardápio, uma feijoada com todos os seus

complementos: arroz, farofa, couve e laranja, regada a muito vinho, água e refrigerante para quem não quisesse consumir bebida alcoólica. Somente depois que os componentes da Folia comeram, os outros puderam jantar.

Em seguida, aproveitamos a pausa da cantoria, para fazer o registro do movimento na parte externa do prédio. Não havia muitos convidados, não passavam de algumas dezenas. Lá fora, encontramos os palhaços sentados no meio fio, bebendo... Aproveitei para me aproximar e perguntei se poderia fazer algumas perguntas, estava sem microfone externo na câmera, mas não podia perder aquela oportunidade. Perguntei os significados da máscara, das roupas coloridas e da dança. Cláudio, um dos palhaços, explicou que as roupas costuradas em tiras, representavam os farrapos utilizados pelos soldados de Erodes, para esconderem-se do rei, fazendo uma alusão à história cristã. Ele disse ainda que algumas pessoas fazem a associação do palhaço com o lado negativo, com o “diabo”, porque, segundo ele, realmente o integrante da Folia tem a proposta de retirar o negativo das casas em que dança.

Uma questão interessante que foi dita por Kleiton, palhaço que mora na Candelária, é que, ao colocar a roupa, por mais vinho que beba, ele não fica alcoolizado, é como se a roupa fosse uma proteção, uma “blindagem”, ao passo que, sem ela, afirmou ser fraco para a bebida.

Depois do bate-papo com os palhaços, Guto e eu decidimos fazer uma boquinha, pra quem gosta de feijoada carregada, com muita carne e salgados, estava perfeita. Como esse não é meu caso – não como carne vermelha –, optei pelo arroz, a farofa e a couve, que estavam ótimos.

Após o jantar, a expectativa era pela chegada das outras Folias. Já passava da meia-noite, quando o primeiro grupo, vindo de Nova Iguaçu, chegou em uma van. Como havia alguns integrantes da Sagrada Família na calçada, foi o momento da correria. Uma criança que também participava correu, gritando: “Chegou a Folia! Chegou a Folia!”

Imediatamente, os componentes da Sagrada Família se arrumaram, pegaram os instrumentos, se posicionaram e foram tocando em direção à porta da Alcoa. Ao mesmo tempo, o pessoal da folia de Nova Iguaçu já estava na porta do prédio, perfilado e tocando. Uma foi em direção à outra, quando Eliane, a porta-bandeira da Sagrada Família, ajoelhou e reverenciou o símbolo maior do grupo convidado. O ritual foi repetido pelo integrante da Folia convidada. Quanta energia e vibração! Os

palhaços da Folia da Baixada dançavam, a batida contagiava quem compartilhava aquele momento de festa e de confraternização, aquele estar-junto efêmero.

Os integrantes da Sagrada Família abriam o caminho para a Folia convidada em direção ao salão do jantar e, quando a gente olha pro lado de fora do prédio, o que a gente vê? Mais duas Folias posicionadas na calçada da Visconde de Niterói. Ouvi uma senhora comentando com a outra: “Quando uma Folia chega, chega uma atrás da outra.”

Lá vamos nós, fomos ver o que estava acontecendo do lado de fora do prédio. Guto registrando todos os detalhes, e eu conversando com as pessoas. Os outros dois grupos vieram de Mesquita e de Cabuçu, ambos da Baixada Fluminense. Segundo o anfitrião da festa, Primo Mestre, viriam Folias de outros municípios do estado do Rio, como Cordeiro e Volta Redonda, mas os grupos não tinham hora para chegar, porque a festa acontece até de manhã, quando os palhaços fazem um show à parte.

Procurei fazer uma reflexão do que estava vendo, tentando relacionar com a minha dissertação de Mestrado. Lembrei logo do texto do Hobsbawn, em relação às tradições inventadas, e fiquei me questionando: a Folia de Reis, uma festa típica de Minas Gerais pode ser considerada uma tradição inventada atualmente na Candelária?

Pude perceber, na rápida conversa que tive com Hevalcy, uma dificuldade de manter a Folia “viva” dentro da comunidade da Mangueira. Houve um “esvaziamento”, a partir do momento em que não há mais a tradição de passar os ensinamentos ou a cultura de valorização da Folia de geração para geração. Ao mesmo tempo, percebe-se, nos integrantes da Folia, um amor, um respeito, um orgulho, que transborda e supera as dificuldades econômicas e os preconceitos de que são alvo.